

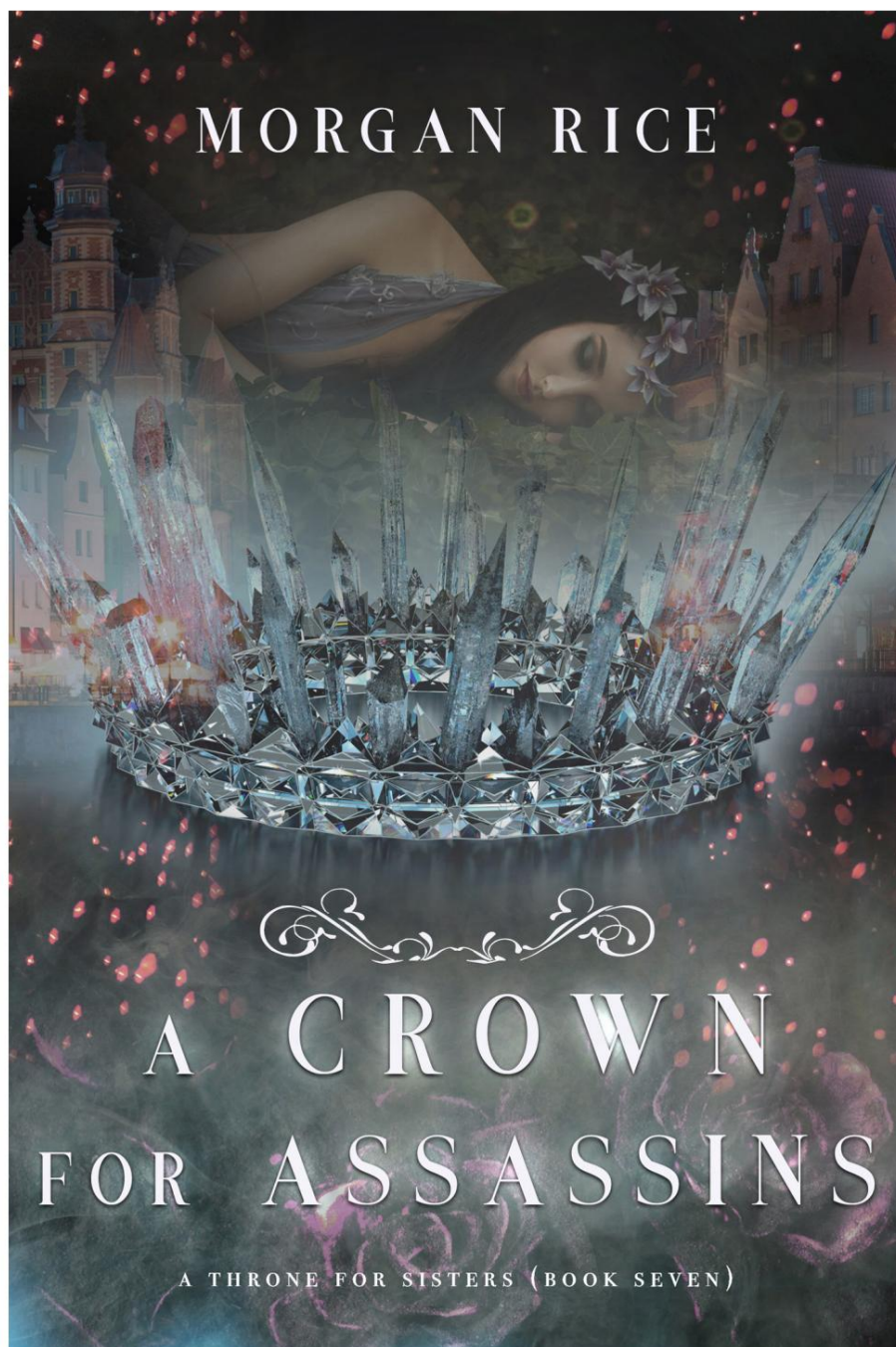
MORGAN RICE



A CROWN
FOR ASSASSINS

A THRONE FOR SISTERS (BOOK SEVEN)





UMA COROA PARA ASSASSINO

(UM TRONO PARA IRMÃS - LIVRO 7)

ARROZ MORGAN

Arroz Morgan

Morgan Rice é o autor best-seller nº 1 e best-seller do USA Today de a série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série de best-sellers #1 THE VAMPIRE JOURNALS, composta por doze livros; da série best-seller nº 1, A TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série épica de fantasia REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por 8 livros; da nova série épica de fantasia A TRONO PARA IRMÃS, composta por oito livros (e contando); e da nova série de ficção científica AS CRÔNICAS DA INVASÃO. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições impressas e em áudio, e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADO](#) (Livro #1 nos Diários de Vampiros) [ARENA ONE](#) (Livro #1 da Trilogia Sobrevivência) e [UMA BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 no Anel do Feiticeiro) e [A ASCENSÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros—Livro #1) estão disponíveis para download gratuito na Kobo!

Morgan adora ouvir de você, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de e-mail, receber um livro gratuito, receber brindes gratuitos, baixar o aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, conectar-se no Facebook e Twitter e manter contato!

Selecione Acclaim para Morgan Rice

“Se você pensou que não havia mais razão para viver após o fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, você estava errado. Em RISE OF THE DRAGONS, Morgan Rice apresentou o que promete ser outra série brilhante, mergulhando-nos em uma fantasia de trolls e dragões, de valor, honra, coragem, magia e fé em seu destino. Morgan conseguiu novamente produzir um conjunto forte de personagens que nos fazem torcer por eles em cada página... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que amam uma fantasia bem escrita.”

--Resenhas de livros e filmes

Roberto Mattos

“Uma fantasia repleta de ação que certamente agradará aos fãs dos romances anteriores de Morgan Rice, junto com os fãs de obras como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini.... Os fãs de ficção para jovens adultos vão devorar este último trabalho de Rice e implorar por mais.”

--*The Wanderer, A Literary Journal* (sobre *Rise of the Dragons*)

“Uma fantasia espirituosa que tece elementos de mistério e intriga em seu enredo. ***A Quest of Heroes*** tem tudo a ver com criar coragem e realizar um propósito de vida que leva ao crescimento, maturidade e excelência... bem na evolução de Thor de uma criança sonhadora para um jovem adulto enfrentando chances impossíveis de sobrevivência.... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos.”

--*Midwest Book Review* (D. Donovan, revisor de e-books)

“THE SORCERER'S RING tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, contratramas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos florescentes repletos de corações partidos, enganos e traições. Ele irá mantê-lo entretido por horas e irá satisfazer todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores de fantasia.”

--Resenhas de livros e filmes, Roberto Mattos

“Neste primeiro livro cheio de ação da série épica de fantasia O Anel do Feiticeiro (que atualmente tem 14 livros), Rice apresenta aos leitores Thorgrin “Thor” McLeod, de 14 anos, cujo sonho é se juntar à Legião de Prata, a elite cavaleiros que servem ao rei.... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro #1)

CHEGADA (Livro #2)

O CAMINHO DO AÇO

SÓ OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UM TRIBUNAL PARA LADRÕES (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃOS (Livro #3)

UMA LENDÁRIA PARA PRÍNCIPES (Livro #4)

UMA JÓIA PARA A REALIDADE (Livro #5)

UM BEIJO PARA RAINHAS (Livro #6)

UMA COROA PARA ASSASSINO (Livro #7)

UM FECHO PARA HERDEIROS (Livro #8)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVO, GUERREIRO, RAINHA (Livro #1)

LADRÃO, PRISIONEIRO, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HERÓI, TRAIADOR, FILHA (Livro #6)

REGENTE, RIVAL, EXÍLIO (Livro #7)

VICTOR, VENCEDO, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS VALENTES (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALOR (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS OUSADOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DOS REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro nº 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UMA CONCESSÃO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
O REGRA DAS RAINHAS (Livro #13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)
O PRESENTE DA BATALHA (Livro #17)

A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: SLAVERSUNNERS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)
ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, CAÍDO

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

OS DIÁRIOS DO VAMPIRO

TRANSFORMADO (Livro #1)
AMEI (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
DESTINADO (Livro #4)
DESEJADO (Livro #5)
NOIVOS (Livro #6)
PROMETIDO (Livro #7)
ENCONTRADO (Livro #8)
RESSURREITO (Livro nº 9)

DESEJO (Livro #10)

DESTINADO (Livro #11)

OBSSESSED (Livro #12)

Você sabia que eu escrevi várias séries? Se você ainda não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download de uma série inicial!



Quer livros grátis?

Assine a lista de e-mail de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicativo grátis, 1 jogo grátis, 1 graphic novel grátis e brindes exclusivos! Para se inscrever, visite:

www.morganricebooks.com _____

Copyright © 2018 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão prévia do autor. Este e-book é licenciado apenas para sua diversão pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou não foi comprado apenas para seu uso, devolva-o e compre sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ​​ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO UM

Sophia estava diante da Assembleia e tentou não se sentir sobrecarregada pelo esplendor de tudo isso, ou por tudo o que estava para acontecer hoje. Ao redor dela, os nobres estavam vestidos com o tipo de elegância que manteve os alfaiates e costureiras de Ashton ocupados por semanas, enquanto os soldados estavam em seus melhores uniformes de gala.

Não era apenas a nobreza, é claro. A Assembléia dos Nobres agora era uma assembléia de todos, com pessoas comuns em seus bancos, vestidas com o que puderam encontrar para a ocasião.

"Eu me sinto mal vestida", disse Sophia a Kate, que deu a Sophia o braço para se apoiar. Seu vestido branco simples parecia quase sem graça ao lado do ouro e das joias, das sedas e do brocado, e mesmo depois de ajustados pelas costureiras da cidade, ainda se esforçava para cobrir o inchaço de sua gravidez.

Ao lado dela, Sienne, seu gato da floresta, empurrou contra ela com um ronronar suave.

"É o dia do seu casamento", disse Kate. "Você é, por definição, o mais mulher bonita na sala."

"**Nossa** data de casamento," Sophia apontou, embora alguém que estivesse assistindo não saberia disso olhando para sua irmã. Kate estava de uniforme militar e Sophia duvidava que alguém tivesse ousado sugerir um vestido de noiva.

"Há apenas a pequena questão de sua coroação para cuidar primeiro"
Kate disse com um sorriso.

Sophia respirou com cuidado, sentindo a criança dentro dela se mover. Isso a fez sorrir. Todas essas semanas, e ainda era difícil acreditar que ela seria mãe em breve.

"Preparar?" Kate perguntou.

Sofia assentiu. "Estou pronto."

Kate a levou para fora, e os aplausos da multidão que esperava atingiram Sophia em uma parede de som. Havia tanta gente lá. Sophia podia ouvi-los e sentir a presença de seus pensamentos ao seu redor. Ela podia sentir uma mensagem mental de alegria daqueles com dons como o dela se espalhando pelo resto, embora houvesse poucos.

"Eu gostaria que Cora e Emeline pudessem estar aqui", disse Sophia.

"Eles estarão de volta assim que persuadirem os líderes de Stonehome a sair de se esconder novamente," Kate assegurou a ela.

Sophia meio que esperava que eles ficassem depois da batalha com um deles no trono.

Eu pensei que eles ficariam, Sophia enviou para sua irmã.

Kate deu de ombros. ***Eles estão acostumados a se esconder, e a maioria deles vive em Stonehome. Cora e Emeline vão recuperá-los. Agora vamos, sua carruagem está esperando.***

Era, e a ideia de que ela estaria indo para o casamento em uma carruagem dourada foi quase o suficiente para fazer Sophia rir. Se alguém lhe dissesse que este seria seu casamento quando ela crescesse, ela não teria acreditado. Ainda assim, a carruagem era necessária. Sophia não tinha certeza se seria capaz de fazer a viagem até a praça principal da cidade a pé no momento sem chegar exausta, então ela e Kate subiram na carruagem, quatro cavalos brancos puxando-a em um trote imponente, enquanto todos os membros da Assembléia seguiram atrás, aplaudindo seu apoio.

Se ao menos eles pudessem ser tão unidos quando estão debatendo, Sophia enviou para Kate.

Você conseguiu fazer muita coisa, Kate mandou de volta. ***Você deve estar fazendo algo certo.***

Sophia não tinha certeza do quanto ela tinha conseguido até agora. Oh, ela fez suas declarações no final da batalha por Ashton, e ela esperava que ela tivesse feito a vida melhor para as pessoas, mas a vida no reino era complexa. Parecia que para cada proposta que ela fazia, havia uma dúzia de objeções, sugestões, recomendações.

Tome a reconstrução de Ashton após a batalha. Se ela olhasse para fora de sua carruagem, Sophia podia ver prédios em reconstrução, soldados virando-se para trabalhadores enquanto trabalhavam na cidade, mas cada dia parecia trazer um novo debate sobre se este ou aquele prédio era mais apropriado, sobre quem possuía a terra, ou quem deveria fazer o trabalho agora que o trabalho escravo não era mais uma opção.

Isso é uma coisa que eu consegui, Sophia enviou enquanto passavam por um grupo de homens que usavam suas marcas de propriedade em bezerros nus, ninguém os incomodando ou tentando comandá-los agora que estavam livres. ***Se eu não fizer mais nada, isso será suficiente.***

Acho que você fará muito mais, Kate assegurou a ela.

Ao redor deles, a multidão continuava aplaudindo. Música tocava aqui e ali enquanto artistas de rua se juntavam às comemorações. Lord Cranston e seus

homens marcharam, juntando-se à procissão em passo perfeito enquanto se dirigiam para a praça. Alguém jogou alguma coisa e Kate pegou, parecendo cautelosa, mas era apenas uma flor. Sophia riu e o prendeu nas mechas curtas do cabelo de sua irmã o melhor que pôde.

“Vou fazer **algo** para que você pareça uma noiva”, disse Sophia.

“Para isso, não deveríamos nós dois estar usando máscaras?”

“Não”, disse Sophia com firmeza. Isso era uma coisa que ela tinha claro, pela mesma razão que nada disso aconteceria dentro da Igreja da Deusa Mascarada, mas na praça além.

Aquela praça estava tão lotada de pessoas que foram necessários soldados para manter um espaço livre em seu centro. Havia uma plataforma ali, enfeitada com sedas, com um trono ao lado de um altar. A atual alta sacerdotisa da Deusa Mascarada estava ali, junto com os primos de Sophia e Kate, Hans e Jan; Frig e Ulf estavam nas terras montanhosas, cuidando da reconstrução de Monthys, enquanto Rika, Oli e Endi estavam de volta a Ishjemme.

Lucas ficou ali também, resplandecente em suas vestes de seda, conseguindo olhar ambos encantados por suas irmãs e surpreendentemente inquietos ao mesmo tempo.

Você tem a sensação de que ele só quer tirar tudo isso do caminho para que ele possa ir procurar nossos pais? Sophia enviou para Kate.

Para que possamos olhar, Kate a corrigiu. ***Deve ser difícil esperar assim quando ele sabe onde procurar agora, e nem mesmo ter a perspectiva de um casamento para passar o tempo.***

Se algum de vocês acha que estou menos do que feliz por vocês, Lucas mandou para os dois, ***estão enganados. Eu não perderia este dia por nada.***

Você está pronta para ser rainha, Sophia?

Em resposta a isso, Sophia desceu da carruagem e caminhou até o palco enquanto a multidão aplaudia. Ela se virou para olhar ao redor das pessoas ali reunidas, sentindo a alegria delas e a esperança. Ela sabia que eles esperariam que ela falasse.

“Algumas semanas atrás, peguei Ashton à força”, disse ela. “Tomei decisões como rainha porque tinha um exército para me apoiar. Depois fui à Assembleia dos Nobres e apresentei-lhes o meu caso. Eles concordaram que eu fosse a rainha porque meu sangue me deu o direito a isso. Hoje, serei coroado, mas nenhuma dessas coisas parece suficiente. Então eu lhe pergunto: **você** me aceita como sua rainha?”

Quando o rugido de resposta veio, Sophia moveu-se para o trono e sentou-se ela mesma sobre isso. Hans avançou com uma coroa, uma coisa delicada cujos fios de platina e ouro se entrelaçavam para parecer videiras, flores cravejadas de joias dispostas ao longo de sua circunferência. Ele passou para a alta sacerdotisa da Deusa Mascarada. Esta era uma parte da cerimônia que Sophia poderia ter dispensado, mas se ela ia reunir toda Ashton, ela tinha que mostrar que estava disposta a aceitar todo o seu povo, incluindo os muitos seguidores da Igreja Mascarada.

“Pelo poder investido em mim pela Deusa Mascarada,” a alta sacerdotisa disse, então fez uma pausa como se lembrasse que ela deveria dizer mais, “pelo direito de seu sangue, a autoridade da Assembleia, e... aparentemente, a vontade de as pessoas, eu te nomeio Sophia, rainha deste reino.”

Os aplausos quando ela colocou a coroa na cabeça de Sophia foram quase ensurdecedores. Sophia olhou em volta para os rostos sorridentes das pessoas com quem se importava, e ela sabia que havia muito poucas coisas que poderiam fazê-la mais feliz.

Exceto, é claro, o casamento que estava para acontecer.

Sebastian estava na entrada do templo da Deusa Mascarada, desejando poder estar lá com Sophia no momento em que ela fosse coroada. Isso teria sido uma tradição quebrada longe demais, dado o que eles estavam prestes a fazer.

"Nervoso?" ele perguntou a Will, que estava de pé ao lado dele em seu uniforme de soldado. Sua família estaria lá fora no meio da multidão em algum lugar. Uma parte de Sebastian desejava que **sua** família ainda estivesse por perto para ver este momento, apesar de tudo que fizeram ao reino, a ele e a Sophia.

"Aterrorizado," Will o assegurou. "Você?"

Sebastião sorriu. "Estou feliz que isso esteja acontecendo, depois de tudo o que aconteceu antes."

Trombetas soaram, sinalizando sua deixa para seguir em frente e finalmente se casar com a mulher que amava. Ele se moveu pela multidão, sua roupa tão simples quanto a de Sophia, uma segunda metade para fazer um todo. As pessoas se afastaram para ele, e Sebastian ainda se surpreendeu um pouco com a boa vontade que pareciam ter por ele, apesar de todos os rumores que se espalharam sobre ele e apesar de tudo que sua família havia feito ao longo dos anos.

Ele subiu na plataforma e caiu de joelhos, a cabeça baixa em reconhecimento à sua rainha recém-coroadada. Sophia riu e se levantou, puxando-o para ficar de pé.

"Você não tem que fazer isso", disse ela. "Você nunca precisa se curvar para mim."

"Mas eu gosto", disse Sebastian. "Quero que as pessoas vejam que este é o seu reino. Que **você** é a rainha."

"E logo você será meu rei ao meu lado", disse Sophia. Ela parecia querer beijá-lo, e Sebastian **definitivamente** queria beijá-la, mas isso teria que esperar.

A alta sacerdotisa fez um pequeno som de aborrecimento, como se quisesse lembrá-los de que havia um casamento esperando.

"Estamos reunidos hoje para testemunhar o casamento da Rainha Sofia da Casa de Danse com o Príncipe Sebastião da Casa de Flamberg. Eles permanecem desmascarados à vista da deusa e um diante do outro."

Ele convenientemente deixou de fora a parte em que nenhum deles havia seguido a cerimônia tradicional em primeiro lugar. Sebastião deixou. O fato de estar se casando com a mulher que amava era a única coisa que importava.

"Agora", disse a alta sacerdotisa. "A rainha Sophia me diz que deseja dizer suas próprias palavras neste momento. Sua Majestade?"

Sophia estendeu a mão para tocar o rosto de Sebastian, e naquele momento o a multidão estava quieta o suficiente para que as palavras fossem levadas pela brisa.

"Quando eu te conheci," ela disse, "eu não sabia quem eu era. Eu não sabia onde me encaixava no mundo, ou mesmo se poderia. Eu sabia que eu te amava, no entanto. Essa parte era uma constante. Essa parte não mudou. Eu te amo, Sebastian, e quero passar o resto da minha vida com você.

Era a vez de Sebastian então, mas ele não havia preparado o que diria. Ele havia pensado que saberia quando chegasse a hora, e acabou que ele sabia.

"Nós passamos por tanta coisa," Sebastian disse. "Tive momentos em que pensei que tinha perdido você e momentos em que sabia que não te merecia. Tentei segui-lo além do reino e, no final, foi você quem me encontrou aqui. Eu te amo, Sofia." Ele parou por um momento e sorriu. "Nunca pensei que seria **eu** a casar com a realeza."

A alta sacerdotisa pegou suas mãos, colocando-as uma na outra. O coração de Sebastian pulsava com antecipação. Normalmente, isso teria sido

o momento em que ela os declarou casados, mas não era assim que Sophia queria as coisas.

Em vez disso, as buzinas soaram novamente.

Kate olhou para a entrada da Igreja da Deusa Mascarada, incapaz de conter sua excitação por muito mais tempo. Sua irmã sendo coroada e casada já teria feito deste um dos melhores dias de sua vida em qualquer outro momento, mas agora, parecia que ela esperou o suficiente. Ela assistiu com ansiosa antecipação quando Will saiu.

Nenhum deles parecia tão majestoso quanto Sophia e Sebastian, mas Kate estava bem. Eles eram soldados, não governantes. Era o suficiente que Will fosse o mesmo garoto lindo que ela viu pela primeira vez quando ele veio visitar a forja de seus pais.

Ele desceu em direção à plataforma, e no meio do caminho, Lord Cranston e seus homens sacaram suas espadas, formando um arco de aço para Will caminhar por baixo. Kate ficou feliz em vê-lo, e feliz que todos ainda estivessem vivos depois de todas as batalhas que travaram.

Will subiu na plataforma e Kate agarrou a mão dele, não esperando que alguma velha sacerdotisa murcha decidisse que era hora.

“Quando eu te conheci,” Will disse, “eu pensei que você era teimoso, teimoso, e provavelmente iria matar nós dois. Eu me perguntei que tipo de garota selvagem tinha entrado na forja dos meus pais. Agora eu sei que você é todas essas coisas, Kate, e isso é apenas uma parte do que a torna tão incrível. Eu quero ser seu marido até que as estrelas fiquem tão opacas que eu não consiga te ver, ou até **que eu** fique tão sem graça que comece a te atrapalhar.”

“Você não me atrasa,” Kate respondeu. “Meu coração está batendo mais rápido apenas olhando para você, por um lado. Eu gostaria de poder prometer me estabelecer com você e tornar as coisas pacíficas, mas nós dois sabemos que não é assim que o mundo funciona. A guerra pode vir mesmo nos momentos mais felizes, e não é da minha natureza esperar por ela. Ainda assim, até que lâmina ou arco ou apenas a velhice nos reivindique, eu quero que você seja minha.”

Não era o tipo tradicional de promessa, mas era o que estava no coração de Kate, e ela suspeitava que essa era a parte que contava. A alta sacerdotisa não parecia particularmente impressionada, mas de onde Kate estava, isso era apenas um bônus adicional.

"Agora que ouvimos suas próprias promessas um ao outro, peço-lhe,
Sophia da Casa Danse, você aceita Sebastian da Casa Flamberg como seu marido?"

"Eu faço", disse Sophia ao lado de Kate.

"E você, Kate da Casa Danse, aceita Will... filho de Thomas, o ferreiro, para ser seu marido?"

"Eu não acabei de dizer isso?" Kate apontou, tentando não rir da incapacidade da velha de compreender que alguém nascido de um ferreiro pode não ter um nome de casa. "Tudo bem, tudo bem, eu faço."

"Você, Sebastian da Casa Flamberg, aceita Sophia da Casa Danse como sua esposa?"

"Eu faço", disse Sebastian.

"E você aceita Kate da Casa Danse para ser sua esposa?"

— Sim — disse ele, parecendo mais feliz do que Kate suspeitava que alguém tivesse o direito de estar com a perspectiva de se unir a ela por toda a vida.

"Então é um prazer declarar que você é uma só carne, unida aos olhos da deusa," a sacerdotisa entoou.

Mas Kate não a ouviu. A essa altura, ela estava muito ocupada beijando Will.

CAPÍTULO DOIS

O Mestre dos Corvos observou sua frota com satisfação enquanto navegava para terra na costa norte do que já foi o reino da viúva.

A frota invasora era como uma mancha de sangue na água, os corvos voando acima em grandes bandos que mais pareciam nuvens de tempestade.

À frente havia um pequeno porto de pesca, dificilmente um começo adequado para sua campanha, mas depois do tempo que passaram no mar, seria uma amostra bem-vinda do que estava por vir. Os navios ficaram para trás, esperando seu sinal, e o Mestre dos Corvos parou por um momento para apreciar a beleza de tudo isso, a paz da costa iluminada pelo sol.

Ele acenou com a mão preguiçosamente e sussurrou, sabendo que uma centena de corvídeos murmuraria as palavras para seus capitães. "Que comece."

Os navios começaram a se mover como os componentes individuais de uma bela máquina da morte, cada um se encaixando em seu lugar designado enquanto se movia em direção à costa. O Mestre dos Corvos adivinhou que os capitães estariam competindo para ver quem poderia desempenhar suas funções com mais precisão, tentando agradá-lo com a obediência de suas tripulações. Eles nunca pareciam saber que ele se importava com pouco, exceto a morte que se seguiria.

"Haverá morte", ele murmurou quando um de seus animais de estimação pousou em sua ombro. "Haverá morte suficiente para afogar o mundo."

O corvo grasnou em concordância, como deveria. Suas criaturas tinham sido bem alimentadas nas últimas semanas, as mortes da batalha por Ashton ainda enchendo seus cofres de poder, mesmo quando novas mortes fluíam de todo o império do Novo Exército todos os dias.

"Haverá mais hoje", disse ele com um sorriso sombrio enquanto os dois soldados e pretensos soldados alinhados para defender sua casa na costa.

O canhão soou, os primeiros tiros ecoando pela água, os estrondos de seu impacto reverberando. Logo o ar estaria denso de fumaça, de modo que ele seria o único capaz de ver o que estava acontecendo, graças aos seus pássaros. Em breve, seus homens teriam que confiar absolutamente em suas ordens.

"Diga à terceira companhia para ir mais longe", disse ele a um de seus assessores. "Isto impedirá que alguém escape pela costa".

"Sim, meu senhor", respondeu o jovem.

"Tenha um barco de desembarque preparado para mim também."

"Sim, meu senhor."

"E lembre aos homens minhas ordens: aqueles que resistirem devem ser mortos sem piedade."

"Sim, meu senhor", disse o ajudante novamente.

Como se os capitães do Mestre dos Corvos precisassem ser lembrados. Eles sabiam suas regras agora, seus desejos. Sentou-se no convés de sua nau capitânia, observando balas de canhão atingirem carne e homens caindo sob a barragem de fogo de mosquete. Finalmente, ele decidiu que o momento era propício e foi até o barco de desembarque que estava sendo abaixado, verificando suas armas enquanto avançava.

"Remem", ele ordenou aos homens ali, e eles se esforçaram contra os remos, lutando para levá-lo à praia junto com suas tropas.

Ele ergueu a mão enquanto seus corvos o advertiam, e os homens pararam de remar a tempo de uma bala disparada de um canhão envelhecido atingir a água na frente deles.

"Continuar."

O barco de desembarque deslizou pelas ondas e, apesar da força esmagadora dos números do Novo Exército, alguns dos homens que esperavam saltaram para atacá-lo. O Mestre dos Corvos saltou para o cais para encontrá-los, suas lâminas subindo.

Ele empurrou o peito de um, então deu um passo para o lado quando outro balançou para ele. Ele aparou um golpe e derrubou outro homem com a eficiência casual de uma longa prática. Era tão tolo de homens como este pensar que poderiam esperar derrotá-lo, até machucá-lo. Apenas duas pessoas conseguiram isso em muito tempo, e tanto Kate Danse quanto seu detestável irmão morreriam por isso com o tempo.

Por enquanto, isso não era tanto uma luta, mas um massacre, e o Mestre da Os corvos se deleitavam com isso. Ele golpeou e empurrou, derrubando inimigos com cada movimento. Quando viu uma jovem tentando correr, parou para sacar uma pistola e atirar nas costas dela, depois continuou com seu trabalho mais urgente.

"Por favor," um homem implorou, jogando sua espada para baixo em rendição. O Mestre dos Corvos o eviscerou, depois passou para o próximo.

A matança era tão inevitável quanto absoluta. Uma dispersão de mal milícia armada não podia esperar para se defender contra tantos inimigos. Isso foi feito tão rapidamente que era difícil imaginar o que eles estavam tentando alcançar ficando de pé. Presumivelmente algo a ver com honra, ou alguma outra bobagem.

"Ah," o Mestre dos Corvos disse para si mesmo enquanto olhava através dos olhos de uma de suas criaturas e viu um grupo de pessoas fugindo para as colinas próximas, em direção ao sul. Ele voltou a si e olhou para o mais próximo de seus capitães. "Um grupo de aldeões está fugindo por uma trilha não muito longe daqui. Pegue homens e mate todos eles, por favor.

"Sim, meu senhor", disse o homem. Se o trabalho de matar o inocente o incomodava, ele não demonstrava. Mas então, se ele fosse um homem para recusar tais coisas, o Mestre dos Corvos o teria matado por isso há muito tempo.

O Mestre dos Corvos ficou no rastro da batalha, ouvindo o tipo de silêncio que só vinha com a morte. Ele ouviu os corvos quando eles pousaram para começar seu trabalho e sentiu o poder começar a fluir enquanto consumiam sua parte. Era uma gota lamentável em comparação com algumas das batalhas que aconteceram antes, mas haveria mais a seguir.

Ele enviou sua consciência para suas criaturas, deixando-as falar com sua voz.

"Esta cidade é minha", disse ele. "Submeta ou você vai morrer. Entregue todos aqueles que têm magia, ou você morrerá. Faça o que lhe é ordenado, ou você morrerá. Vocês não são nada agora, escravos e menos que escravos. Obedeça, e você evitará ser comida para os corvos por um tempo. Desobedeça e você morrerá."

Ele enviou suas criaturas para o ar, examinando a terra que ele havia tomado neste primeiro adiantamento. Ele podia ver o horizonte estendido longe dele, com todas as promessas de mais terras para conquistar, mais mortes para alimentar seus animais de estimação.

O Mestre dos Corvos normalmente não recebia visões. Na melhor das hipóteses, seus corvos lhe deram o suficiente para adivinhar o que aconteceria. Ele não era o feiticeiro da fonte, para arrancar os fios do futuro, e nem ela conseguira prever sua morte. Agora, porém, a visão veio correndo para ele, carregada nas asas de seus animais de estimação.

Ele viu uma criança, embalada nos braços de sua mãe, e ele reconheceu a rainha recém-coroadada do reino instantaneamente. Ele viu perigo por trás da criança, e mais do que perigo. A morte que ele havia evitado tanto tempo com a vida de outros espreitava na sombra deste bebê. Ele estendeu a mão para ele, com a inocência de uma criança, e o Mestre dos Corvos recuou, fugindo de volta para si mesmo.

Ele ficou ali no meio da cidade que havia tomado, balançando a cabeça.

"Está tudo bem, meu senhor?" seu ajudante perguntou.

"Sim", disse o Mestre dos Corvos, porque se ele admitisse a fraqueza, ele só teria que matar o homem. Se qualquer indício do medo que crescia dentro dele saísse, então todos que vissem morreriam. Sim, isso foi um pensamento...

"Mudei de ideia", disse. "Guardaremos a conquista para a próxima cidade. Arrase este. Mate cada habitante, homem, mulher ou... bebê de colo. Não deixe duas pedras juntas."

O ajudante não questionou isso, assim como seu capitão não questionou a caça aos fugitivos.

"Será como você ordena, meu senhor," ele prometeu.

O Mestre dos Corvos não tinha dúvidas de que seria. Ele ordenou, e as pessoas morreram em resposta. Se deveria haver uma criança que fosse uma ameaça para ele... bem, essa criança poderia morrer também, junto com sua mãe.

CAPÍTULO TRÊS

Emeline estava no coração de Stonehome e tentou conter um pouco de sua frustração enquanto olhava ao redor do círculo de pedra para todos os habitantes.

Cora e Aidan estavam ao lado dela, o que era algum apoio, mas quando todos os outros estavam tão contra eles, não parecia suficiente.

"Sophia nos enviou para convencê-lo a voltar para Ashton", disse Emeline, concentrando-se no local onde Asha e Vincente estavam sentados. Quantas vezes ela teve essa discussão lá agora? Levou todo esse tempo apenas para chegar ao ponto em que discutiriam isso juntos no círculo. "Não havia necessidade de você retornar a Stonehome após a batalha. Ela está construindo um reino onde nossa espécie é livre e não tem nada a temer."

"Sempre há **algo** a temer enquanto aqueles que nos odeiam existirem", Asha retrucou. "Ela poderia ter ordenado que as igrejas da Deusa Mascarada fossem fechadas. Ela poderia ter visto seus açougueiros enforcados por seus crimes.

"E isso teria reiniciado a guerra civil", disse Cora ao lado de Emeline.

"Melhor ter uma guerra do que viver ao lado daqueles que nos odeiam", disse Asha. "Que nos fizeram coisas que **nunca** podem ser perdoadas."

Vincente colocou em termos mais medidos, mas não foi muito mais útil.

"Este é um lugar onde construímos uma comunidade, Emeline. Este é um lugar onde podemos ter certeza de que estamos seguros. Não tenho dúvidas de que Sophia tem boas intenções, mas isso não é a mesma coisa que ser capaz de mudar as coisas."

Emeline teve que lutar contra a vontade de gritar com eles por sua estupidez. Cora deve ter visto isso, porque colocou a mão no braço de Emeline.

"Vai ficar tudo bem", ela sussurrou. "Eles vão ver sentido eventualmente."

"O que você chama de 'sentido'", Asha estalou do outro lado da pedra círculo, "Eu chamo de traição ao nosso povo. Estamos seguros **aqui**, não no mundo."

Emeline lançou-lhe um olhar zangado. Asha não poderia ter ouvido o sussurro de Cora de lá, o que significava que ela tinha lido a mente de Cora. Isso foi mais do que rude; era perigoso, especialmente quando Asha tinha sido a única a ensinar Emeline como arrancar memórias de alguém.

"As pessoas são livres para ir e vir se quiserem", disse Vincente. "Se Sophia realmente entregar um reino onde nossa espécie seja livre, as pessoas virão por vontade própria, sem a necessidade de emissários."

“E como será até lá?” Emeline respondeu. “Como será quando todos aqueles com presentes estiverem escondidos, como se tivessem vergonha deles? Vai parecer que não somos uma ameaça, ou vai dar espaço para as pessoas afirmarem que estamos tramando em segredo? Para que os velhos rumores reapareçam?”

A parte mais difícil sobre a multidão ao redor deles era que era impossível para Emeline avaliar o efeito que suas palavras estavam tendo. Com outra multidão, ela poderia ter procurado sentir seus pensamentos, ou pelo menos ouvi-los conversando entre si. Aqui, as conversas eram coisas silenciosas de pensamentos oscilando para frente e para trás, bem direcionados o suficiente para que ela não fizesse parte disso.

“Talvez você tenha razão”, disse Vincente.

“Eles **não**”, respondeu Asha. “São eles que nos tornaram menos seguros, fazendo com que as pessoas saibam onde estamos.”

“Nós não contamos a ninguém”, disse Cora.

Asha bufou. “Como se eles não pudessem ter tirado isso da sua cabeça. Se vocês não foram enviados pela rainha, eu levaria todos os pensamentos que você tem para isso.”

“Não”, disse Aidan, colocando uma mão protetora no ombro de Cora. “Você não faria.”

Vincente se levantou, sua altura total mais do que impressionante o suficiente para acalmar as coisas. “Já chega de brigas. Asha, as novas defesas serão mais que suficientes para nos proteger, mesmo que as pessoas nos encontrem. Quanto ao resto... sugiro uma visita.

“Uma visão?” Emeline perguntou.

Vincente fez um gesto que abarcou a multidão ao redor deles. “Juntamos nossas mentes e vemos o que resultará de cada ação. Não é perfeito, mas nos ajudará a decidir o que devemos fazer.”

A ideia de juntar sua mente a tantas outras era preocupante, mas se isso lhe desse uma chance de persuadi-los, Emeline não iria se conter.

“Tudo bem”, disse ela. “Como fazemos isso?”

Simplesmente conecte sua mente com a dos outros, Vincente enviou. ***Eles estão esperando.***

Emeline estendeu a mão com seu presente, e agora ela podia sentir as mentes daqueles ao redor do círculo esperando por ela. Eles estavam abertos agora de uma maneira que não tinham estado antes. Ela respirou fundo e mergulhou entre eles.

Ela era ela mesma, e não ela mesma, tanto uma partícula individual de pensamentos quanto a nuvem maior deles que flutuavam juntos. Com tantos deles em

um lugar, havia poder aqui que era mais do que uma pessoa jamais poderia ter possuído. Esse poder entrou em foco, e Emeline sentiu a mão de Vincente guiando-o com o que ela suspeitava ser habilidade nascida de longa prática.

Concentre-se no futuro, ele mandou. **Ao ver o que acontecerá se**— Ele não foi além disso, porque naquele momento, uma visão os ultrapassou com a força de um incêndio florestal.

Havia **fogo** na visão. Ele cintilou sobre os telhados de Ashton, consumindo, destruindo. Soldados em uniformes ocre marcharam pelas ruas, matando pelo caminho. Emeline ouviu mulheres gritando de dentro das casas, viu homens sendo mortos enquanto fugiam pelas ruas. A visão parecia flutuar pelas ruas, mal dando a todos tempo suficiente para absorver a carnificina enquanto se dirigiam para o palácio.

Ao redor deles, a destruição de Ashton fez Emeline doer só de assistir. A matança foi horrível, mas estranhamente, a perda dos lugares em que ela cresceu foi quase tão ruim. Ver as barcaças queimando no rio a fez pensar naquela em que tentara escapar da cidade. Ver o mercado cheio de cadáveres em vez de barracas fez seu coração se partir.

Eles chegaram ao palácio, e o Mestre dos Corvos estava esperando. Não havia dúvida de quem ele era, em seu casaco comprido antiquado e com seus pássaros voando em círculos. Mesmo nesta imagem, a visão dele fez Emeline estremecer, mas ela não conseguia desviar o olhar. Ela o observou marchando pelo palácio, matando com tanta facilidade que quase parecia inconsequente para ele.

A imagem mudou, e ele estava de pé em uma varanda, um bebê em seus braços. Instintivamente, Emeline sabia que era filho de Sophia. Havia um brilho nela que a lembrou dos pensamentos de Sophia, e Emeline queria estender a mão para proteger a criança.

Não havia nada que ela pudesse fazer aqui, no entanto, exceto assistir enquanto o Mestre dos Corvos levantava o bebê, enquanto ele a segurava acima de sua cabeça. Enquanto os corvos desciam para se alimentar...

Emeline engasgou quando ela voltou para seu corpo, seu coração acelerado. Ao redor do círculo, ela podia ver outras pessoas olhando para cima, atordoadas ou abaladas. Ela sabia que eles tinham visto todas as mesmas coisas que ela tinha visto. Esse tinha sido o ponto.

"Temos que ajudá-los", disse Emeline, assim que teve fôlego suficiente para fazê-lo.

"O que?" perguntou Cora. "O que está acontecendo?"

"O Mestre dos Corvos vai queimar Ashton", disse Emeline. "Ele vai matar o bebê de Sophia. Nós vimos isso em uma visão."

Instantaneamente, a expressão de Cora foi definida. "Então temos que detê-lo." Emeline a viu olhar ao redor do círculo de pessoas. "Temos que detê-lo."

"Você quer que mais do nosso povo morra por você?" Asha exigiu, de do outro lado do círculo. "Não caiu o suficiente apenas para dar o trono ao seu amigo?"

"Já ouvi falar desse homem", disse Vincente. "Ir contra ele seria perigoso. É pedir demais."

"Muito para pedir que você ajude a salvar uma criança?" Emeline exigiu, ouvindo sua voz subir.

"Não nosso filho," Asha disse.

Ao redor deles, o círculo zumbia com pensamentos. Isso só irritou Emeline mais, porque a lembrou de quanto poder havia em Stonehome.

"Não é teu?" Emeline rebateu. "Ela será a herdeira do trono. Se você quiser que este seja seu reino ao invés de um lugar onde você se esconde, ela é sua responsabilidade tanto quanto de qualquer outra pessoa."

Vicente balançou a cabeça. "O que você quer que façamos? Não podemos lutar contra todo o Novo Exército em Ashton."

"Então traga a criança **aqui**," Emeline respondeu. "Traga **todos** aqui. Ashton pode cair, mas este é um lugar seguro. Ele foi **projetado** para ser seguro. Você mesmo disse que havia novas defesas.

"Defesas para nós," Asha respondeu. "Muros de poder que exigem grande esforço manter. Devemos proteger o valor de uma cidade de pessoas que não podem contribuir para isso? Quem sempre nos odiou?"

Cora falou então. "Quando cheguei aqui, me disseram que Stonehome era um lugar seguro para quem precisasse, não apenas para aqueles com magia. Isso foi uma mentira?"

O silêncio cumprimentou suas palavras, e Emeline podia adivinhar qual seria a resposta antes mesmo que Vincente a desse.

"Você nos forçou a uma luta", disse ele. "Não vamos escolher outro de boa vontade. Vamos deixar isso passar e vamos renascer das cinzas. Não podemos ajudá-lo."

"Não vou," Emeline o corrigiu. "E se você não vai, então eu vou fazer isso sozinho."

"Nós vamos", disse Cora.

Emeline assentiu. "Se você não ajudar, então iremos para Ashton. Veremos o bebê de Sophia a salvo.

"Você vai morrer," Asha disse. "Você acha que pode enfrentar um exército?"

Emeline deu de ombros. "Você **acha** que eu me importo?"

"Isso é loucura", disse Asha. "Devemos impedi-lo de sair para sua própria segurança."

Emeline estreitou os olhos. "Você acha que você poderia?"

Sem esperar por uma resposta, ela se levantou e deixou o círculo. Não havia mais sentido em debater, e cada momento que esperavam era outro em que o bebê de Sophia estava em perigo.

Eles tinham que chegar a Ashton.

CAPÍTULO QUATRO

Sophia não conseguiu convencer ninguém de uma festa de casamento luxuosa, mesmo que soasse como o tipo de coisa que os nobres antes dela poderiam ter jogado. Olhando ao redor do gramado do palácio, porém, ela estava grata por não ter sido capaz de cancelar. Ver tanta gente ali, sentir sua alegria, só a fez vibrar de felicidade.

“Há muitas pessoas que querem nos parabenizar,” Sebastian disse, seu braço ao redor dela.

“Eles sabem que eu saberei se eles falam sério, certo?” Sofia respondeu. Ela esfregou a parte inferior das costas. Havia uma dor profunda ali que a fez querer se sentar, mas ela também queria poder dançar com Sebastian, só um pouco.

“Eles querem dizer isso”, disse Sebastian. Ele gesticulou para onde algumas das nobres da corte estavam de pé, ou dançando ao som de cordas e flautas. “Até eles estão felizes por você. Acho que eles gostam de viver em um tribunal onde não precisam fingir o tempo todo.”

“Eles estão felizes por nós,” Sophia o corrigiu. Ela pegou a mão dele, levando-o para o gramado que servia como pista de dança. Ela deixou Sebastian tomá-la em seus braços, os músicos ao lado tomando a deixa dos dois e diminuindo um pouco o ritmo da dança.

Ao redor deles, as pessoas giravam juntas, com muito mais energia do que Sophia poderia controlar agora. A dor de suas costas tinha se espalhado para sua barriga agora, e ela aproveitou isso como seu momento para se afastar da dança. Duas cadeiras, dois **tronos**, foram colocados ao lado do gramado para ela e Sebastian. Sophia pegou o dela com prazer, e Sienna correu para se enroscar a seus pés.

“Isso me lembra um pouco da dança em que nos conhecemos”, disse ela.

“Existem diferenças”, disse Sebastian. “Menos máscaras, para começar.”

“Eu prefiro assim”, disse Sophia. “As pessoas não devem sentir que precisam esconder quem são apenas para se divertir.”

Havia outras diferenças também. Havia pessoas comuns aqui, além de nobres, um grupo de mercadores conversando de um lado, a filha de um tecelão dançando com um soldado. Havia pessoas lá que haviam sido contratadas uma vez, agora livres para participar das festividades em vez de ter que servir lá. Várias garotas que Sophia reconheceu da Casa dos Não Reivindicados estavam de um lado, parecendo mais felizes do que nunca.

"Suas majestades", disse um homem, aproximando-se deles e curvando-se. Seu manto vermelho e dourado parecia brilhar contra a escuridão de sua pele, enquanto seus olhos eram tão pálidos que eram quase lavanda. "Eu sou o Alto Comerciante N'ka do Reino de Morgassa. Sua gloriosa majestade envia saudações por ocasião de seu casamento e me convidou a viajar até aqui para discutir o comércio com seu reino.

"Nós ficaríamos felizes em falar sobre isso", disse Sophia. O mercador começou a dizer alguma coisa, e uma olhada em seus pensamentos sugeriu que ele estava planejando negociar um tratado inteiro naquele momento. "Depois do dia do meu casamento, no entanto?"

"Claro, majestade. Estarei em Ashton por algum tempo."

"Por enquanto, aproveite as comemorações", sugeriu Sophia.

O mercador fez uma reverência profunda e voltou para a multidão. Até parece sua abordagem deu permissão a todos os outros, mais uma dúzia de pessoas se apresentaram, de nobres em busca de promoção a comerciantes com mercadorias para vender e pessoas comuns que tinham queixas. A cada vez, Sophia dizia a mesma coisa que havia dito ao mercador, esperando que fosse o suficiente, e que eles aproveitassem o resto da noite.

Uma pessoa que não parecia estar gostando tanto das festividades foi Lucas. Ele estava parado em um canto com uma taça de vinho, cercado por uma variedade de belas jovens nobres, e ainda não havia sorriso em seu rosto.

Está tudo bem? Sophia mandou para ele.

Lucas sorriu em sua direção, então estendeu as mãos. ***estou feliz por você e Kate, mas parece que todas as mulheres aqui tomaram isso como uma indicação de que eu deveria me casar em seguida, e com elas.***

Bem, você nunca sabe, Sophia mandou de volta, ***talvez um deles se transforme para ser perfeito para você.***

Talvez, Lucas mandou, embora não se sentisse nem remotamente convencido.

Não se preocupe, em breve estaremos indo atrás de nossos pais por terrenos perigosos, prometeu Sophia, ***e você não terá que lidar com o negócio assustador das celebrações reais.***

Em resposta a isso, Lucas disse algo para uma das mulheres perto dele, estendendo a mão e levando-a para a pista de dança. Claro, ele fez isso perfeitamente, dançando com o tipo de elegância e graça que provavelmente veio de anos de instrução. O oficial Ko, o homem que o havia criado, o teria visto treinado nisso com tanto cuidado quanto em tudo o mais.

Kate e Will já estavam lá, embora parecessem tão envolvidos um no outro que ignoravam a música. Provavelmente não ajudava que sua irmã fosse melhor com uma espada do que dançando, enquanto Sophia duvidava que Will conhecesse muitas danças formais da corte.

Os dois pareciam felizes o suficiente apenas nos braços um do outro, sussurrando um para o outro e ocasionalmente se beijando. Sophia não ficou totalmente surpresa quando eles saíram juntos na direção do palácio enquanto ninguém mais estava olhando, fazendo isso tão suavemente que Sophia duvidou que alguém tivesse notado.

Uma parte dela desejava que ela e Sebastian pudessem fazer o mesmo; isso foi sua noite de núpcias, afinal. Infelizmente, embora o novo chefe do exército pudesse evitar a atenção das pessoas por um tempo, Sophia suspeitava que eles notariam se a rainha e o rei saíssem da festa mais cedo.

O melhor era aproveitar o momento enquanto estava lá, aceitando que todas aquelas pessoas tinham vindo aqui porque queriam desejar o melhor para ela e Sebastian.

Sophia se levantou novamente, indo até uma das mesas onde a comida era servida em grandes travessas que poderiam ter alimentado centenas mais. Começou a catar a perdiz e o javali assado, as tâmaras açucaradas e outras delícias que jamais imaginara quando criança na Casa dos Não Reivindicados.

“Você sabe que poderia pedir a um servo que lhe trouxesse comida?” Sebastian disse, embora o fizesse com um sorriso que dizia a Sophia que ele já sabia qual seria a resposta dela.

“Ainda parece estranho ordenar que as pessoas façam coisas para mim que eu poderia fazer por mim mesma”, disse ela.

“Como a rainha, eu diria que você deveria se acostumar com isso,” Sebastian disse, “exceto que eu acho que provavelmente é bom que você não esteja. Talvez todo o reino fosse melhor se as pessoas se lembrassem de como é não ser quem dá ordens.”

“Talvez,” Sophia concordou. Ela podia ver as pessoas observando-os agora, e uma rápida olhada nos pensamentos daqueles ao seu redor lhe disse que eles estavam esperando que ela falasse. Ela não tinha planejado isso, mas mesmo assim, ela sabia que não poderia decepcioná-los.

“Meus amigos”, disse ela, pegando um copo de suco de maçã fresco. “Obrigado todos vocês por terem vindo a esta celebração. É bom ver tantas pessoas que Sebastian e eu conhecemos e amamos, e tantos mais de vocês.

terá a oportunidade de saber nos próximos dias. Este dia não poderia ter acontecido sem todos vocês. Sem amigos, sem ajuda, Sebastian e eu provavelmente teríamos sido mortos há muitas semanas. Nós não teríamos um ao outro, ou este reino. Não teríamos a chance de melhorar as coisas.

Para tudo de você."

Ela ergueu o copo em um brinde que os outros rapidamente fizeram. Sobre impulso, ela se virou e beijou Sebastian. Isso gerou aplausos que ecoaram pelos jardins, e Sophia decidiu que eles não teriam que fugir como Kate e Will; se eles anunciassem que iriam, as pessoas provavelmente os levariam de volta para seus quartos. Talvez eles devessem tentar.

Talvez... Ela

sentiu os primeiros espasmos dentro dela, seus músculos se contraindo com tanta força que quase dobrou Sophia. Ela soltou um profundo gemido de dor que a deixou lutando para respirar.

"Sofia?" disse Sebastião. "O que é isso? Você está bem?"

Sofia não conseguiu responder. Ela mal podia ficar de pé quando uma nova contração de seus músculos a atingiu com tanta força que ela gritou com ela. Ao redor dela, a multidão murmurou, alguns obviamente parecendo preocupados quando a música parou.

"É veneno?"

"Ela está doente?"

"Não seja estúpido, é óbvio..."

Sophia sentiu a umidade escorrer por suas pernas quando sua bolsa estourou. Depois de tanto tempo esperando, agora parecia que tudo estava determinado a acontecer rápido demais.

"Eu acho... eu acho que o bebê está vindo," ela disse.

CAPÍTULO CINCO

Endi, Duque de Ishjemme, escutou o ranger das grandes estátuas enquanto seu os homens os arrastaram até a praia, odiando o som, mas gostando do que ele representava. Liberdade para Ishjemme. Liberdade para o seu povo. Hoje seria um símbolo e um sinal que as pessoas não esqueceriam.

“Devíamos ter destruído as estátuas dos Danses anos atrás”, disse ele ao irmão.

Oli assentiu. “Se você diz, Endi.”

Endi percebeu o tom de incerteza. Ele deu um tapinha no ombro do irmão e sentiu Oli se encolher. “Você não concorda, irmão? Vamos, você pode me dizer a verdade. Não sou um monstro que só quer ouvir as pessoas dizerem sim.”

“Bem...” Oli começou.

“Sério, Oli,” Endi disse. “Você não deveria ter medo de mim. Você é minha família.”

“É que essas estátuas fazem parte da nossa história”, disse Oli.

Agora Endi entendia. Ele deveria ter adivinhado que seu irmão estudioso odiaria destruir qualquer coisa ligada ao passado, mas **era** passado, e Endi queria fazer com que continuasse assim.

“Eles controlaram nossa casa por muito tempo”, disse Endi. “Enquanto tivermos lembretes deles sentados ao longo dos fiordes ao lado de nossos verdadeiros heróis, será uma afirmação de que eles podem voltar sempre que quiserem nos governar. Você entende, Oli?”

Oli assentiu. “Compreendo.”

“Bom”, disse Endi, e sinalizou para seus homens começarem o trabalho com machados e martelos, quebrando as estátuas, reduzindo-as a escombros que serviriam apenas para construir. Apreciou a visão das imagens de Lord Alfred e Lady Christina se separando. Era um lembrete de que Ishjemme não estava mais em dívida com eles ou seus filhos.

“As coisas vão mudar, Oli”, disse Endi, “e mudar para melhor. Haverá casas para todos os que precisarem, segurança para o reino, melhor comércio...”

Como estão as coisas com meu esquema de canais?”

Foi um plano ousado, tentar conectar os fiordes de Ishjemme, dado o número de montanhas que ficavam no interior da península, mas se conseguissem, Ishjemme poderia se tornar tão rico quanto qualquer um dos estados mercantis. Isso também

significava que seu irmão tinha algo útil para fazer, acompanhar o progresso, certificar-se de que havia bons mapas para usar.

"É difícil ir", disse Oli. "Cortar montanhas e construir eclusas para os barcos exige muitos homens."

"E muito tempo", disse Endi, "mas chegaremos lá. Nós devemos."

Mostraria ao mundo o que Ishjemme poderia ser. Isso mostraria à sua família o quanto a tradição os havia impedido. Com um projeto como esse em seu nome, provavelmente todos os seus irmãos e irmãs reconheceriam que ele sempre deveria ter sido o herdeiro de seu pai.

"Já tivemos que redirecionar várias seções", disse Oli. "Há fazendas no caminho, e as pessoas estão relutantes em deixar suas casas."

"Você ofereceu dinheiro a eles?" Endi perguntou.

Oli assentiu. "Como você disse, e alguns foram embora, mas há pessoas que vivem lá há gerações".

"O progresso é necessário", disse Endi, enquanto o estalo dos martelos contínuo. "Mas não se preocupe, o problema será resolvido em breve."

Eles caminharam até onde mais homens estavam trabalhando em navios. Endi fazia questão de saber sobre todos os navios que chegavam ao porto agora. Ele passou tempo suficiente lidando com espiões e assassinos para saber com que facilidade eles poderiam entrar. Ele observou o progresso dos homens enquanto trabalhavam para substituir algumas das embarcações que ainda estavam presas na água. Ishjemme tinha que ser defendido.

"Endi, posso te fazer uma pergunta?" disse Oli.

"Claro que pode, irmão", disse Endi. "Embora você seja o inteligente. Suspeito que não há muitas coisas que você possa me perguntar que já não tenha lido em um de seus livros.

Na verdade, Endi suspeitava que havia muitas coisas que ele sabia que seu irmão não sabia, principalmente sobre os segredos que as pessoas guardavam, ou as coisas que as pessoas faziam para conspirar umas contra as outras. Esse era o seu mundo.

"É sobre Rika," Oli disse.

"Ah," Endi respondeu, inclinando a cabeça para o lado.

"Quando você vai deixá-la sair de seus quartos, Endi?" Oli perguntou. "Ela foi enfiado lá há semanas."

Endi assentiu com tristeza. Seu irmão mais novo estava se mostrando surpreendentemente intransigente. "O que gostaria que eu fizesse? Eu não posso deixá-la sair quando ela está com esse humor rebelde dela. O melhor que posso fazer é mantê-la confortável com

a melhor comida, e sua harpa. Se as pessoas a veem discordando a cada passo, isso nos faz parecer fracos, Oli."

"Mesmo assim," disse Oli, "não foi tempo suficiente?"

"Não é como mandá-la para a cama sem jantar porque ela roubou uma das bonecas de Frig", disse Endi, com um sorriso ao pensar em Frig brincando com bonecas em vez de lâminas. "Eu não posso deixá-la sair até que ela mostre que ela pode ser confiável. Até ela jurar fidelidade a mim, ela fica lá.

"Isso pode levar muito tempo", disse Oli.

"Eu sei", respondeu Endi, com um suspiro triste. Ele não gostava de trancar sua irmã assim, mas o que mais ele poderia fazer?

Um soldado apareceu, oferecendo uma reverência. "Os prisioneiros que você ordenou têm foi trazido, meu senhor."

"Bom", disse Endi. Ele olhou para seu irmão. "Parece que vamos ter uma solução para o problema do canal. Vamos, Oli."

Ele liderou o caminho de volta para onde as estátuas foram quebradas, os escombros deitado em fragmentos no chão. Talvez uma dúzia de homens e mulheres estivessem ali, com as mãos amarradas.

"Disseram-me que vocês são os donos de fazendas na rota do nosso novo canal", disse Endi. "Que você se recusou a vender suas propriedades, embora eu tentasse ser generoso."

"São nossas fazendas!" um homem disparou.

"E isso é sobre a prosperidade de toda Ishjemme", disparou Endi. costas. "Todas as famílias serão beneficiadas, inclusive a sua. Quero oferecer-lhe o dinheiro novamente. Você não vê que não tem escolha?"

"Um homem é sempre livre para escolher seu caminho em Ishjemme", retrucou outro fazendeiro.

"Sim, mas esse caminho tem consequências", disse Endi. "Eu vou te dar um último chance. Como seu duque, ordeno que ceda suas reivindicações.

"É a nossa terra!" o primeiro homem gritou.

Endi suspirou. "Basta lembrar que eu lhe dei a escolha. Recusando-se a prestar atenção ao comando do seu duque é traição. Homens, executem os traidores."

Seus homens avançaram, os mesmos machados e martelos nas mãos que usaram para quebrar as estátuas. Eles esmagaram a carne com a mesma facilidade. As estátuas podem não gritar, ou implorar, ou fazer sons molhados e gorgolejantes, mas a rachadura do osso estava perto o suficiente da rachadura da pedra. Endi olhou para o irmão, não surpreso ao ver Oli com o rosto pálido. Seu irmão não era tão forte quanto ele.

"Eu sei que é difícil, Oli", disse ele, enquanto mais gritos vinham ao fundo, "mas devemos fazer o que for necessário se quisermos fortalecer Ishjemme. Se eu não fizer as coisas cruéis que devem ser feitas, outros virão e farão pior."

"Como... como você diz, irmão."

Endi segurou o irmão pelos ombros. "Pelo menos isso significa que a maneira ficará claro para os projetos de construção agora. Estou certo em pensar que as terras de um traidor estão perdidas, não estou?"

"Eu... eu acho que há precedentes," Oli disse. Endi podia ouvir o tremor em sua voz.

"Encontre-os para mim", disse Endi.

"E as famílias dessas pessoas?" disse Oli. "Alguns terão crianças ou velhos".

"Faça o que achar melhor para cuidar deles", disse Endi. "Só então contanto que você os tire do caminho antes que o trabalho seja feito."

"Eu vou", disse Oli. Ele pareceu pensativo por um momento. "Eu... eu enviarei mensagens para as equipes de trabalho de uma só vez."

"Veja se você faz isso", disse Endi.

Ele viu seu irmão sair correndo, sabendo que Oli realmente não entendia a necessidade de tudo isso. Esse era o luxo de saber que ele nunca teria poder. Rika teve o mesmo luxo. Os dois provavelmente foram os únicos de seus irmãos que nunca foram guerreiros, nunca tiveram que lidar com as duras realidades do mundo. Parte do motivo de Endi ter feito tudo isso na frente de Oli era para garantir que seu irmão aprendesse o que às vezes era necessário.

Foi para o bem dele. Foi para o bem de todos. Eles o veriam a tempo e, quando o fizessem, agradeceriam por isso. Até mesmo Rika de coração mole fazia uma reverência e admitia que tudo que Endi tinha feito era para o melhor. Quanto a todos os outros, eles poderiam concordar com o que precisava ser feito ou...

Endi se levantou e ouviu o som dos martelos caindo um pouco mais. Eles iriam agradecê-lo por isso no final.

CAPÍTULO SEIS

Jan Skyddar deve ter sido a única pessoa em toda Ashton que se viu infeliz no dia do casamento de Sophia, tendo que forçar um sorriso só para não estragar as coisas para ela e Sebastian, tendo que fingir que estava feliz por ela mesmo. embora a dor em seu coração ameaçasse rasgá-lo em pedaços.

Agora que eles a levaram às pressas para dar à luz seu filho, para ela e O filho de Sebastian, era ainda pior.

"Você gostaria de dançar comigo?" uma nobre perguntou. Por volta de Jan, a festa parecia continuar, a música de volta a todo vapor quando passou de celebrar o casamento de Sophia para celebrar o herdeiro iminente do trono.

A mulher era linda, elegantemente vestida, graciosa. Se ele a tivesse conhecido um ano atrás, Jan poderia ter dito sim à dança e a quase qualquer outra coisa que ela sugerisse. Agora, ele não conseguia fazer isso. Ele não conseguia sentir nada olhando para ela, porque fazer isso era como olhar para uma vela comparado ao sol. Sophia era a única que importava.

"Sinto muito", disse ele, tentando ser gentil, ser bom, ser todas as coisas que ele deveria ser. "Mas há... alguém por quem estou profundamente apaixonada."

"Alguém esperando por você em Ishjemme?" a nobre disse, com um sorriso malicioso. "Isso significa que ela não está aqui."

Ela pegou um dos cadarços do gibão de Jan, e Jan a pegou pulso suavemente, mas com firmeza.

"Como eu disse," ele disse com um sorriso pesaroso, "eu a amo muito. Não digo isso como um insulto, mas não estou interessado."

"Um homem fiel", disse a nobre, enquanto se virava para sair.
"Quem quer que ela seja, espero que ela saiba o quão sortuda ela é."

"Se as coisas fossem tão simples assim", disse Jan com um aceno de cabeça.

Ele se moveu pela festa tentando não ser o fantasma da festa. A última coisa que ele queria fazer era estragar a alegria de qualquer outra pessoa hoje, muito menos a de Sophia. Essa era a parte mais difícil de amá-la tanto, ele descobriu: era impossível ser tão egoísta quanto deveria ter sido sobre isso. Ele deveria ter sentido ciúmes de Sebastian, deveria tê-lo odiado com paixão.

Deveria ter ficado zangada com Sophia por escolher um homem que a colocou de lado uma vez sobre ele.

Ele não podia fazer isso. Ele amava Sophia demais para isso. Ele queria que ela ser feliz mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Você está bem, Jan? Lucas perguntou a ele, movendo-se com o tipo de suavidade que deixou Jan agradecido por os dois nunca cruzarem as lâminas. Jan sempre pensou que poderia lutar, mas os irmãos de Sophia eram algo completamente diferente.

Talvez fosse bom que a mente de Jan estivesse fechada para ser lida por outros, ou eles **poderiam** ter brigado. Jan duvidava que Lucas aceitasse saber o quanto Jan estava perdidamente apaixonado por sua irmã.

"Estou bem", disse Jan. "Talvez alguns nobres demais tentando me pegar como um pescador iria atrás do espadarte."

"Eu tive o mesmo problema", disse Lucas. "É difícil comemorar quando ao mesmo tempo você está pensando em outra coisa."

Por um momento, Jan pensou que Lucas devia ter visto o passado até mesmo as proteções que ele tinha no lugar e viu coisas que não deveria. Talvez estivesse tão claramente escrito em seu rosto que não precisou de um leitor de mentes para decifrá-lo.

"Estou feliz por minhas irmãs", disse Lucas, com um sorriso. "Há apenas uma parte de mim que quer que nossos pais aqui testemunhem tudo isso, e sabe que eu **poderia** estar procurando por eles. Talvez eu pudesse tê-los trazido de volta para ver o casamento de Sophia e o nascimento de seu neto.

"Ou talvez às vezes tenhamos que ser fortes e aceitar que as coisas não acontecem do jeito que queremos", sugeriu Jan. "E isso significa que você pode estar aqui. **Você** pode ver sua sobrinha ou sobrinho."

— Sobrinha — disse Lucas. "As visões tiram a diversão de adivinhar. Você tem razão, embora, Jan. Eu vou esperar. Você é um bom homem, primo.

Ele apertou o braço de Jan.

"Obrigado", disse Jan, mesmo que às vezes não tivesse certeza de que acreditava nisso. Um homem verdadeiramente bom não esperaria que eventualmente Sophia colocasse tudo isso de lado, amando-o da mesma forma que ele a amava.

"Agora," Lucas disse, "eu estava procurando por você porque uma mensagem veio para você por pássaro. O menino que trouxe do aviário está ali.

Jan olhou para onde um jovem estava ao lado de uma das mesas de banquete, pegando comida como se não tivesse certeza se era realmente para pessoas como ele.

"Obrigado", disse Jan.

"De nada. Eu deveria voltar para Sophia. Eu quero estar lá quando minha sobrinha vem ao mundo".

Lucas foi embora, deixando Jan ir até o mensageiro. O menino parecia um pouco culpado quando Jan se aproximou, enfiando um bolo na boca e mastigando apressadamente.

"Você não precisa se preocupar", disse Jan. "A festa é para todos, você incluído. Há algumas coisas que todos deveriam comemorar."

"Sim, meu senhor", disse o menino. Ele estendeu uma nota. "Isso veio para você." Ele estendeu uma mensagem bem enrolada para Jan levar. Jan o ergueu, lendo.

Jan, Endi tomou Ishjemme. Ele está matando pessoas. Rika é sua prisioneira. Eu tenho que fazer o que ele diz. Nós precisamos de ajuda. Oli.

A nota fez Jan congelar no lugar. Ele não queria acreditar. Endi nunca faria algo assim. Ele nunca trairia Ishjemme assim. Oli não mentiria, no entanto, e Endi... bem, ele sempre gostou de se esgueirar nas sombras, e tinha sido suspeito, a forma como muitos de seus navios voltaram no meio da batalha por Ashton.

Mesmo assim, a ideia de que seu irmão havia montado algum tipo de golpe era difícil de compreender. Se mais alguém tivesse enviado esta mensagem, Jan os teria chamado de mentirosos. Do jeito que estava... ele não sabia o que fazer.

"Não posso contar aos outros", disse para si mesmo. Se ele dissesse a seus irmãos, eles gostaria de voltar correndo para ter certeza de que Ishjemme estava seguro, e isso privaria Sophia do apoio de que ela precisava desesperadamente. Ele não podia ignorar uma mensagem como esta.

Isso significava que ele tinha que ir para casa.

Jan não queria ir para casa. Ele queria estar aqui, o mais próximo possível de Sophia. Ele queria estar aqui caso houvesse mais violência, caso ela, ou seus irmãos, precisassem dele. Ashton estava apenas se recuperando dos conflitos que o arruinaram, e deixá-lo agora era como abandoná-lo. Era como abandonar Sophia.

"Sophia não precisa de mim", disse Jan.

"O que é isso, meu senhor?" perguntou o mensageiro.

"Nada", disse Jan. "Você pode levar uma mensagem para eu... levar para Sophia quando ela puder ouvir. Leve para ela o recado que você me deu e diga a ela que eu fui cuidar das coisas. Diga a ela que..." Ele não podia dizer nenhuma das coisas que ele queria então. "Diga a ela que voltarei em breve."

"Sim, meu senhor", disse o mensageiro.

Jan partiu em direção às docas. Os navios da invasão ainda estavam lá, e alguns deles ouviriam se ele pedisse ajuda. Ele não tomaria muitos deles, não podia suportar a ideia de deixar Sophia desprotegida, mas ele precisaria de alguma demonstração de força se quisesse convencer seu irmão a recuar.

Sophia não precisava dele naquele momento, mas parecia que seu irmão e irmã mais novos precisavam. Por mais que Jan odiasse deixar Ashton, ele não podia ignorar isso. Ele não podia ficar parado enquanto Endi tomava Ishjemme à força. Ele iria lá, descobriria o que realmente estava acontecendo e lidaria com isso. Talvez quando tivesse terminado com isso, ele tivesse pensado no que fazer quando se tratava da mulher que amava.

CAPÍTULO SETE

Sophia estava deitada na cama que a parteira quase lhe ordenara, servos amontoados ao redor dela, e alguns nobres, e francamente pessoas suficientes para fazê-la se perguntar se uma rainha tinha **alguma** privacidade. Ela os teria mandado embora se tivesse fôlego para fazê-lo. Ela não podia nem pedir a Sebastian para fazer isso, porque a parteira tinha deixado bem claro que não haveria homens na sala, nem mesmo reis.

"Você está indo bem", a parteira assegurou a ela, embora Sophia pudesse ver as preocupações em sua mente; os preparativos para uma centena de coisas diferentes que podem dar errado. Era impossível conter seus poderes naquele momento, pensamentos a inundando em ondas que pareciam combinar com a dor de suas contrações.

"Estou aqui", disse Kate, correndo para o quarto. Ela olhou ao redor das pessoas lá.

Quem são todas essas pessoas? ela mandou para Sofia.

Eu não os quero aqui, Sophia conseguiu através da dor. **Por favor, Kate.**

"Ok," Kate gritou, em uma voz que provavelmente era mais adequada para seu novo papel no exército. "Todo mundo que não é ativamente eu ou a parteira saia! Não, não discutindo. Este é um nascimento, não uma apresentação pública. Fora!"

O fato de que sua mão estava no punho de sua espada provavelmente ajudou a fazer as pessoas se mexerem e, em menos de um minuto, a sala estava vazia, exceto pelos três.

"Melhor?" Kate perguntou, pegando sua mão.

"Obrigada", disse Sophia, então gritou quando uma nova onda de dor a atingiu.

"Há algumas folhas de valeriana em uma tigela lá", disse a parteira.

"Eles vão ajudar com a dor. Já que você acabou de se livrar de todos os servos, acho que você se ofereceu para me ajudar, alteza.

"Sophia não vai precisar deles", disse Kate.

Sophia definitivamente **sentiu** como se ela precisasse deles, mas então ela entendeu o que sua irmã queria dizer. Kate tocou sua mente e sentiu Lucas também, os dois trabalhando juntos para afastar sua mente da dor, fora dos limites de seu corpo.

Estamos aqui para você, Lucas mandou, **e seu reino também.**

Sophia sentiu o reino ao seu redor, do jeito que ela sentiu apenas algumas vezes antes. A ligação era inegável. Ela não era apenas sua rainha, ela era uma parte dela, em sintonia com o poder vivo de tudo que respirava dentro

suas fronteiras, com a energia do vento e dos rios, com a força fresca das colinas.

A voz da parteira veio de longe. "Você precisa empurrar com a próxima contração, majestade. Esteja pronto. Empurre."

Empurre, Sophia, Kate mandou.

Sophia sentiu seu corpo responder, embora parecesse estar em algum lugar distante agora, tão distante que a dor que parecia estar esperando parecia algo que estava acontecendo com outra pessoa.

Você precisa se esforçar mais, Kate mandou.

Sophia fez o seu melhor, e ela podia ouvir gritos de dor que ela adivinhou devia ser dela, mesmo que parecesse que isso não a tocava. Mas tocou o reino. Ela viu nuvens de tempestade se acumulando acima dela, sentiu a terra tremer abaixo. Com tão pouco controle dessa conexão como ela tinha, ela não podia parar o acúmulo turbulento.

As nuvens de tempestade explodiram em uma torrente de chuva que fez os rios incharem e encharcado as pessoas abaixo. A tempestade foi breve e poderosa, o sol voltando ao céu tão rápido que era como se nunca tivesse acontecido, um arco-íris se espalhando em seu rastro.

Você pode voltar a si mesma agora, Sophia, Lucas mandou. ***Veja sua filha.***

Ele e Kate puxaram Sophia de volta, puxando-a de volta para si mesma para que ela estava olhando para o quarto novamente, respirando com dificuldade enquanto a parteira estava um pouco distante, já envolvendo uma pequena forma em panos. Lucas estava lá agora, obviamente ignorando a injunção da parteira.

Sophia sentiu uma onda de alegria tomar conta dela ao ouvir a filha gritar por ela, borbulhando como os bebês faziam quando queriam suas mães.

"Ela parece forte", disse Kate, pegando o bebê com uma delicadeza surpreendente e esperando a parteira sair antes de segurá-la para Sophia tomar. Sophia estendeu a mão para a filha, olhando para os olhos que pareciam abranger o mundo inteiro. Naquele momento, sua filha ***era*** o mundo inteiro.

A visão atingiu Sophia tão rapidamente que ela engasgou.

Uma jovem ruiva estava em uma sala do trono, representantes de um cem terras ajoelhadas diante dela. Saiu a passos largos pelas ruas, distribuindo pão aos pobres, recolhendo flores espalhadas a seus pés para poder fazer uma coroa com elas para um grupo de crianças. Ela estendeu a mão para uma flor murcha e a trouxe de volta à saúde...

... Ela caminhou pelo meio de um campo de batalha, uma lâmina na mão, empurrando os corpos dos moribundos, terminando suas tentativas de se agarrar à vida. Ela estendeu a mão para um jovem e tirou a vida dele com um toque, alimentando-a no grande poço de poder que a deixaria curar suas próprias tropas...

... Ela dançou no meio de uma bola, rindo enquanto girava, obviamente amado por aqueles ao seu redor. Artistas trabalhavam ao lado da sala com tudo, de tinta a pedra e magia, criando obras tão bonitas que quase machucavam os olhos só de olhar para elas. Acolhia os pobres na festa, não por caridade, mas porque não via diferença entre alimentar seus amigos e alimentar todos os famintos...

... Ela estava na beira de um poço de luta, diante de um grupo de nobres que tremiam enquanto se ajoelhavam, olhando para ela com uma mistura de medo e ódio que fez Sophia estremecer ao vê-lo.

"Você me traiu," ela disse, em uma voz de beleza quase perfeita. "Você poderia ter tudo, e tudo o que você tinha que fazer era seguir meus comandos."

"E não sejam melhores que escravos!" disse um dos homens.

Ela deu um passo em direção a eles, uma espada na mão. "Deve haver um preço para isso."

Ela se aproximou, e a matança começou enquanto ao redor dela a multidão cantava uma palavra, um nome, repetidamente "Christina, Christina..."

Sophia voltou a si mesma, olhando para a filha, sem entender o que tinha acabado de acontecer. Sophia entendia a sensação de uma visão real agora, mas ela não entendia o que tudo isso significava. Pareciam dois conjuntos de visões ao mesmo tempo, cada um contradizendo o outro. As duas não podiam ser verdadeiras, podiam?

"Sophia, o que é isso?" Kate perguntou.

"Eu... eu tive uma visão", disse Sophia. "Uma visão sobre minha filha."

"Que tipo de visão?" perguntou Lucas.

"Eu não entendo", disse Sophia. "Eu a vi, e metade do tempo ela estava fazendo essas coisas lindas e maravilhosas, e o resto... era tão cruel, tão mal".

Mostre-nos, sugeriu Kate.

Sophia fez o seu melhor, enviando as imagens da visão para ambos. eles. Mesmo assim, ela não se sentia como se tivesse todo o sentido disso para eles. Ela não conseguia transmitir o quão maravilhoso e aterrorizante

sentiu, quão poderosamente **real** tudo era, mesmo em comparação com as outras visões que ela teve.

“Posso tocar a mente dela?” Lucas perguntou, quando Sophia o fez.

Sophia assentiu, adivinhando que ele estava procurando algum sinal de que sua filha não era o que parecia ser. Depois do que Siobhan tentou fazer, tentando assumir sua forma não nascida, a perspectiva disso era aterrorizante.

“Ela ainda é ela mesma,” Lucas disse, “mas eu posso sentir o poder lá. Ela vai ser mais forte do que qualquer um de nós, eu acho.”

“Mas o que as visões significam?” Sofia perguntou-lhes. Sua filha parecia tão perfeito em seus braços. Sophia não conseguia imaginá-la andando por um campo de batalha, sugando a vida das pessoas como o Mestre dos Corvos poderia fazer com seus pássaros.

“Talvez sejam possibilidades,” Kate sugeriu. “Siobhan costumava falar sobre olhar para os fios do futuro, escolhendo as coisas que fariam outras coisas acontecerem. Talvez essas sejam duas maneiras pelas quais a vida dela **pode** acabar.”

“Mas não sabemos o que faz a diferença”, disse Sophia. “Não sabemos como garantir que as coisas boas aconteçam.”

“Você a cria com amor”, disse Lucas. “Você a ensina bem. Você a ajuda mover-se em direção à luz, não à escuridão. A pequena Christina terá poder, faça o que fizer, mas você pode ajudá-la a usá-lo bem.

Sophia recuou ao ouvir o nome. Pode ter sido de sua mãe, mas depois a visão, ela não podia dá-la à sua filha, ela não daria.

“Qualquer coisa menos Christina,” ela disse. Pensou nas flores que vira a filha tecendo na rua. “Tolet. Vamos chamá-la de Violet.

“Violet,” Kate disse com um sorriso, estendendo um dedo para o bebezinho pegar. “Ela já é forte, como sua mãe.”

“Como sua tia, talvez”, respondeu Sophia. O sorriso dela sumiu um pouco. “Não conte a Sebastian sobre tudo isso, por favor, qualquer um de vocês. Ele não deve ser sobrecarregado com o conhecimento disso. Com o que ela pode se tornar.

“Eu não vou contar a ninguém se você não quiser,” Lucas assegurou a ela.

“Nem eu”, disse Kate. “Se alguém pode criá-la para ser uma boa pessoa, é você, Sophia. E nós estaremos lá para ajudar.”

“Nós vamos”, disse Lucas. Ele sorriu para si mesmo. “Talvez eu tenha uma chance para desempenhar o papel de Oficial Ko e passar algumas das coisas que ele me ensinou.”

Eles pareciam tão certos de que as coisas dariam certo, e Sophia queria acreditar. Mesmo assim, uma parte dela não conseguia esquecer as coisas que tinha visto. Sua filha sorriu para ela em perfeita inocência. Sophia tinha que se certificar de que continuasse assim.

CAPÍTULO OITO

Henry d'Angelica, filho mais velho de Sir Hubert e Lady Neeme d'Angelica, tinha o que ele suspeitava ser o trabalho mais difícil do reino naquele momento: tentar acalmar seus pais em relação a tudo o que havia acontecido no reino nas últimas semanas.

"Ilanthe está perturbada, é claro", disse sua mãe, em meio às lágrimas, como se era notícia de que sua tia ficaria chateada com a morte de sua filha.

Seu pai era melhor com raiva do que com tristeza, trazendo um punho enrugado para baixo na madeira da lareira. "As coisas que aqueles bárbaros fizeram com ela... você sabe que eles colocaram a cabeça da pobre garota em um prego?"

Henry tinha ouvido esse boato, junto com uma centena de outros, principalmente repetidos por seus pais. A casa tinha sido consumida por pouco mais desde a invasão. Angélica tinha sido falsamente acusada de traição. Angélica tinha sido dilacerada por uma multidão, ou enforcada, ou decapitada. Os invasores correram pelas ruas, massacrando qualquer um com as cores reais. Eles ficaram do lado do filho que assassinou a velha rainha...

"Henry, você está nos ouvindo?" seu pai exigiu.

Em teoria, Henry não deveria ter vacilado. Ele tinha dezenove anos, um homem crescido. Ele era alto e forte, um bom espadachim e um atirador melhor. No entanto, sempre havia algo na voz de seu pai que o tornava apenas um garotinho novamente.

"Desculpe, padre, o que você disse?" perguntou Henrique.

"Eu disse que algo deve ser **feito**," seu pai repetiu, com óbvia má vontade.

"Como você diz, padre", disse Henry.

Seu pai deu a Henry um olhar zangado. "Honestamente, eu criei uma concha insípida de um homem em você. Não como seu primo.

"Agora, meu amor..." sua mãe começou, mas da maneira desanimada que ela costumava fazer.

"Bem, é verdade," seu pai retrucou, andando de um lado para o outro diante da lareira como um guarda diante do portão de um castelo. Não que um homem tão importante quanto Sir Hubert tivesse apreciado a comparação. "O menino não pode ficar com nada. Por quantos tutores ele passou quando criança? Então havia a comissão com aquela companhia militar da qual eu tive que comprá-lo, e o negócio de ingressar na Igreja da Deusa Mascarada..."

Henry não se incomodou em apontar que tudo isso se devia a seus pais. Havia tantos tutores porque seu pai tinha o hábito de demiti-los sempre que ensinavam alguma coisa com a qual ele não concordava, de modo que Henry se educou principalmente na biblioteca da casa. Da mesma forma, seu pai havia decidido que uma comissão em uma empresa livre não era lugar para seu filho, enquanto o negócio com a igreja havia sido ideia do velho, até que ele soube que isso significaria que Henry nunca seria capaz de dar à família os herdeiros necessários.

"Você está sonhando acordado de novo", seu pai estalou. "Seu primo não seria. Ela fez algo de sua vida. Ela se casou com um *rei!*"

"E quase se casou com um príncipe duas vezes", disse Henry, incapaz de se conter.

Ele viu seu pai ficar branco de raiva. Henry conhecia aquela expressão e sabia o que ela anunciava. Tantas vezes quando ele estava crescendo, ele tinha visto aquela expressão e teve que ficar lá, sem vacilar com os tapas ou a mudança que veio a seguir. Ele se preparou para fazer o mesmo hoje.

Em vez disso, quando seu pai atacou, Henry percebeu que sua mão se movia quase automaticamente para pegar o braço, apertando com força suficiente para machucar enquanto segurava o pulso de seu pai no lugar, olhando para ele com calma. Ele deu um passo para trás, deixando cair o braço de seu pai.

Sir Hubert esfregou o pulso. "Eu quero que você saia da minha casa! Você não é bem-vindo mais aqui!"

"Eu acho que você está certo", disse Henry. "Eu devo ir. Por favor, dê-me licença."

Ele se sentiu estranhamente calmo quando saiu do quarto, subindo as escadas para o quarto que tinha desde criança. Lá, ele começou a juntar as coisas, pensando no que precisaria e no que teria que fazer em seguida.

Henry só conheceu sua prima um pouco quando ela estava viva. Houve quem dissesse que, com seus cabelos dourados, olhos azuis profundos e feições bonitas, ele realmente se parecia um pouco com ela, mas Henry nunca foi capaz de ver isso. Talvez fosse apenas que Angélica sempre foi o padrão contra o qual ele foi encontrado em falta. Ela era mais inteligente, ou capaz de se dar melhor com as pessoas, ou mais bem-sucedida na corte.

Henry não tinha certeza de que alguma dessas coisas fosse verdade. Normalmente, antes seu pai se livrou deles, seus tutores ficaram surpresos com a rapidez com que Henry aprendeu, e ele sempre teve um talento especial para fazer as pessoas fazerem o que ele precisava. Sua falta de sucesso na corte vinha principalmente da falta de interesse.

"Isso vai ter que mudar", disse Henry para si mesmo.

Ele tinha ouvido os rumores sobre seu primo, mas ele também tinha sido esperto o suficiente para buscar suas próprias informações, pagando aos homens pelo que eles sabiam e bebendo com viajantes na estalagem local. Pelo que ele podia entender, seu primo tinha sido posto de lado não uma, mas duas vezes, por Sebastian, o filho que diziam ter assassinado sua mãe. Angélica então ficou do lado de Rupert, provavelmente para garantir que ela chegasse ao trono, apenas para descobrir que a invasão de Sophia Danse transformou qualquer pessoa ligada à família governante em um alvo.

"E isso a matou," Henry murmurou enquanto buscava roupas e dinheiro, pistolas e seu velho florete de duelo.

Ele não tinha dúvidas de que Angélica se envolveu em muitas práticas nefastas para chegar onde ela acabou. Uma parte de Henry desejava que ele não entendesse como essas coisas funcionavam, mas ele entendia, e mesmo alguém como ela não se tornou rainha por acaso. Ela sempre foi rápida em trapacear ou mentir em jogos quando criança, sempre que parecia que isso lhe daria uma vantagem.

No entanto, as coisas das quais os rumores a acusavam... soavam mais como a revisão da história de alguém para parecer inocente. Eles eram uma desculpa para matá-la, abrindo caminho para o poder.

Se ele fosse como seu pai, Henry ficaria furioso com isso. Se ele fosse como sua mãe, ele desmoronaria com o horror disso enquanto espalhava fofocas ao mesmo tempo. Ele não era como nenhum deles, no entanto. Ele era um homem que fazia o que era necessário, e ele precisava fazer isso.

"A honra da família não permitirá menos", disse Henry, levantando-se e levantando sua bolsa.

Ele desceu as escadas, parando na porta da sala de estar.

"Mãe, pai, eu vou embora agora. Eu não vou voltar. Você deve saber que vou vingar a morte do meu primo, custe o que custar. Não estou fazendo isso para que você se orgulhe de mim, porque, francamente, não me importo com o que você pensa. Estou fazendo isso porque precisa ser feito. Até a próxima."

Como despedidas, foi singularmente sem emoção, mas Henry descobriu que ele não tinha nada melhor para eles enquanto saía da casa, ignorando os lamentos de sua mãe e os olhares raivosos de seu pai.

Ele foi até o estábulo, selecionando a bela égua castanha que ele sempre cavalgava, junto com um cavalo malhado para carregar sua mochila. Ele começou a sela-los, sabendo cada passo de cor. Já, sua mente estava pensando em seus pais, concentrando-se nas coisas que ele precisaria fazer

nos próximos dias, as alianças que teria de fazer, as lutas que teria de vencer com palavras, ouro e aço.

A nova rainha deles era realmente uma das Danses? Foi possível, dada a rumores, mas mesmo que fosse, isso não lhe daria o direito de assumir o trono. Isso caiu para Rupert, e Angélica através dele. Como o único membro remanescente dos Flambergss era quase certamente culpado de traição, isso significava...

"Sim", disse Henry, com um sorriso pesaroso com a facilidade com que isso lhe ocorreu, "isso pode funcionar."

Não que ele quisesse fazer isso. Ele não precisava de um trono mais do que queria a ocupação sacerdotal que seus pais tentaram impingir a ele. Era simplesmente um componente necessário do que estava por vir. Ataque Ashton e tente matar a rainha, e ele não passará de um traidor.

No entanto, ele não podia permitir que os invasores de Ishjemme ficassem impunes. No um golpe, eles haviam desfeito todo o trabalho cuidadoso construído após as guerras civis. Eles haviam desfeito a antiga ordem e instituído uma nova, onde a Assembléia dos Nobres era reorganizada ao capricho do governante, e onde seu primo não podia ser executado por não mais do que a palavra da rainha.

Henry não suportaria isso. Ele poderia fazer as coisas como elas eram novamente. Ele poderia corrigi-los.

Com isso em mente, ele começou a cavalgar. Ele precisaria de apoio para isso, e felizmente, Henry sabia **exatamente** onde encontrá-lo.

CAPÍTULO NOVE

Uma semana não parecia tempo suficiente para Sophia. Não há tempo suficiente para passar com o marido. Não há tempo suficiente para adorar Violet, que arrulhava para ela sempre que Sophia a segurava, e que estendia a mão para o pelo de Sienna sempre que o gato da floresta se aproximava.

"Nós não temos que ir tão cedo se você não quiser," Lucas disse, enquanto eles estavam no cais, as pessoas se amontoando ao redor deles para vê-los enquanto esperavam diante do navio que deveria carregá-los. O Alto Comerciante N'Ka esperava a bordo, sorrindo, provavelmente por causa dos baús de mercadorias e promessas de comércio que Sophia lhe dera.

"Ou podemos ir", disse Kate. "Nós poderíamos trazer nossos pais de volta para você."

Sofia balançou a cabeça. "Eu sei que parece loucura fazer isso tão cedo, e dói mais do que posso dizer deixar Violet para trás, mas sinto que, se vamos encontrar nossos pais, precisamos ser nós três. Eles garantiram que o mapa só se reunisse para nós três por um motivo."

"Mas não precisa ser agora", disse Lucas.

"Se não agora, quando?" Sofia perguntou. "Temos paz por um tempo. Sebastian pode manter o reino unido, e ainda não estou a par de todos os detalhes de governar. Se eu deixar por muito tempo, talvez nunca o faça."

Além disso, eu vi o quanto a espera o decepcionou, ela enviou. eu quero que você seja feliz, e eu quero que Violet tenha seus avós.

Tenho certeza que eles vão adorar ela, Lucas mandou de volta. E vamos encontrá-los.

Sophia agarrou-se a essa certeza enquanto se aproximava do local onde Sebastian estava com sua filha. Ela podia sentir que ele estava tentando ser forte por ela, que ele desejava que ela não fosse, ou que ele fosse. Ela o beijou com ternura.

"Eu não vou demorar tanto," ela disse.

"Cada momento vai parecer muito longo," Sebastian respondeu. "E é um longo caminho para ir tão ao sul."

"O alto mercador tem certeza de que a viagem para a costa não levará mais de uma semana ou duas", disse Sophia, esperando que ele estivesse certo. "Depois disso, a viagem para o interior pode demorar mais uma semana, duas no máximo. Eu estarei de volta para você antes que você perceba, junto com os avós de Violet, se eles estiverem lá para encontrar.

"Dois meses vão parecer uma eternidade," Sebastian disse. Ele passou a mão pelo cabelo dela. "Mas eu sei o quão feliz vai fazer você finalmente encontrar

seus pais. Eu iria com você se pudesse.”

Sophia sabia que sim, e a ideia de toda a família viajando para encontrar seus pais era algo que a fazia doer de desejo, mesmo sabendo que isso não poderia acontecer.

“Um de nós tem que ficar aqui para administrar as coisas”, disse ela.

“Eu só gostaria de poder ter certeza de que você está seguro,” Sebastian disse.

Sophia olhou em volta para o navio, onde uma mistura de servos e soldados de Ishjemme encontrava espaço no convés. “Eu tenho meio regimento comigo, junto com Sienne, Lucas e Kate. Eu acho que **eu** deveria estar preocupado com **você** sem nós para cuidar de você.

“Farei o meu melhor para não ser preso por ninguém novamente,” Sebastian prometeu com um sorriso que Sophia retornou.

“Eu te amo tanto”, disse ela, beijando-o mais uma vez. Ela se inclinou para beijar a testa da filha. “E eu te amo também. Quando você for mais velho, contaremos a história de como fomos encontrar seus avós para que eles pudessem vê-lo.”

Havia tantas coisas que ela estava deixando para trás no reino. Sua filha e seu marido eram os mais óbvios entre eles, mas havia muitos outros também. Seus primos estavam aqui, Hans trabalhando na tesouraria, Ulf e Frig na propriedade de Monthys, Jan... bem, ela não o via desde o dia do casamento, mas esperava que ele estivesse bem.

As várias facções do reino pareciam resolvidas no momento. A Igreja da Deusa Mascarada e a Assembléia pareciam estar quietas no momento, enquanto o progresso para as pessoas que haviam sido oprimidas pela viúva já havia começado. Mais do que isso, Sophia confiava em Sebastian. Se alguém podia dirigir as coisas aqui enquanto ela estava fora, ele podia. Os nobres e o povo o respeitavam, embora ele provavelmente conhecesse os negócios do governo muito melhor do que ela.

Mesmo assim, largar ele e Violet foi a coisa mais difícil que ela fez.

“Voltarei assim que puder,” ela prometeu. “Vou aprender a chamar o vento para empurrar o barco mais rápido se for preciso. Não deixarei que nada nos separe por mais tempo do que o necessário.”

“E quando você voltar, você terá histórias para contar,” Sebastian disse com um sorriso que Sophia podia ver que ele não sentia. Ele estava sendo corajoso por ela, mas às vezes corajoso era o suficiente.

“Vamos, Sienne,” ela disse.

Ela se obrigou a subir a prancha de desembarque, de pé no convés enquanto a multidão no cais aplaudia e aplaudia. Foi o tipo de momento que deveria ter parecido um começo épico. Em vez disso, ela se viu esperando que eles pudessem encontrar seus pais e voltar para cá o mais rápido possível.

Kate estava tendo dificuldade em largar Will.

"Eu gostaria que você pudesse vir comigo", disse ela.

"Eu poderia se você quisesse," ele sugeriu.

Kate balançou a cabeça. "Eu quero ter algo bom para voltar, e você **definitivamente** conta como algo bom."

Apenas o pensamento disso a fez pensar em todas as noites desde o casamento, todos os momentos alegres que passaram nos poucos dias que tiveram desde o casamento. Isso a fez pensar em todos os momentos íntimos que eles passaram juntos, os pequenos toques, as risadas...

"Você tem que ficar," Kate disse, tentando se convencer tanto quanto Will.

"Sebastian vai precisar de toda a ajuda que puder, e Lord Cranston vai precisar de você como ajudante."

"Não sei se haverá muito para uma empresa livre fazer", disse Will.

Kate balançou a cabeça, pegou a mão dele e o levou até onde Lord Cranston estava esperando. Kate fez uma saudação.

"Já que você é o chefe do exército agora, eu suspeito que eu deveria ser saudando você", disse Lord Cranston.

"Por que você acha que eu estou saudando **você**, meu senhor?" Kate respondeu com um sorriso.

Lord Cranston olhou para ela como se estivesse chocado. "O que exatamente você está dizendo, Kate?"

"Esse alguém deve garantir que o reino esteja seguro", disse Kate.

"E eu não confio em ninguém para garantir que o exército fique do lado de Sebastian mais do que você."

"Mesmo que eu seja variadamente velho, mercenário, bêbado, caprichoso e inclinado a mudar de lado?" disse Lord Cranston. Kate adivinhou que ele não estava inteiramente brincando.

"Você nunca voltou atrás em sua palavra que eu saiba", disse ela. "Quanto ao resto... bem, eu não quero você de outra maneira. O exército está em

sob sua responsabilidade, meu senhor.

"E quando eu decidir que nossos vizinhos pagam melhor?" disse Lord Cranston.

"Então você vai apoiar Sebastian de qualquer maneira," Kate respondeu. Ela estendeu sua mão. "Finja o quanto quiser, mas nós dois sabemos que você prefere morrer do que voltar atrás em sua honra."

Lord Cranston sorriu com força. "Não conte a ninguém. Tenho minha reputação para pensar." Ele acenou para Will. "Devo assumir que preciso encontrar mais um novo assessor?"

"Will vai ficar aqui," Kate disse.

"Para que eu tenha toda a ajuda que puder obter?" Lord Cranston perguntou.

"Para que ele fique **seguro**", respondeu Kate. "Eu sei que Sophia quer fingir que tudo isso será uma caminhada fácil por um pequeno campo aberto, mas se meus pais conseguiram se esconder por todo esse tempo, deve haver alguns perigos lá fora. Eu quero Will aqui, onde nada pode acontecer com ele. Mantenha-o seguro para mim, meu senhor?"

Lord Cranston ofereceu uma reverência que teria agraciado qualquer cortesão. "Farei tudo o que puder, alteza."

Kate o abraçou enquanto ele se endireitava. "Eu sei que você vai. Proteja-se também."

"Não deveria ser eu quem está dizendo isso para você?" disse Lord Cranston. "Dado que você está prestes a embarcar na jornada potencialmente perigosa, sinto que posso ter a tarefa mais fácil aqui."

"Você acha que é mais fácil lidar com um monte de empresas livres que não são feliz por ser absorvido por um exército real do que viajar pelo sul? Kate rebateu.

"Talvez não", disse Lord Cranston. "Fique segura, Kate. Se você sair por aí morrendo enquanto estiver fora, eu definitivamente contarei como estar ausente sem licença."

"Então farei o meu melhor para não fazê-lo," Kate o assegurou.

Lord Cranston pegou sua mão, então a puxou para um abraço. Kate ficou surpresa com o quanto ela sentiria falta do homem mais velho, mas por tudo que ele ensinou a ela, ele não era seu pai. Seu pai e sua mãe estavam no final desta jornada. Kate agarrou o medalhão que usava no pescoço. Ela os encontraria. Eles seriam uma família novamente.

Sebastian segurou sua filha e tentou não pensar em como o mundo sempre parecia encontrar uma maneira de separá-lo de Sophia. Ele se fez parecer feliz enquanto o navio se afastava do cais, porque sabia que vê-lo desmoronando seria como um peso de chumbo no coração de Sophia.

Will se moveu para ficar ao lado dele. Ele tinha a mesma expressão de felicidade cuidadosamente composta ao acenar adeus.

"Você acha que eles podem dizer?" Sebastião perguntou a ele. "Como estamos realmente nos sentindo, quero dizer?"

Os olhos de Will se arregalaram por um momento, então ele pareceu se recompor. antes de balançar a cabeça.

"Não, eu não penso assim. Quero dizer, sua majestade.

"Will, nós somos cunhados, e eu sempre odiei tudo isso de qualquer maneira. Sebastião está bem."

Rei Sebastião, deixado no comando do reino que havia sido de sua mãe e agora era de sua esposa. Ele nunca quis ser o rei, nunca esperou ser. Havia muito o que fazer em Ashton e além, nas cavalgadas, nos condados, no norte e nas terras montanhosas, e Sophia não estava aqui agora para levar tudo adiante.

"Vou sentir falta dela a cada momento que ela se for," Sebastian disse.

"Eu também," Will disse, obviamente querendo dizer Kate. "Acho que o melhor que podemos fazer é cuidar das coisas aqui, garantir que eles tenham algo para o que voltar. Não vai demorar tanto."

Não iria. Mesmo assim, Sebastian suspeitava que cada momento que Sophia estava longe pareceria uma eternidade.

CAPÍTULO DEZ

Oli estava trabalhando nos registros fiscais na biblioteca quando a criada entrou mancando na sala. Ela era alguns anos mais velha que ele, com uma estrutura esbelta e cabelos castanhos médios, com uma aparência tão comum que poderia ser qualquer pessoa. Oli certamente não a conhecia, embora ele sempre fosse melhor em lembrar das coisas que lia do que nos rostos das pessoas. Ele olhou para cima quando ela entrou, perguntando-se se ela estava lá para lembrá-lo de comer. Ele estava esquecendo muito isso recentemente, com a quantidade de trabalho que Endi tinha para ele.

Em vez disso, ela fechou a porta e a trancou, o que foi o suficiente para fazer Oli franzir a testa.

"Tenho certeza de que um de seus irmãos já teria uma espada em punho agora," ela disse, com um sotaque Ashton. Ela sorriu quando Oli pegou a faca que ele usava para afiar seus espinhos. "Você tem um pouco de aço em você então. Isso é bom. Você vai precisar."

"Quem é Você?" Oli exigiu. "Responda-me, ou vou chamar os guardas."

"Não se preocupe, eu não estou aqui para te machucar," ela disse. Ela parou por um momento. "Embora, francamente, as coisas que tenho a dizer possam matá-lo de qualquer maneira. Quanto a quem eu sou, me chame de Rose."

"Você não é um servo," Oli disse, levantando-se. Parecia um pouco ridículo quando Rose se moveu para se sentar em outra das cadeiras da biblioteca, então ele se sentou novamente.

"Perdoe-me se eu me sentar", disse ela. "Chegar aqui não foi fácil. eu estava meio louco com meus próprios venenos na maior parte do caminho, guardado no porão de um dos navios de seu irmão porque era isso ou se afogar. Aliás, sou uma assassina — disse ela, como se não fosse nada.

Oli congelou, sem saber o que dizer sobre isso. Não era algo que as pessoas *diziam*.

"Você está aqui para me matar?" ele perguntou.

Ela inclinou a cabeça para um lado. "O que, tendo uma boa conversa com você primeiro? Achei que você deveria ser o esperto, Oli Skyddar.

É por isso que eu vim até você. Bem, isso, e você é o único aqui.

"Se você quer alguma coisa, você deve falar com Endi", disse Oli. "Ele era sempre no comando de espões e coisas, e agora ele é o duque.

"Eu não posso falar com ele", disse Rose, acomodando-se em sua cadeira. "Eu tenho informação, uma história para contar, mas há um preço para isso."

"Que preço?" Oli perguntou.

“Quero perdão por todos os meus crimes passados”, disse ela. “O mundo... vamos apenas diga que não saiu do jeito que eu esperava e talvez... bem, talvez eu tenha percebido que estava do lado errado em muitas coisas.”

“O lado de matar pessoas?” Oli rebateu. “Dê-me uma razão pela qual eu não deveria ter enforcado você por isso.”

“Há um punhado inteiro”, disse Rose com um encolher de ombros. “Para começar, você é Oli Skyddar, que ama a lei e a forma como as coisas são feitas. Você não teria alguém enforcado sem julgamento, e eu não lhe dei nenhuma evidência para usar em um. Depois, há a parte em que você não aprenderia o que eu sei sem me torturar, e acho que você não tem estômago para isso.

Depois, há a maneira como as coisas estão indo aqui, e eu sei que você não gosta disso.”

Uma faca apareceu em sua mão. “Ah, e tem a parte em que eu poderia cortar sua garganta antes que você chegasse na metade da gritaria. Tem isso também.” Ela se esticou. “Além disso, soldados matam pessoas muito mais do que eu já fiz.

Provavelmente, pelo menos quatro de seus irmãos mataram mais pessoas do que eu com as próprias mãos, e se você contar todos os que Endi ordenou que fossem mortos...

Oli entendeu. Ele não tinha certeza se concordava com isso, porque parecia haver algo muito diferente em se esgueirar no escuro comparado a lutar contra um inimigo abertamente, mas ele entendeu. Parecia que ele tinha uma decisão a tomar.

“Tudo bem”, disse ele finalmente. “Se você me der suas informações, você fica livre, sem penalidade por crimes passados.”

“Vou precisar disso por escrito”, disse Rose. “Você, de todas as pessoas, deveria saber o valor da palavra escrita”.

Oli assentiu, pegou sua pena e começou a escrever. Havia precedentes para isso, é claro, nas canções e nas sagas: homens perdoados de todo tipo de delito por algum ato de heroísmo ou redenção, ou soldados que trocavam de lado e se tornavam leais.

“Pronto,” ele disse finalmente, empurrando o papel sobre a mesa. “Os homens de Ishjemme saberá que é real. Agora, me diga o que você sabe.”

“É hora da minha primeira admissão”, disse Rose. Ela olhou Oli diretamente nos olhos. “Fui eu que matei seu pai.”

Oli estava fora de seu assento em um instante, sua faca na mão enquanto o ódio rugia através dele. Ele não tinha pensado que pudesse sentir tanta emoção em relação a alguém.

“Sua palavra escrita, Oli Skyddar!” Rose disse, e isso foi o suficiente, **apenas**, para fazê-lo parar de tremer.

"Você veio aqui para me provocar com isso?" Ele demandou. "Ou você achou você poderia vir aqui pedir **desculpas?**"

"Nenhum", respondeu Rosa. "Só estou contando para você entender que eu sei das coisas. Embora eu sinto muito, eu acho. Estranho, nunca pensei que sentiria isso."

"É melhor você falar rápido," Oli disse.

Rosa assentiu. — Recebi a tarefa de matar seu pai por Milady d'Angelica. Eu deveria ser aquele que matou o Rei Rupert também, embora do jeito que as coisas funcionaram, eu não era o único a fazer isso. Bem, trabalhando para ela, aprendi coisas. Gosto de saber das pessoas que me mandam sair, para saber se tenho que correr depois. Você sabia que ela e seu irmão Endi trocaram mensagens por anos?

Oli sentiu algo apertar sua garganta. "Você esta falando..."

"Que Endi teve parte na morte de seu pai? Provavelmente", disse Rose. "Ele sabia disso, pelo menos. Ele **certamente** deu a ela informações sobre Ishjemme, traiu. Ele até tentou matar sua prima Sophia.

"Outro trabalho para você?" Oli disse, amargamente.

"Era para ser", disse Rose. "Mas é um longo caminho até Ishjemme, e Endi mandou algum bandido dele primeiro. Björnen?

Oli reconheceu aquele nome e assentiu. A raiva estava crescendo nele novamente, mas um tipo diferente de raiva, e não dirigida a Rose.

"Rika se machucou com isso!" ele disse. "Endi... ele ajudou a matar o homem."

"Risco ocupacional", disse Rose. "Não deixe nenhum rastro para trás, especialmente se vai falhar. Então aí está. Seu irmão é um traidor. Ele está envolvido na morte de seu pai, na traição de Ishjemme aos seus inimigos, em roubar o trono do duque..."

Foi demais. Uma parte de Oli queria acreditar que não podia ser verdade. Que Endi nunca faria tudo isso. Ainda outra parte achou muito fácil de acreditar. Ele tinha visto o que seu irmão tinha feito desde que assumiu o poder, as pessoas que ele havia matado porque discordavam. Era tão difícil acreditar que ele poderia ter feito o resto também?

A única questão era o que Oli faria a respeito. Ele ligou seu irmão Jan estava em casa, mas ainda não havia sinal dele. Oli nem sabia se ele estava vivo, embora tivesse esperança. Mesmo que Jan viesse, o que ele poderia fazer sozinho? Não, Oli tinha que decidir o que fazer aqui. Ele tinha que ser o único a agir, mesmo que não fosse no que ele era melhor.

"Eu não sei o que fazer," Oli disse.

Rosa deu de ombros. "Dizem que informação é poder. Certamente, é persuasão. No momento, acho que isso faz de você o homem mais persuasivo de Ishjemme.

Oli assentiu, porque o assassino tinha razão. A informação que ele tinha agora poderia persuadir os homens, se ele pudesse encontrar os homens para persuadir. Apesar dos esforços de Endi, talvez **por causa** deles, havia muita gente que não estava feliz com ele como governante. Apenas a sensação de que ele tinha o direito o mantinha no lugar. Se Oli pudesse espalhar esta notícia, então ele poderia criar homens. Ele poderia parar seu irmão.

Claro, isso colocaria sua irmã em perigo.

"Bem, acabou comigo," disse Rose, pegando sua garantia de segurança.

"Já disse o que tenho a dizer. Hora de ver se você mantém sua palavra, Oli Skyddar.

Ela se moveu em direção à porta, mancando como fazia com o que devia ser algum ferimento sofrido ao matar seu pai. O pensamento disso fez a raiva de Oli aumentar novamente, mas também o fez pensar. Essa mulher conseguiu se infiltrar no meio de uma frota de batalha, chegou aqui, no coração do castelo de Ishjemme, sem ser vista. O que mais ela poderia fazer.

"Espere", disse Oli.

Rose fez uma pausa, uma faca na mão novamente.

"A ponto de me executar de qualquer maneira? Eu pensei melhor de você."

"E se... e se eu tivesse um emprego para você?" Oli perguntou.

"**Você** tem alguém que você quer matar?" Rosa respondeu. "Você está prestes a me dizer que quer seu irmão morto?" Ela balançou a cabeça. "Você pode não ter notado, mas eu não estou exatamente no meu melhor agora."

"Eu não quero ninguém morto," Oli disse. "Mas eu **tenho** alguém que preciso que você mantenha vivo."

CAPÍTULO ONZE

Rika passou a odiar seus aposentos nas últimas semanas com uma paixão que ela não sabia que possuía. Ela odiava ficar presa nessas quatro paredes, odiava Endi por mantê-la ali assim, odiava tudo o que estava acontecendo em Ishjemme enquanto ela estava presa lá.

Ela estava começando a odiar sua harpa, e Rika nunca acreditou que isso fosse possível. Ela nunca amou nada tanto quanto jogar quando era criança, mas agora, parecia mais um símbolo de quão presa ela estava. De que adiantava tocar um instrumento lindo como aquele, se o mundo ao seu redor não era lindo?

"Talvez eu devesse apenas pedir desculpas a Endi para que ele me deixe sair", disse Rika, pelo que tinha que ser a centésima vez. Pela centésima vez, ela rejeitou a ideia. Havia algumas coisas que as pessoas tinham que defender.

Ele estava matando pessoas.

Ele a mataria?

Esse era um pensamento traiçoeiro. Endi era seu irmão. Ele não faria mal dela. Ele disse isso, e Rika queria acreditar nele. Ela ainda o amava, embora odiasse tudo o que ele estava fazendo. Ela queria acreditar que, se pudesse falar com ele por tempo suficiente, talvez pudesse convencê-lo de que o que ele estava fazendo era errado.

"É claro que, para isso, eu precisaria conversar mais com ele", disse Rika. "Eu ia precisar sair daqui".

Sem nada melhor para fazer, ela começou a tocar sua harpa. Uma vez, a música tinha sido brilhante e bonito, mas agora Rika se viu flexionando as cordas com tensões mais tristes, despejando o que sentia na música. Em algum lugar nisso tudo, Rika pensou ter ouvido os sons de uma discussão do outro lado da porta, mas tocou mais alto para encobrir. Os dois guardas que se destacavam ali eram sempre tão inflexíveis quanto pedra; Os homens de Endi, sem bondade ou dar a eles.

"Você toca muito bem", disse uma voz de mulher. "Meio triste e bonito ao mesmo tempo. Eu gosto disso."

Rika olhou em volta e viu uma mulher vestida de criada, carregando uma cesta.

"Quem é Você?" perguntou Rika. "Você não deve estar aqui, porque isso deixará Endi com raiva."

"Você não precisa se preocupar com Endi."

"Eu não estou", disse Rika, "mas eu não quero que você se meta em problemas."

"Doce, pensando em mim ao invés de você." Ela se aproximou de Rika, correndo um dedo ao longo da linha da cicatriz que corria fraca e branca ao longo de seu rosto, então suspirou. "Amadores. Sempre fazendo as coisas tão desajeitadamente. Ah, eu sou Rose, a propósito. Oli me enviou para tirar você daqui."

"Oli enviou você?" Rika disse, franzindo a testa. Isso não fazia muito sentido. Oli era muito inteligente, mas nem sempre era o melhor quando se tratava de realmente **fazer** as coisas.

"Vamos apenas dizer que eu devo a ele. Devo a vocês dois."

Isso só aprofundou a carranca de Rika. "E eu deveria apenas ir com você? Como eu sei que isso não é um truque? Que você não está tentando fazer parecer que estou correndo para que o pessoal de Endi possa me machucar?"

Rose sorriu tristemente com isso. "E lá eu ouvi que você era tão inocente dos lados duros do mundo. Acho que todo mundo aprende mais cedo ou mais tarde. A verdade é que você não sabe, embora se Endi quisesse que você se machucasse, ele poderia simplesmente entrar e fazer isso sem nenhum truque. Então você vai ter que decidir por si mesmo. Você quer confiar em mim? Você quer sair daqui?"

Rika não teve que pensar muito antes de assentir. "Vamos lá."

"Boa resposta", disse Rose.

Ela liderou o caminho para fora da sala. Dois guardas estavam caídos ali, e Rika não tinha certeza se eles estavam respirando ou não.

"Você fez isso?" ela perguntou.

"É um talento."

Rika seguiu Rose enquanto ela a conduzia até uma sacada. O outro a mulher enfiou a mão na cesta, puxando um longo pedaço de corda e prendendo-a no lugar.

"Você precisa de mim para abaixar você?" Rosa perguntou.

Rika balançou a cabeça. "Quando eu era pequeno, Frig costumava me fazer escalar árvores com ela. Ela pensou que me faria ser como ela e Ulf."

Rika segurou a corda, descendo o mais rápido que pôde. A verdade era que fazia muito tempo desde que ela subia em qualquer árvore, mas o pensamento do que poderia acontecer se alguém os pegasse agora lhe dava forças para fazê-lo. Ela colocou os pés em terra firme...

...bem a tempo de um dos soldados de Endi dobrar a esquina do castelo.

"O que é isso?" ele disse com uma risada. "Lady Rika, fugindo? Oh, seu irmão vai adorar isso. Primeiro seu irmão sai e dizem que ele está reunindo homens. Então eles dizem que metade do ducado está pronto para se levantar. Agora isso? Venha, nós vamos levá-lo para—"

Ouviram-se o som de uma corda de arco e uma seta de besta apareceu, meio enterrada na cabeça do soldado. Rika resistiu ao desejo de gritar em choque ou horror, em vez disso, olhou para onde Rose estava caindo levemente da corda, uma pequena besta ainda na mão.

"Você não tinha que fazer isso", disse Rika. "Nós poderíamos ter—"
"Poderia ter feito o quê? Falou bem com ele?"
"Eu estava pensando em atingi-lo com uma pedra e nocauteá-lo", disse Rika.
Por que as pessoas sempre presumiam que, porque ela tentava ser gentil, ela era estúpida?

"Talvez," Rose disse, "mas não é nisso que eu sou boa. Eu mato pessoas."
"Bem, não mate mais a menos que eu diga," Rika insistiu.
Por um momento, parecia que Rose iria discutir, mas então ela assentiu. "Tudo bem, por que não? Acho que se vou tentar ser uma pessoa melhor, tenho que começar de *algum lugar*. Vamos lá, se Oli fez sua parte, há algumas pessoas esperando por você."

Ela liderou o caminho em direção a um dos muitos grupos de árvores que pontilhavam a cidade. Com certeza, quando Rika se aproximou, ela podia ver pessoas esperando por eles, talvez uma dúzia, todas pessoas comuns da cidade, mas todas armadas.

"O que é isso?" Rika perguntou enquanto se aproximava deles.
Quase como um, eles caíram sobre um joelho.
"Lady Rika, estamos felizes por você estar segura", disse um homem mais velho. "Eu sou Wol o carpinteiro. As pessoas ao redor de Ishjemme estão prontas para se levantar ao seu comando."

"Ao *meu* comando?" perguntou Rika. Ela olhou para Rose, que deu de ombros.
"As pessoas ouviram dizer que você não aceitaria a falsa regra de Endi", disse Wol. "Você arriscou a prisão e a morte ao invés de ficar do lado dele. Seu irmão Oli veio para o nosso lado, mas é *você* que queremos nos liderar."

Rika não tinha certeza de como responder a isso. Ela não achava que ela era uma líder, mas a verdade... a verdade era que Endi precisava ser detida.

"Tudo bem", disse ela. "Por agora."
"Nós vamos levá-lo para a segurança", disse o carpinteiro. "Então nos levantaremos juntos e recuperar Ishjemme."

Rika olhou novamente para Rose. A outra mulher deu de ombros.

"Parece que você encontrou um exército."

Rika balançou a cabeça. "Mas eu nunca *quis* um exército."

"Talvez isso faça de você a melhor pessoa para ter um, então", disse Rose.

"Agora, eu deveria ir."

"Indo?" disse Rika. Ela deu um passo à frente e abraçou Rose. "Bem desse jeito? Você me salvou e agora vai embora?"

"Confie em mim," Rose disse, "uma vez que você descobrir quem eu sou e as coisas que eu fiz, você não vai gostar muito de mim. Prefiro ir embora enquanto você ainda pensa que sou seu amigo."

"Você é", disse Rika. "Por favor fica? Seja o que for, o que quer que você tenha feito, você me salvou. Além disso", ela disse, olhando para as pessoas comuns de sua rebelião e pensando nos soldados que Endi empregava, "acho que vamos precisar de você."

Rosa deu um passo para trás. Por um momento, Rika pensou que ia virar e vá embora. Então ela deu um único e conciso aceno de cabeça.

"Tudo bem", disse ela. "Apenas me prometa que você não vai me matar quando ouvir o resto. Tenho a palavra de seu irmão sobre isso."

"Então você tem o meu também", disse Rika, sem hesitação. Ela olhou ao redor das pessoas lá. "Isso é todo mundo?"

Wol, o carpinteiro, balançou a cabeça. "Não, minha senhora. Metade da ilha está pronta para ficar com você. Há muitas pessoas que pensam que o que Endi fez é errado, e agora que Oli está contando às pessoas sobre suas traições, elas estão prontas para enfrentá-lo. Eles estão apenas esperando você dar a palavra."

Rika hesitou. Ela tinha toda uma rebelião, ao que parecia, esperando por seu comando, mas ela sabia o que esse comando significaria. Se ela lhes dissesse para agir, então as pessoas morreriam, se machucariam e teriam suas vidas arruinadas. Ela pensou no quanto seu coração se partiu quando descobriu que seu pai havia morrido. Ela poderia fazer mais alguém passar por isso, mesmo para parar Endi?

A resposta para isso era simples: ela precisava.

"Envie mensagens para as pessoas", disse Rika. "Diga a eles que chegou a hora de se levantar. Diga a eles... diga a eles que é hora de libertar Ishjemme do meu irmão."

CAPÍTULO DOZE

Sophia sentiu o calor batendo nela como um porrete quando o navio deles chegou no porto de Morgassa. Sienne se contorceu contra suas pernas, e Sophia só podia imaginar o que o gato da floresta estava sentindo com suas camadas de pêlo.

"Estamos aqui", disse Sophia para Lucas e Kate enquanto olhavam para a cidade ao lado dela. "Na verdade, chegamos a Morgassa."

Eles tinham feito um bom tempo, o vento a favor deles durante quase toda a jornada para o sul. Agora, a capital do outro reino estava diante deles em uma série de prédios brancos baixos com telhados planos. Mesmo os edifícios maiores, os espigueiros e o palácio, os armazéns e o mercado, foram construídos no mesmo estilo. As pessoas de pele escura da cidade se agitavam fazendo todos os tipos de tarefas que Sophia poderia ter visto em Ashton, além de muitas coisas que ela não faria. Alguns deles olharam para eles; ela se perguntou quantos forasteiros eles viram.

O Alto Comerciante N'Ka fez um gesto com a mão na direção da cidade enquanto o navio deles batia no cais.

"Não é a joia do mundo?"

"É uma bela cidade", admitiu Sophia.

"Existem essas coisas para ver aqui", continuou o comerciante. "Nossos jardins de prazer trazem viajantes de mil milhas ao redor. O templo das sete cobras ainda está de pé apesar dos esforços de uma centena de invasores diferentes. Nosso mercado de coisas escondidas..."

"Gostaria que houvesse tempo para ver tudo", disse Sophia, interrompendo-o. "Mas deixei meu filho e o homem que amo em casa para encontrar meus pais. Não quero passar mais tempo longe deles do que o necessário."

Sophia podia sentir a dor que vinha com a falta de Sebastian e Violet, e ela adivinhou que as coisas não estavam melhores para Kate quando se tratava de Will. Este era um momento para planejar a próxima parte de sua jornada, não para passear.

Lucas parecia estar pensando a mesma coisa, porque ele tirou o apartamento disco que poderia levá-los a seus pais, esperando que Sophia e Kate colocassem as mãos nele. O mapa sobre ele ganhou forma, o ponto brilhante da presença de seus pais ali para ver. A imagem de uma cidade dourada brilhou no ar acima do convés do navio.

"Ainda há um longo caminho a percorrer", disse Lucas, enquanto a imagem desaparecia.

Sofia assentiu. "Precisaremos viajar rapidamente."

Ela se virou e viu o Alto Comerciante N'Ka olhando para eles com um olhar chocado. expressão. Ela assumiu que era apenas a magia do dispositivo que o deixou tão admirado, pelo menos até que ele falasse novamente.

"A Cidade Esquecida... você está caçando a Cidade Esquecida."

"Você sabe sobre isso?" Sofia perguntou.

"Todo mundo em Morgassa conhece as histórias", disse ele. "Dizem que está além de uma porta de ouro, mas o que fica além disso, ninguém sabe, porque não se abrirá para eles."

"Ele vai abrir para nós", disse Kate, com sua determinação habitual. "Mesmo se eu tem que derrubá-lo."

"O rei vai querer vê-lo", disse o mercador.

"Nós não queremos incomodá-lo", respondeu Sophia. Ela não queria ser pega nas sutilezas das visitas reais quando ela poderia estar procurando por seus pais.

"Você não entende," disse o Alto Comerciante N'Ka. "É proibido procurar a cidade. Todos os que o fizerem serão levados ao rei".

Sophia olhou na mente do homem. Ela podia ver o medo lá em ser preso em algo que de repente era muito maior do que ele havia previsto. Ele não queria incomodar os convidados que viajavam com ele, especialmente quando Sophia tinha soldados com ela, mas também não queria incomodar seu rei.

"Eu vou", disse Sophia, olhando para os outros. "Vocês dois podem começar fazendo os preparativos para a viagem para não perdermos tempo."

"Tem certeza?" Kate perguntou, com a mão no punho da espada. "Eu não como a ideia de você entrar na casa de um rei estranho sem ninguém para protegê-lo."

"Vou ter Sienne," Sophia assegurou sua irmã. "E gritarei por ajuda se precisar."

"Estarei esperando," Kate prometeu.

"Estaremos esperando," Lucas a corrigiu.

Sophia fez seu caminho com o Alto Comerciante N'Ka pela cidade até um local que era claramente um castelo, ou palácio, ou outro grande edifício. As paredes brancas eram compensadas com joias aqui e ali, flashes de azul pintados

que parecia uma onda do mar. Guardas estavam do lado de fora do palácio, segurando lanças e com lâminas curtas em seus cintos.

Eles disseram algo em uma língua que Sophia não entendeu, mas ela entendeu a essência: eles queriam saber quem era o estranho. O Alto Comerciante N'Ka disse algo em resposta, e os guardas olharam para Sophia da mesma forma que ele fez quando ela mencionou a cidade. Eles abriram os portões, então caíram ao lado de Sophia enquanto a escoltavam para dentro.

O interior do palácio era muito mais extravagante do que o exterior fui. As paredes foram pintadas com uma mistura de desenhos geométricos e imagens que mostravam homens e mulheres em meio ao que pareciam atos heróicos: caminhar por terrenos baldios, lutar contra criaturas estranhas, escalar penhascos. Os servos permaneciam ao redor do palácio, vestidos com simples kilts ou vestidos brancos, claramente esperando instruções.

Os guardas os conduziram a uma grande câmara, onde mais servos e guardas se enfileiraram em direção a um trono aparentemente esculpido em pedra, no qual estava sentado um homem musculoso que devia estar na casa dos quarenta. Sua coroa era feita de marfim, cravejada de diamantes. O Alto Comerciante N'Ka curvou-se profundamente quando ele se aproximou, mas Sophia apenas ofereceu um aceno de cabeça. Ela suspeitava que os governantes não deveriam se curvar uns aos outros.

Seguiu-se uma rápida troca, no mesmo idioma de antes. O rei gritou alguma coisa, e uma mulher com o vestido branco de uma serva se moveu ao lado dele. O rei falou novamente.

“Eu sou o Rei Akar de Morgassa,” a mulher disse, traduzindo suas palavras com uma expressão tão impassível que ela poderia muito bem não estar ali.

“O Alto Comerciante N'Ka foi enviado para negociar com você, Rainha Sophia, não para trazê-la aqui antes de mim. Embora agora que vejo você, estou feliz que ele tenha visto.

“Eu me trouxe”, respondeu Sophia, “porque acredito que algo que estou procurando pode estar dentro de seu reino.

A expressão do rei ficou séria. “A Cidade Esquecida. É um lugar proibido. Nós não vamos lá. Você não vai lá. Fique como meu convidado. Deixe-me mostrar a você como Morgassa é linda.”

“Com todo o respeito”, disse Sophia, “devo viajar para a Cidade Esquecida.”

A expressão do Rei Akar passou de séria a irritada. Ele falou em um longo fluxo que soou ainda mais estranho para a falta de inflexão do tradutor.

“Quando eu era menino, homens de outras terras vinham a este reino em busca de seus tesouros perdidos. Nós tentamos dizer a eles que eles eram

não perdido; que eles estavam escondidos por uma razão, e que eles eram nossos. Tolos em máscaras tentaram nos fazer adorar uma deusa que não era nossa, e tentaram levar ouro e pessoas. Eles colocaram marcas neles e disseram que deviam a essa deusa apenas por existir. Eles chamaram aqueles entre nós com o mal mágico, e tentaram matá-los. Eles pensaram que poderiam vir à minha casa e pegar o que quisessem. Você **acha** que pode pegar o que quiser, rainha Sophia?

Sophia teve a sensação de que suas próximas palavras determinariam muito o que aconteceu com ela e as pessoas com ela. O rei não havia feito ameaças, mas os guardas ao redor deixaram claro que ele tinha o poder de fazer cumprir o que decidisse.

“Eu tinha uma marca como essa que você está falando uma vez,” Sophia disse, “e se você já ouviu falar de mim, você sabe que eu tenho tantos motivos quanto **qualquer um** para odiar a Igreja da Deusa Mascarada, que eu libertei os servos do meu reino, e que estou atualmente olhando para sua serva e me perguntando quanta escolha ela tem em tudo isso.

O rei Akar olhou para o tradutor, depois de volta para Sophia.

“Uma boa resposta,” ele disse através dela. “E um que vai receber você como convidado em minha casa. Mas você ainda não disse o que está procurando em meu reino.

“Eu vim aqui para encontrar meus pais”, disse Sophia. “Não estou aqui para roubar, ou ferir pessoas, ou fazer qualquer outra coisa, apenas para ver os pais que não vejo desde criança. Eu nem sabia que essa 'Cidade Esquecida' existia até que a vi em um dispositivo que meus pais deixaram para trás para encontrá-los.” Ela procurou algo mais para dizer. “Deixei meu filho e meu marido para trás para fazer isso. Deixei meu reino em um ponto em que provavelmente precisa de mim para manter a paz. Se você tem pessoas com magia, deixe uma delas olhar em minha mente. Eles verão a verdade de tudo o que estou dizendo.”

O rei Akar ficou ali sentado por um minuto, olhando para ela.

“Isso não será necessário”, disse ele finalmente. “Você terá minha ajuda para preparar uma caravana para a viagem, e meu tradutor irá com você para ajudá-lo.” O tradutor olhou para ele com óbvia surpresa, depois continuou. “Aviso agora, porém, que será uma jornada difícil. Os resíduos são implacáveis, as planícies de sal ainda mais.”

“Eu não me importo com nada disso,” Sophia o assegurou. “Eu farei o que for leva para encontrar meus pais.”

CAPÍTULO TREZE

A cada passo que seu exército dava para o sul, o Mestre dos Corvos podia sentir-se cada vez mais forte. Com cada cidade e vila que caiu para eles, cada morte, cada batalha contra aqueles que tentaram resistir, suas criaturas se alimentaram e ele foi sustentado.

Ele sorriu ao pensar em tudo o que este pequeno reino insular havia lhe dado e aquele sorriso só se alargou em um ricto quando ele considerou tudo o que aconteceria nos próximos dias. Ao contrário do continente, não estava em guerra com ele há anos. Seu povo não sabia as melhores maneiras de se esconder, não sabia como evitar seus corvos, e ele ainda não havia esgotado seu estoque daqueles com magia.

“Eu me pergunto se eles percebem o que perderam quando mataram Siobhan,” ele meditou em voz alta. Por quanto tempo a mulher da fonte manteve ele e outros como ele fora da ilha em que ela vivia? Se não ela, então os antigos governantes, os Danses. Agora, não havia nada para detê-lo.

Uma de suas criaturas pousou em sua mão estendida, olhando para o exército que avançava enquanto o carregava. Eles passaram pelas ruínas de Monthys agora, o grande exército passando sobre o rio que barrava o caminho para a parte principal do reino. Ashton ficava ao sul, e os filhos dos Danses com ele.

“Vou tomar suas terras, vou matar aqueles com poder”, prometeu o Mestre dos Corvos aos pássaros ao seu redor. “E isso nos dará poder suficiente para tomar **outros** bastiões mantidos por aqueles que os defenderiam.”

O Mestre dos Corvos podia sentir a aprovação de seus pássaros com esse pensamento, mas eles sempre gostavam de qualquer coisa que promettesse alimentá-los mais. Isso era diferente, no entanto. Este reino insular prometia poder suficiente para que eles pudessem levar a qualquer lugar que quisessem.

Por um capricho, o Mestre dos Corvos começou a assobiar. Não era algo que ele normalmente fazia; ele não fazia isso há muito tempo. A melodia era tão antiga que nem ele sabia de onde tinha vindo. Ele assobiou, e ao redor dele todos os corvos, todos os corvos, todas as pegas se juntaram, a cacofonia se espalhando sobre seu exército de modo que os passos das botas pareciam bater no ritmo do canto desordenado dos pássaros.

O Mestre dos Corvos olhou em volta para aqueles que marchavam mais perto dele. Se seus assessores acharam estranho, não disseram nada. Eles **aprenderam** a não dizer nada.

Ele parou de assobiar quando viu as gaiolas dos corvos.

As forcas deveriam estar cheias. Seus batedores tinham uma tarefa, que era preenchê-los, fosse com os poderosos, ou os habitantes das aldeias, ou simplesmente com aqueles que demoravam demais para sair do caminho.

Fazer isso alimentou seus corvos, ao mesmo tempo que semeou o medo do que aconteceria com aqueles que não se renderam.

A princípio, o Mestre dos Corvos pensou que talvez alguém em suas fileiras tinha sido preguiçoso. Ele se virou para um ajudante, pronto para dar a ordem de chamar de volta os batedores para que exemplos pudessem ser dados, mas então ele parou, dando uma segunda olhada nas forcas. Ele caminhou até eles, anguloso e sem graça como um corvo saltitante, olhando para eles primeiro por um olho, depois pelo outro.

"O que você vê?" ele perguntou ao mais próximo de seus assessores.

O jovem empalideceu quando o Mestre dos Corvos fez a pergunta.

"S... alguém quebrou as gaiolas, meu senhor."

"Correto", disse o Mestre dos Corvos, observando as fechaduras quebradas e as correntes quebradas. As barras de alguns dos patíbulo estavam dobradas, enquanto outras estavam tombadas de lado.

— E o que você acha que isso significa? ele perguntou.

"Eu não sei, meu senhor", disse o ajudante.

"Então **pense!**" o Mestre dos Corvos retrucou, virando-se para ele. "Se alguém quebrou as gaiolas, o que isso significa?"

"Rebelião, meu senhor?" o ajudante disse com uma carranca. "Camponeses tentando de volta suas famílias? Bruxas que ainda tinham poder suficiente para se libertar?"

Os palpites eram todos aqueles que se encaixavam nas coisas que eles tinham visto no passado, mas à sua maneira, cada um era um palpite tolo.

"Os batedores estão bem armados, e cada conjunto de força teria guardas", disse o Mestre dos Corvos. "Mais importante, eu não vi isso acontecer. Eu não **vi**, você entende?"

"Não, meu senhor", disse o ajudante. "Eu pensei... eu pensei que você viu tudo."

A fé do homem em seu general foi a única coisa que salvou sua vida direito então. Em vez disso, o Mestre dos Corvos atingiu uma das gaiolas com o pé, dobrando o metal enquanto o lançava voando. Ele enviou sua consciência para seus corvos e rapidamente encontrou o que estava procurando.

Ele saiu do caminho, entre as rochas e as urzes, até ele encontrou a pequena vala onde uma dúzia de corpos de seus batedores tinha sido

deixou. Os homens tinham cortes de espada estragando seus corpos, e os buracos que marcavam os ferimentos de bala.

"Isso não é de alguns camponeses", disse o Mestre dos Corvos a seus homens.

"Observe que não há corpos de outras pessoas aqui, nenhum sinal de que eles possam revidar? Eles foram emboscados por especialistas. Especialistas que poderiam fazer isso sem serem vistos pelos meus pássaros."

Isso tanto quanto o resto lhe dizia que esses eram inimigos perigosos. Ele havia derrotado exércitos inteiros cujos generais não sabiam como impedi-lo de ver cada movimento que eles faziam. Isso foi algo que foi suficiente para fazê-lo parar e pensar.

Ele poderia ter deixado isso passar. Foram apenas alguns pedaços perdidos em comparação com o festa que seus pássaros teriam em Ashton, afinal. Se isso fosse tudo o que era, então ele **poderia** tê-lo deixado. No máximo, ele teria dito a alguns de seus homens para vigiar as pessoas que fugiam deles. No entanto, se havia um inimigo como este lá fora, ele queria saber. Ele os queria mortos.

"Onde você está?" ele meditou, enviando sua consciência para o seu criaturas.

Ele vasculhou o campo ao redor deles, suspeitando que aqueles que haviam feito isso não poderiam ter ido longe. O Mestre dos Corvos conhecia a condição dos corpos tão bem quanto qualquer pessoa viva, e seus batedores não estavam mortos há muito tempo. Seus pássaros voavam em seus padrões, dividindo a terra ao redor enquanto as térmicas os levavam. Levou um minuto ou dois antes que ele percebesse que algo estava faltando.

Havia toda uma faixa de terreno onde nenhum de seus pássaros voava. Não, isso não era bem verdade, porque um corvo entrou nele mesmo enquanto ele observava, apenas para que ele desaparecesse de sua consciência como se não existisse mais. Ou como se alguém o tivesse apanhado no momento em que chegou perto demais.

Ele bombardeou a área com seus corvos, determinado a ver mais, para descobrir o que estava acontecendo. Alguns foram derrubados como os outros, mas mais conseguiram passar, muitos para parar completamente.

Ele os viu então. Uma coluna de figuras caminhava pela paisagem: aldeões e pessoas da cidade, pessoas com feridas que sugeriam que tinham sido as que estavam nas jaulas e outras que apenas pareciam ter corrido à frente do exército. Eles se moveram por áreas rochosas de charneca e charneca, agarrando-se a qualquer cobertura que pudessem encontrar, liderados por duas figuras que **não** pareciam comuns. Um homem e uma mulher, muito parecidos demais para serem outra coisa que não irmãos, lideravam a pequena coluna.

O Mestre dos Corvos reconheceu Ulf e Frig Skyddar instantaneamente. Um homem deveria conhecer seus inimigos, afinal. Eles estavam atirando com arcos curtos, derrubando o maior número de pássaros que podiam. Ele os ouviu chamar a coluna de refugiados, e ela começou a correr, indo em direção a uma fenda profunda na charneca e a uma área de floresta que ficava na outra extremidade.

“Os que fizeram isso estão a sudeste”, disse o Mestre dos Corvos, voltando a si. Ele caminhou até um cavalo de guerra, montando nele sem se importar de quem era. A fera relinchou e empinou, talvez sentindo o que estava em suas costas, mas ele o dominou rapidamente. “Eu preciso de cem homens comigo, agora.”

Homens correram para seus próprios cavalos, montando e movendo-se atrás do Mestre dos Corvos enquanto ele chutava sua fera em um galope.

“Eu os quero antes que eles alcancem a segurança da floresta,” ele gritou.
“Mate todos que encontrarmos. Não deve haver sobreviventes. Os corvos festejam hoje.”

Frig amaldiçoou a si mesma enquanto instava a coluna de refugiados a se mover mais rápido, porque a verdade era que havia apenas uma velocidade para que pessoas famintas e muitas vezes feridas *pudessem* se mover.

“Não tenho certeza se gosto de ser caçado em vez de caçador”, disse Ulf ao lado dela enquanto caminhavam.

“Certamente dá um senso de perspectiva,” Frig concordou. Ela olhou para cima, vendo os corvos que agora enchiam o céu, não os deixando fora de vista. Não havia nenhuma maneira que mesmo ela e Ulf pudessem esperar matar todos eles para cegar seu dono novamente.

“Precisamos chegar à floresta”, disse Ulf.

“Você tem um jeito de dizer o óbvio, irmãozinho,” Frig disse.

“Eu pensei *que* era o gêmeo mais velho,” Ulf disparou de volta.

Frig balançou a cabeça. “Eu sou o mais velho. É por isso que eu sou o inteligente.”

Ulf bufou com isso. “Se qualquer um de nós é tão esperto, por que estamos fugindo de meio exército?”

A resposta correu ao lado deles, na forma de homens, mulheres e crianças que de outra forma estariam mortos. A coisa *sensata*, quando o exército do Mestre dos Corvos começou a se mover para o sul, poderia ter sido abandonar o

A propriedade de Monthys eles deveriam estar reconstruindo em dois cavalos velozes e correr para Ashton.

"Mas quando foi que fizemos a coisa sensata?" Frig murmurou para si mesma.

"Se você quisesse fazer a coisa sensata, ainda poderíamos correr para a floresta," Ulf apontou. Ele deve ter percebido a expressão dela. "O que? Eu não estou dizendo que eu faria *isso*. Só que se você quisesse, você poderia."

Frig apontou para o pequeno desfiladeiro que corria pela charneca em direção à floresta.

"Entrem aí", ela gritou para os refugiados. "Pelo menos eles não serão capazes de nos atropelar em cavalos dessa maneira!"

Gritar não fez a coluna se mover mais rápido, mas a visão de manchas no horizonte sim, e o trovão de cascos atrás dele.

"Eles estão vindo," Ulf disse. Ele tinha seu machado para fora agora.

"Nós não vamos precisar disso," Frig disse, e ela não sabia se ela estava tentando convencê-lo. "Nós vamos conseguir."

Ela podia ver a velocidade com que o inimigo estava se aproximando. Os cavalos estavam a todo galope, e não havia como as pessoas com eles conseguirem chegar à floresta a tempo. Se Frig tivesse possuído algumas dúzias de homens endurecidos, ela poderia ter preparado uma emboscada, mas os únicos lutadores reais aqui eram ela e seu irmão.

Eles rastejaram no desfiladeiro, ajudando os mais fracos e os mais lentos. Frig colocou uma criança nos braços de sua mãe, e isso foi o suficiente para lembrar por que ela e Ulf não podiam simplesmente correr para a segurança.

"Alguém precisa desacelerar esses soldados," Frig disse a seu irmão.

"Eu vou fazer isso", ele atirou de volta. "Você leva os outros para a segurança."

"Eu sou o mais velho. ***Eu vou*** fazer isso."

"Ainda não estou convencido de que você é o mais velho", disse Ulf. "E se você acha que estou deixando você para trás, você está mais louco do que Kate ficou com aquela bruxa dentro dela."

"Bem, eu não vou deixar ***você*** para trás," Frig insistiu. Ela suspirou e apontou para o que parecia ser a parte mais estreita do desfiladeiro, onde rochas caíram de ambos os lados para produzir uma espécie de passagem. "Acho que se duas pessoas podem segurar em qualquer lugar, é lá."

Ulf assentiu, e os dois se moveram para o outro lado, esperando enquanto os refugiados continuavam correndo.

"O que eu não daria por cerca de cinquenta armadilhas agora", disse seu irmão.

“Isso ainda deixaria cinquenta deles para lutar,” Frig apontou enquanto contava os inimigos que se aproximavam. Eles estavam quase no desfiladeiro agora. “Você não pode nem **contar?**”

“Um homem tem que se divertir,” Ulf disse com um sorriso .

“É verdade”, disse Frig. Os soldados estavam desmontando agora, formando-se para marchar para o desfiladeiro. Ela podia ver a figura alta entre eles, dando as ordens, e ela sabia quem tinha que ser. “Pode quase valer a pena morrer para matar aquele.”

“Quem disse alguma coisa sobre morrer?” disse Ulf. “Nós vamos ficar aqui e cortá-los todos como árvores, depois voltar para Ashton para se gabar de como vencemos a guerra sozinhos.

Frig sorriu, embora houvesse pouco o suficiente para sorrir então.

“Você sabe que eu sei quando você realmente não acredita no que está dizendo, certo?”

“Sim, bem...” Ulf deu de ombros. “Só não saia por aí morrendo antes de mim, irmã.”

“Eu estava prestes a dizer a mesma coisa,” Frig respondeu.

“Talvez se nenhum de nós morrer primeiro, vamos superar isso depois de tudo”, Ulf disse com outro sorriso de lobo.

Frig o abraçou então. “Eu te amo, seu grande idiota.”

“Eu também te amo, irmãzinha.”

“Eu continuo dizendo a você que eu sou mais velho que você. Foram quinze minutos completos!”

Os soldados estavam no desfiladeiro agora. Sem hesitar, Frig saiu e enviou uma flecha voando em direção ao Mestre dos Corvos. Ele saiu do caminho como se estivesse esperando por isso, e a flecha acertou um homem atrás dele. Ulf disparou uma pistola, que derrubou outro homem, então começou a enviar flechas de seu arco de caça.

Frig manteve seu próprio fogo, focando sua mira no líder do Novo Exército, continuando a acertar aqueles ao seu redor quando ele se esquivava com velocidade desumana. Ela se abaixou quando uma saraivada de tiros de mosquete veio, ricocheteando nas rochas e enviando lascas de pedra pelos ares.

Homem após homem caiu com flechas nele. Frig ousou olhar para trás e viu que os refugiados estavam agora mais adiante no desfiladeiro, mas não estavam claros. Os dois não podiam correr. Não que isso já tivesse sido sobre correr.

"Essa é a última das flechas", disse Frig, enviando a última para frente, em seguida, desembainhando sua espada.

"Eu também estou fora," Ulf disse.

Os soldados vieram para eles então, forçados a vir não mais do que um par de de cada vez no espaço confinado. Ulf estava certo, era um pouco como derrubar árvores. O primeiro homem veio até Frig e ela cortou sua cabeça, enquanto Ulf enterrou seu machado nas costelas de outro. Frig chutou o corpo para ele, então aparou um golpe na cabeça dela.

Eles continuaram vindo para ela, e Frig continuou lutando, cortando e cortando, nunca deixando sua lâmina parada o suficiente para que houvesse uma brecha na qual outro homem pudesse pisar. Ela e seu irmão trabalhavam como duas metades de um todo, encaixando-se com o tipo de precisão que só a confiança total poderia trazer. Ulf recebeu um golpe na cabeça e ela esfaqueou o soldado responsável. Ela tropeçou em um homem e Ulf acabou com ele.

Era um trabalho cansativo, porque todas as batalhas eram. Não importa o quão forte você foram, após os primeiros momentos, as batalhas se tornaram sobre quem poderia continuar balançando sua arma, quem poderia avançar.

Foi quase um choque quando os homens do Novo Exército recuaram.

Eles não foram muito longe, apenas até o final da seção estreita, mas Frig estava mais do que grata pela pausa. Ela pegou um odre de água, tomando um longo gole. Ela ofereceu a Ulf, que balançou a cabeça.

"Não, a menos que seja uísque."

"Você acha que estaria cheio se estivesse?" Frig respondeu, verificando ela mesma acabou. Ela tinha feridas em ambos os braços, e ela nem conseguia se lembrar de como ela as conseguiu. Nada disso importava agora, porque os refugiados estavam começando a sair do desfiladeiro, em direção à floresta.

"Ocorre-me que uma vez que eles estejam claros, podemos realmente tentar puxar volta," Ulf apontou.

Frig desejou que fosse assim tão simples. "Uma vez que nos afastamos daqui, eles podem passar com força e eles terão uma chance clara de nossas costas em retirada."

"Então temos que ficar aqui e torcer para matar todos eles?" disse Ulf.

"Ou que eles recuem o suficiente para que possamos **correr**", disse Frig.

Nem parecia provável. Pior, alguns dos soldados do Mestre dos Corvos parecia estar saindo do desfiladeiro e começando a circulá-lo.

"Você viu o que meus homens estão fazendo", o Mestre dos Corvos chamou Fora. "Em breve, eles terão bloqueado você e também estarão em um

posição para atirar em cima de você. Deixe por muito mais tempo e você vai morrer.”

Ele fez parecer inevitável. A pior parte era que ele provavelmente estava certo.

“Você não estaria falando conosco se não tivesse outra sugestão.”
disse Frigo.

“Saíam e se rendam. Você lutou bem. Eu respeito isso. Vocês são mais valiosos para mim como reféns do que mortos. Talvez quando isso for feito, eu até permita que você se junte ao meu exército.”

“Uma oferta generosa,” Frig disse. “Por que devemos acreditar nisso?”

A resposta para isso voltou rapidamente. “Porque eu não tenho que fazer isso.”

Frig olhou para Ulf, baixando a voz. “O problema é que ele tem um ponto. Provavelmente estaremos mortos se ficarmos aqui, e provavelmente **valemos** alguma coisa como reféns.”

“Você acha que Sophia abriria os portões para Ashton porque ele nos pegou?”
disse Ulf.

Frig deu de ombros. Ela não sabia disso. “Aposto que Kate e Jan e até Hans montaria alguma missão de resgate estúpida, no entanto. Provavelmente se matarão.”

“Eles podem ter sucesso,” Ulf apontou.

“Eles podem,” Frig concordou, “mas se eu fosse o inimigo, eu colocaria tudo que eu tinha ao nosso redor e tornaria isso impossível.

Ulf ficou em silêncio por um minuto. Ele olhou para ela, e Frig soube instintivamente que ele estava pensando o que ela era. “Não vejo que tenhamos muita escolha.”

Frig assentiu, concordando com ele. “Temos que fazer o que temos que fazer.”

Eles se levantaram, as armas mantidas cuidadosamente para baixo enquanto avançavam. Frig abaixou a cabeça de vergonha, sua espada arrastando no chão enquanto eles se aproximavam. Ulf era a imagem de um homem quebrado, sangue no rosto, cabelo solto na frente dele.

Frig esperou até estar a uma dúzia de metros do Novo Exército antes de ela olhar para Ulf e sorriu.

“Preparar?”

“Pronto”, disse ele, e gritou um desafio.

Eles cobraram.

CAPÍTULO QUATORZE

Henry d'Angelica parou no portão da propriedade do duque de Axshire, preparando-se para o que estava por vir, mesmo enquanto contemplava a vista da casa de campo que algum belo paisagista provavelmente havia planejado com cuidado.

Para Henry, **parecia** artificial, as árvores que estavam diante dele quando ele o visitou pela última vez cortadas em tocos para melhorar a vista, algumas das velhas defesas do que já foi um poderoso castelo **aprimoradas** para os padrões modernos de estética. Henry não conseguia entender essa necessidade constante de melhorar as coisas. Até os eventos dos últimos meses, o reino funcionava bem o suficiente. Talvez não perfeitamente, mas esse era um assunto a ser discutido na Assembléia dos Nobres, não uma razão para destruir tudo.

Ele desceu em direção à casa do duque, esperando que outros estivessem lá. Uma coisa era enviar mensagens a cada parada ao longo do caminho, outra bem diferente era realmente reunir pessoas aqui. Mesmo assim, quando Henry se aproximou, ele pôde ver sinais de muitas pessoas reunidas: cavalos, servos extras correndo para atender a tarefas, o som de pessoas lá dentro. Ele desceu de seu cavalo, entregando as rédeas a um servo e pegando sua bolsa antes de entrar.

"Henry, é bom vê-lo", disse Sir Archibald Hemsworth enquanto Henry entrou. Previsivelmente, o homem estava bêbado. "Devo dizer que foi uma boa ideia reunir todo mundo para uma festa como essa."

"Não é uma festa", disse Henry. "Onde estão o duque e a duquesa?"

"A sala de jantar, eu acho. Se não é uma festa, o que é?"

"Você vai ver."

Henry foi até a sala de jantar. Em outro dia, ele teria tido tempo para se vestir para o jantar, e era apenas a coisa cortês a se fazer na maioria das circunstâncias. Hoje, porém, ele queria impressionar as pessoas sobre a urgência de sua tarefa. De **sua** tarefa.

Havia nobres esperando na sala de jantar. Nobres, um par de sacerdotes, um ou dois homens que pareciam ser das Companhias Livres. Não havia tantas pessoas lá quanto Henry esperava, mas havia mais do que ele temia que pudesse haver.

O duque Loris de Axshire caminhou até ele, um homem apenas alguns anos mais velho que Henrique, feito duque graças à morte de seu pai. Sua esposa, Imogen, estava com ele, adorável como sempre. Eles sempre foram perfeitos

casal, mesmo nos breves dias antes de o pai de Henry tê-lo comprado fora de sua comissão no exército.

Nenhum deles parecia satisfeito.

"Agora veja aqui, Henry", disse Loris. "Eu sei que somos velhos amigos, mas você não pode simplesmente despejar metade dos nobres do reino na casa de um homem sem sequer **perguntar** a ele primeiro.

"Não é metade", disse Henry, e ele não pôde evitar uma nota de decepção. "Esperava mais."

"Mais?" disse Imogen. Ela sempre teve a voz mais adorável, mesmo que no momento estivesse cheia de aborrecimento, e sob outras circunstâncias, Henry poderia ter esperado... mas isso foi no passado. Melhor que ficasse lá.

"Acho melhor você nos dizer o que está acontecendo", disse Loris. "Você é meu amigo, Henry, mas isso não é algo que os amigos fazem."

Henrique assentiu. "Eu sei. Sinto muito, vocês dois, mas eu precisava reunir pessoas em algum lugar, e a casa dos meus pais estava fora de questão depois que eu saí.

"Depois que você foi embora?" Imogen disse, em um tom que sugeria que ela entendia.

"Eu não sou mais bem-vindo lá", disse Henry. Antes de qualquer um deles pudesse fazer qualquer coisa como lhe oferecer simpatia, ele se mudou para a sala de jantar, jogando sua bolsa sobre a mesa e levantando as mãos para pedir silêncio. Demorou um pouco para vir.

"Meus amigos", disse ele, "obrigado por terem vindo com tão pouca antecedência. Eu sei que muitos de vocês estão se perguntando o que está acontecendo. Eu sei que pedi muito fazendo isso." Ele olhou para a multidão deles.

"Confie em mim, pretendo perguntar mais."

"Tem uma dívida de jogo que não pode pagar?" um homem gritou da parte de trás.

"Eu acho que é mais seu departamento, meu senhor," Henry chamou de volta. "Mas Tenho uma dívida que precisa ser paga. Uma dívida de sangue e de honra para com minha família.

Esse silêncio foi mais total do que o anterior.

"O que você está fazendo, Henrique?" perguntou o conde Jalland.

"Eu perguntaria o que todos **você**s estão fazendo em vez disso," Henry rebateu. "Fomos invadidos há poucas semanas por uma força estrangeira. Essa força colocou uma garota que por sua própria admissão tem magia e foi uma das Escravas no trono. Colocou ao lado dela um príncipe que foi responsável pela morte de sua própria mãe, e entre eles... entre eles mataram meu primo!

Ele deu um soco na mesa com força.

"Há homens e mulheres nesta sala que afirmam defender cada antiga família neste reino. Que afirmam defender os valores da religião. Que têm forças militares próprias e peso político. Ainda assim, tudo isso não é vingado. Um homem condenado como traidor está sentado no trono, ao lado de uma mulher que é mentirosa ou alguém que veio nos arrastar de volta a um passado onde o caos da magia era normal." Ele apontou um dedo acusador ao redor da sala. "Por que vocês não **agem**, cavalheiros?"

"Para qual finalidade?" Earl Jaland respondeu. "O rei Sebastian e a rainha Sophia foram confirmados pela Assembleia—"

"Uma Assembleia que eles encheram com seus próprios apoiadores, usando plebeus para preenchê-la!" Henry retrucou. Era hora de jogar sua melhor carta. "Como o parente masculino mais próximo da rainha Angélica, reivindico o direito à coroa."

As pessoas congelaram então, olhando para Henry como se ele tivesse enlouquecido. Ele tinha metade esperava que; ele não era um tolo.

"Isto é..." um homem começou, mas Henry não o deixou terminar.

"Angélica foi reconhecida como a rainha deste reino?" Ele demandou. A pergunta recebeu alguns acenos em resposta. "Pela **verdadeira** Assembleia dos Nobres, não algo recheado de pessoas sem educação para agir verdadeiramente pelos interesses do país?" Mais acenos se seguiram. "E eu sou seu primo mais próximo, o macho mais velho da linha? Então, com a viúva e o rei Rupert mortos, com meu primo morto e com Sebastian desqualificado por ser um traidor, **eu** sou a única escolha que resta como rei.

Eles não rugiram sua aprovação, mas Henry dificilmente esperava que eles o fizessem.

— Então o que você quer que façamos? um nobre perguntou.

"Eu gostaria que você reunisse seus homens e se preparasse para retomar o trono", disse Henry. "Gostaria que você me ajudasse a punir esses assassinos e esses invasores. Os pais do meu primo fornecerão suas forças, obviamente, e com ajuda suficiente, podemos fazer do reino o que era novamente. Eu gostaria que vocês fossem para suas propriedades e se preparassem para a batalha!"

Desta vez, ele meio que esperava por um grito de lealdade, mas em vez disso, ele conseguiu mais silêncio.

"Isso é loucura", declarou Earl Jaland. "Pior que isso, é o tipo de conversa perigosa que poderia ver um homem enforcado. Eu não vou fazer parte disso." Ele saiu.

"Você não pode vencer", declarou um capitão mercenário, seguindo-o.

Até mesmo os sacerdotes abriram caminho até a porta. "Não podemos dar-lhes desculpa para fazer mais pela nossa igreja", disse seu líder. "A princesa Kate já é veemente em seu ódio por nós."

Um por um, eles começaram a se afastar. Finalmente, Henry ficou sentado sozinho em uma das cadeiras de jantar. Imogen e Loris vieram se sentar com ele.

"Henry," Imogen disse, estendendo a mão para pegar sua mão, "você está bem? Tudo isso... não parece com você."

"Imogen está certa", disse Loris. "Você sempre foi o único tentando me para ser sensato, e agora você está envolvido em um esquema que pode matá-lo?"

"Eles assassinaram meu primo", disse Henry. Ele balançou sua cabeça. "Eles têm fizeram tanto mal... alguém tem que detê-los."

"Mas por que você?" disse Lóris. "E não me dê tudo isso sobre ser Rei. Eu sei que isso é apenas para colocar as pessoas do lado."

"Eu **sou** rei," Henry insistiu. "T tecnicamente. Mas você está certo. É que... se eu não lutar pela honra da minha família, o que mais há?"

"Você vai ficar, é claro", disse Imogen. "Se seus pais o lançaram fora, você vai ficar. E talvez quando as coisas se acalmarem, você veja as coisas de forma diferente."

Henrique balançou a cabeça. "As coisas não vão se acalmar. Você conhece os rumores nas estradas? Dizem que o Novo Exército está de volta."

Isso fez com que ambos os olhos se arregalassem.

"É por isso que eu não discuti mais", disse Henry. "Hoje não se tratava de conquistá-los; tratava-se de plantar uma semente." Ele abriu sua bolsa, derramando um pouco da riqueza que havia levado quando partiu. "Isso pagará para os pregoeiros espalharem as notícias do que nossos novos governantes fizeram e comprará as empresas que não gostam de ser incluídas no exército real. Comprará espiões para descobrir o que os traidores planejam e mensageiros para entregar promessas a cada uma das facções."

Ele sabia quais seriam essas promessas. À Igreja da Deusa Mascarada: ascendência renovada. Para os nobres, sua Assembléia de volta como era. Aos capitães, ouro, ou a chance de expulsar estrangeiros, ou ambos. Ele faria qualquer promessa que precisasse para sua vingança.

"Ashton vai cair", disse ele. "Então vamos preparar suas propriedades, Loris. Quando cair, as pessoas se reunirão aqui e se lembrarão de quem prometeu

eles que ele poderia resolver as coisas. Então eles marcharão juntos, e eu verei as cabeças da Rainha Sophia e do Rei Sebastian em estacas!"

CAPÍTULO QUINZE

Sebastian sempre pensou que ele entendia o negócio de governar, mas a escala das coisas com as quais ele tinha que lidar conseguiu pegá-lo um pouco de surpresa. Manter-se a par dos acontecimentos do reino significava reunir informações de todos os cantos dele, e isso, ao que parecia, significava relatório após relatório, tanto de mensageiros quanto da multidão de senhores e senhoras que se aglomeravam no grande salão aparentemente sem nada melhor para fazer. Faz.

“Vossa Majestade”, disse um cortesão. “Mais refugiados chegaram à cidade, dizendo que suas aldeias foram queimadas.”

“Encontre espaço para eles,” Sebastian ordenou ao homem.

“Logo não haverá **espaço**”, ele murmurou. “Não deveríamos nos afastar pelo menos alguns?”

“E se eu o expulsasse de sua casa, meu senhor?” Sebastião rebateu. “Se eu desse a você e sua família para onde ir? Você diria que não havia espaço **então?**”

O cortesão engoliu em seco. “Espaço será encontrado, Sua Majestade.”

Ele se curvou e se apressou.

“Você vai fazer inimigos se você ameaçá-los com a tomada de suas terras quando discordam”, disse Hans, ao lado dele. Will estava do outro lado, os três fornecendo uma frente unificada diante das necessidades quase infinitas do reino.

“Isso não é o que eu fiz”, disse Sebastian. Ele pensou na conversa. “Mas é o que ele vai ouvir, não é?”

Hans assentiu.

Foi difícil acertar essas decisões. Cada escolha que Sebastian fazia impactava na vida das pessoas que ele governava. Forçar o cortesão a deixar entrar mais pessoas provavelmente salvaria vidas, mas também significaria mais pessoas famintas e desesperadas em Ashton, sem suas chances habituais de trabalhar ou proteger suas famílias. Já havia brigas e roubos, embora na grande bacia de Ashton fosse difícil perceber.

“Como estão as defesas?” Sebastian perguntou a Hans.

“O trabalho de reconstrução já estava em andamento quando ouvimos a notícia de o desembarque do Novo Exército — disse seu primo. “As muralhas internas foram reforçadas, enquanto fortificações foram colocadas ao redor da cidade externa para retardar o avanço do inimigo.”

Um dos senhores falou então. Sebastian reconheceu Earl Neversham.
"Vossa Majestade, a Assembleia de... isto é, a Assembleia fez perguntas sobre as táticas que você escolheu para se defender contra esta invasão."

Sebastian poderia ter se sentido melhor com o homem se ele não tivesse quase ligado na Assembléia dos Nobres, ou se sua família não tivesse ganhado dinheiro como escravagista.

"Quais questões?" Sebastião perguntou.

"Foi levantada a questão da abordagem do rei Rupert para a última incursão deste inimigo", disse o homem. "Independentemente do que possamos pensar sobre a ética disso, não se pode negar que foi muito eficaz."

"Ao destruir grandes partes do reino," Sebastian disse. "Hans, quanto tempo é provável que a agricultura na península leve para se recuperar?"

"Talvez vinte anos," seu primo disse. "Talvez mais tempo."

Sebastian fixou Earl Neversham com um olhar fixo. "E você quer fazer o mesmo para o resto do reino? Você quer que as pessoas morram de fome?"

"Claro que não," o homem disse, embora Sebastian suspeitasse que ele provavelmente não tinha pensado nisso de uma forma ou de outra. "Mas não há nada que nos impeça de ir ao encontro deles com nossos exércitos."

"Exceto pela parte em que o Mestre dos Corvos veria cada movimento nosso, nos cercaria e nos mataria," Will colocou.

"Nós não temos como saber disso," Earl Neversham disse com um leve sorriso de escárnio que Sebastian suspeitava que ele não teria usado nem nele nem em Hans.

"Tenho alguma experiência no regimento real e acho que..."

"Com respeito", disse Sebastian, "Will tem experiência direta de lutar o Novo Exército. Assim como eu. Assim como Hans. Se sairmos para encontrá-los no campo agora, seremos derrotados, e não sacrificarei homens assim sem uma boa razão".

"Então levarei essa notícia de volta à Assembleia", disse Earl Neversham. com um arco. À sua maneira, era uma ameaça. Esta não era uma tirania onde Sebastian poderia fazer o que quisesse. A Assembléia poderia derrubá-lo, embora provavelmente levasse tanto tempo para fazê-lo que a guerra provavelmente estaria terminada até então. Além disso, ele tinha apoio suficiente lá por enquanto para ganhar os votos de que precisava. Ele esperava.

Então ele viu Lord Cranston marchando para o salão e soube que seus problemas estavam apenas começando.

"Vocês três devem vir", disse ele, ignorando o resto da sala.

"Há algo que você precisa ver."

Sebastian o seguiu sem fazer perguntas. Se o capitão mercenário estava com pressa suficiente para dispensar um comentário sarcástico, a situação parecia realmente grave. Sebastian correu atrás dele, Hans e Will atrás dele, metade da quadra atrás **deles**. Juntos, o grupo subiu até o telhado do palácio, de onde era possível ver tanto a cidade quanto as terras espalhadas ao seu redor.

"Você vê?" Lord Cranston disse, apontando.

Sebastião viu. Uma nuvem negra estava no horizonte, exceto que não **era** uma nuvem negra: era um bando de pássaros, corvos e corvos e muito mais. Abaixo dele, uma larga faixa de uniformes ocres se destacava contra o verde da paisagem, os soldados marchando juntos como um só.

"Eles estão aqui," Sebastian disse, uma sensação de pavor o enchendo. Eles fizeram o suficiente para se preparar? Eles poderiam fazer o suficiente para **se** preparar para **isso**?

"Eles estão aqui," Lord Cranston concordou. Ele começou a olhar para o exército através do visor de um navio, olhando para ele como se estivesse absorvendo todos os detalhes.

"Tenha as defesas tripuladas", disse Sebastian. "Traga pessoas do cidade exterior. Demolir todos os edifícios que puder nos arredores antes que eles cheguem. Quero linhas de fogo claras. Eu quero cada homem, mulher e criança dentro das paredes antes que eles cheguem aqui."

"Imediatamente," Will prometeu.

Hans se virou para acompanhá-lo, mas para a surpresa de Sebastian, Lord Cranston ergueu a mão.

"Há mais coisas que você precisa ver. Vocês dois." Ele estendeu o vidro de visualização.

Sebastian pegou primeiro, apontando para o exército que avançava. Foi apenas através do vidro que ele viu os postes sendo carregados diante do exército, as figuras empaladas neles. De vez em quando um corvo descia para bicá-los antes de voar para longe. Apesar disso, ainda era muito fácil descobrir quem eles eram.

"Ulf... Frig..."

"E eles?" Hans exigiu, então pegou o visor enquanto Sebastian o entregava. Ele olhou através dele, e então rugiu de uma forma que Sebastian poderia ter esperado de seu irmão morto. Sebastian teve que agarrá-lo para impedi-lo de correr escada abaixo.

"Me deixar ir!" Hans exigiu. "Eu vou matá-los, e você não vai me impedir!"

"Hans, **pense**," Sebastian disse. "É o que ele quer. É o que ele **quer** que você faça!"

"Então ele vai conseguir o que quer e muito mais", disse Hans. "Ele matou meu irmão e minha irmã!"

"E eu sei como é perder alguém", disse Sebastian. "Parece que esculpiu sua alma, deixando um espaço morto dentro que se enche de raiva."

"Então você sabe por que eu tenho que fazer isso", disse Hans.

"Não," Sebastian atirou de volta. "Eu sei por que você tem que se segurar. A melhor vingança contra o Mestre dos Corvos não é se jogar contra ele cegamente. É para vencer. É para proteger o povo de Ashton, e então, quando o Novo Exército se quebrar contra nossas paredes, quando ele não tiver mais nada, nós o esmagaremos juntos."

Hans recuou, respirando com dificuldade. Sebastian ainda podia ver a raiva em seus olhos, mas Hans era o mais autocontrolado de todos os irmãos. Sebastian não queria pensar no que poderia acontecer quando Jan ou Endi descobrissem.

"Você está certo", disse Hans. "Precisamos vencer isso. Quando estiver feito, porém, quero sua palavra de que o Mestre dos Corvos estará morto."

"Você tem isso," Sebastian o assegurou. Houve algumas coisas que não deve ser deixado no mundo.

Antes dessa parte, eles ainda tinham que proteger o povo de Ashton. Seria uma luta difícil, talvez invencível. Sebastian teria se sentido muito melhor se Lucas estivesse lá para lutar do lado deles, ou Kate estivesse lá para escapar e matar o Mestre dos Corvos enquanto ninguém estava olhando.

Acima de tudo, ele desejava que Sophia estivesse aqui, e não apenas por causa da poder que Sebastian tinha ouvido falar dela no passado. Ele desejou que ela estivesse aqui porque tentar fazer isso sem ela deixou Sebastian se sentindo incompleto e mais fraco do que deveria.

"Eu vou segurar", ele prometeu. "Vou esperar até que você possa voltar para mim e nosso bebê."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Sophia se abrigou o melhor que pôde sob um toldo em uma das carroças da caravana junto com o tradutor do rei Akar e alguns outros que não quiseram andar. O calor do sol de Morgassa era opressivo, castigando e liberando a umidade de seu corpo. Ele refletia na planície de sal em que eles estavam atualmente, a crosta rachando enquanto a caravana passava por ela. Até mesmo Sienna descansava dentro da carroça, aparentemente não querendo fazer mais do que se esticar ao sol.

— Você está bem, minha senhora? o tradutor perguntou, oferecendo-lhe água. Ela parecia ter se encarregado de servir como empregada de Sophia.

"Estou bem, obrigada", disse Sophia. "Fale sobre você. Vai ajudar a passar o tempo."

"Há pouco a dizer", disse a mulher. "Eu sirvo ao nosso rei. Eu nasci em seu serviço."

"Eu nem sei o seu nome", disse Sophia.

"Eu sou Lani," ela disse, parecendo não querer dizer mais.

Sophia não a pressionou, mas planejava tirar mais proveito do tradutor quando houvesse tempo.

"Você deveria subir e vir aqui," Sophia gritou para Kate e Lucas. Lucas estava envolto em suas sedas de costume, um lenço na cabeça para se proteger do sol. Kate havia improvisado algo semelhante usando um pedaço de pano vermelho, copiando as fantasias de alguns de seus guias.

"Eu quero ver a rota," Kate chamou de volta. "Estamos quase no limite deste salário."

Olhando para fora da carroça, Sophia viu que era verdade. Seu pequeno grupo tinha feito um tempo melhor do que eles esperavam. À frente, um conjunto de colinas irregulares se estendia como uma barreira, uma estrada de terra cortando-os a única indicação de que havia pessoas ali.

Seu grupo parou naquela estrada, carroças e soldados, cavalos e criaturas de aparência estranha que seus guias chamavam de camelos, que se moviam com uma falta de graça deformada, mas eram muito mais fortes e rápidos do que pareciam. A caravana se arrastou para a frente, eventualmente chegando a uma bifurcação na estrada sem nenhum sinal, e nenhuma noção de qual caminho era o certo a seguir.

Mesmo assim, os guias apontavam insistentemente para a bifurcação da direita.

"Dizem que esse é o melhor caminho", traduziu Lani. "Há bebedouros nos dois lados, mas o caminho da esquerda tem... perigos."

Sofia assentiu. "Se isso é o que eles acham que é melhor, então..."

Ela engasgou quando a visão a atingiu.

Solo seco. Buracos vazios onde antes havia água. Animais cambaleando até parar e depois desmoronar. Pessoas rastejando enquanto seus corpos cedem sob o calor...

"Espere", disse Sophia. "Os poços de água secaram assim. Se nós formos dessa forma, vamos morrer. Diga-lhes que devemos tomar o caminho da esquerda.

"Como você comanda", disse Lani, e retransmitiu a instrução para os guias. Eles disseram algo de volta. "Dizem que os perigos dessa forma são muito grandes, minha senhora. Que os poços de água só seque uma vez a cada doze anos."

"Eles secaram este ano," Sophia lhe assegurou. "Eu vi. Confie em mim."

"Eu não preciso confiar em você", disse Lani. "Meu rei ordenou, e eu obedeco."

Era uma maneira de colocar as coisas que preocupavam um pouco Sophia. O rei Akar havia dito a ela que todos que ele comandava eram livres, mas Sophia tinha visto a si mesma com que rapidez isso poderia se tornar uma mentira. Ela ficou grata quando Lani transmitiu sua insistência, e a caravana virou para a esquerda.

Empurrou para a frente, subindo uma ligeira inclinação, depois ao longo das rochas. Os guias pareciam apreensivos por terem que ir por aquele caminho, e até alguns soldados do rei Akar pareciam preferir ir por outro caminho.

"Do que é que eles têm tanto medo?" Sophia perguntou a Lani.

"Dizem que as coisas selvagens vivem assim, minha senhora."

Sophia não tinha certeza do que isso significava, mas ela sabia que tinha que ser melhor do que a morte certa da outra direção. A caravana avançou, movendo-se para a beira das rochas, para que Sophia pudesse olhar para uma área aberta de semi-deserto além. Comparado ao seu reino, era um terreno baldio, mas ao lado do salar, era quase um paraíso.

O único problema era o que estava no meio.

Lagartos se aqueciam em rochas e areia, cada um maior que um lobo, cada um com espinhos descendo pelas costas e garras do tamanho de facas. Um bocejou, revelando dentes que pareciam ser capazes de perfurar

armaduras.

"Existem muitos para enfrentarmos", disse Lucas, enquanto Sophia desceu para ver melhor.

"E não podemos nos esgueirar", disse Kate. "Eles só nos cheirariam."

"Os homens querem saber se você está pronta para voltar," Lani perguntou a Sophia.

Sophia não queria dizer sim, porque fazer isso significaria desistir. Eles não podiam pegar o outro caminho, então, se não pudessem pegar este, poderiam ir para casa. Uma parte dela ansiava por isso, ansiava por ver Sebastian e Violet novamente, mas depois de todo esse caminho, ela não iria desistir. Ela se viu olhando para Sienne. Se ela podia domar um gato da floresta, não poderia fazer **algo** com os lagartos antes deles?

"Há algo que eu quero tentar primeiro", disse Sophia.

Ela deu um passo em direção aos lagartos, estendendo a mão com seu presente. Parecia para sempre desde que ela domou Sienne, mas Sophia ainda podia se lembrar da sensação de se conectar com uma mente que não era humana, e ela tinha muita prática com seus poderes desde então.

Ela sentiu a forma das mentes dos lagartos e as encontrou, irregulares e predatório. Alcançar eles significava remodelar quase tudo o que Sophia pensava sobre o mundo. Por um momento, ela **era** a fome e a necessidade de atacar, o sangue quente que vinha do brilho do sol e o cheiro de carne podre de mortes anteriores. Então Sophia estendeu a mão e começou a se acalmar, começou a empurrar pensamentos para as feras, começou a empurrá **-las**.

Ela entrou neles, e eles se separaram como uma multidão abrindo caminho para uma procissão, recuando até que estivessem o mais longe possível de Sophia.

"Tragam as carroças", disse ela. "Pressa."

Ela não tinha certeza de quanto tempo ela poderia segurar algo assim. Afetar uma mente já era bastante difícil; para afetar tantos exigia concentração absoluta. Sophia suava enquanto trabalhava para segurar os lagartos ali, e uma única gota pingou em seu olho. Sua concentração vacilou apenas por um instante, mas foi o suficiente para uma das feras saltar para ela, e Sophia não conseguiu se mover para prestar atenção, porque isso significaria apenas liberar os outros.

Sienne saltou em sua defesa, o gato da floresta saltando sobre o lagarto, suas garras rasgando-o enquanto suas mandíbulas apertavam sua nuca. Ela o sacudiu como um gato menor faria com um coelho, a pressão esmagadora quebrando os ossos e cortando o fôlego. Finalmente, quase desdenhosamente, ela o jogou de lado.

"Depressa", disse Sophia aos outros, e eles finalmente começaram a se mover. O camelos e cavalos vinham primeiro, as carroças logo atrás. Kate e Lucas fecharam a retaguarda, caminhando lentamente com Sophia enquanto faziam seu caminho.

em direção ao lado distante. Sophia estava tremendo com o esforço de segurar os lagartos agora, e Sienne estava rosnando, como se estivesse se preparando para outro ataque.

Um lagarto escapou, e a espada de Lucas desceu para cortar sua cabeça de seu corpo. Outro veio até eles, e Kate atirou nele com uma de suas pistolas.

"Hora de correr, eu acho", disse Kate a Sophia.

Sophia assentiu e enviou uma explosão de medo para as feras, fazendo-as recuar enquanto ela e os outros corriam para a segurança das carroças. Lucas e Kate estavam com os braços dela, quase carregando-a enquanto forçavam Sophia a avançar. Os três mergulharam na última das carroças, enquanto ao redor deles seus soldados disparavam uma saraivada de flechas e mosquetes contra os lagartos que avançavam, e Sienne saltou ao lado deles.

Os cocheiros colocaram os cavalos em movimento e partiram.

Ao redor de Sophia, todos os outros na carroça tremiam. Lani era lá, e ela estava olhando para Sophia com medo e choque óbvios.

"Você não precisa ter medo de mim", disse Sophia. "Eu não estou aqui para te machucar."

"Você pode", disse Lani. "Você pode quando souber..."

Sophia olhou em sua mente. Assim, era fácil ver que o Rei Akar a havia enviado para se certificar de que eles não levassem nada da Cidade Esquecida; que ela iria envenená-los se o fizessem. Ela não queria, mas ela o serviu toda a sua vida, e se ela falhasse, ele a empalaria. Agora, ela estava ajoelhada ali, esperando a morte ao ser descoberta.

"Você não tem nada para se preocupar", disse Sophia. "Eu não vou te machucar, e nós realmente **não estamos** aqui para roubar."

Ela ouviu Lani dar um suspiro de alívio. "Eu pensei..."

"Eu sei o que você pensou," Sophia disse, "mas você está segura aqui. eu não sou vai te machucar. Nada é. Já passamos do perigo das feras."

Lani balançou a cabeça. "Perdoe-me, minha senhora, mas você está enganada. O perigo dos animais é apenas o primeiro dos perigos desta jornada. Não estaremos seguros até chegarmos à Cidade Esquecida. Talvez nem assim."

CAPÍTULO DEZESSETE

Lucas conteve a sede que sentia, sendo paciente, sabendo que eles precisariam de mais água mais tarde. Ao redor dele, a caravana continuou em direção ao deserto de Morgassa, viajando por trilhas que provavelmente viram mais animais do que pessoas.

Deve haver **algumas** pessoas aqui, no entanto, porque Lucas podia ver os rastros de pés na estrada. Algumas dessas pegadas eram estranhas, maiores do que deveriam ser, muito maiores do que qualquer coisa humana.

"Estes parecem frescos", disse Kate, e Lucas sabia que ela gastou o suficiente tempo caçando para dizer a diferença. "**Muito** fresco."

Você acha que eles ainda estão aqui? Lucas mandou para ela, não querendo avisar ninguém ouvindo.

Acho que precisamos verificar, Kate mandou de volta.

Lucas estendeu seus sentidos, sabendo que sua irmã faria o mesmo. Ele sentiu a presença de mentes logo à frente, em um trecho de arbustos raquíticos perto de um poço de água. Ele teve aulas de estratégia suficientes para saber que era um bom local para uma emboscada; as pessoas teriam que vir ao bebedouro, simplesmente porque não fazê-lo significaria morrer de sede.

Há inimigos à frente, Lucas mandou para Sophia.

E não podemos evitá-los porque precisamos da água, ela mandou de volta.

Não, Lucas concordou.

Então que opção temos? ela perguntou.

Acho que uma abordagem direta pode ser melhor, Lucas mandou, e então gritou em voz alta. "Olá! Nós sabemos que você está lá. Você pode muito bem sair!"

"E eu pensei que **eu** era a impulsiva", disse Kate.

Isso não era sobre ser impulsivo, no entanto. Tratava-se de levá-los a revelar-se antes de se encontrarem em uma briga. Também funcionou. Homens saíram dos arbustos e pedras ao redor do bebedouro. Homens, e mais do que homens. Criaturas que nunca haviam sido humanas estavam entre eles, com presas e chifres, garras e escamas. Alguns deles arrastaram um grupo de homens e mulheres, com as mãos amarradas, amarradas umas às outras com um pedaço de corda.

No coração das criaturas, uma criatura que tinha que ter quase dois metros e meio de altura deu um passo à frente, um único olho olhando para eles de forma sinistra. Lucas nunca tinha visto um ciclope antes, mas tinha ouvido falar de sua força e ferocidade, sua crueldade e sua astúcia.

Aparentemente, este era bem viajado o suficiente para ter aprendido a língua deles também.

“Rendam-se, pequenos humanos. Se lutarmos, muitos de vocês morrerão, e os mortos serão pobres escravos.”

“Talvez sejam vocês que vão morrer,” Kate retrucou ao lado de Lucas. Ele podia sentir sua raiva, e ele podia adivinhar o motivo disso. Ele sabia que ela não ficaria parada enquanto as pessoas fossem tratadas tão mal quanto as de lá.

“Uma coisinha como você não viverá muito tempo”, disse o ciclope. “Talvez eu coma você, ou talvez eu fique com você.”

Sophia estava andando para frente agora. “Ou talvez você perca muitos homens lutando contra nós”, disse ela. “Por que não se virar e ir embora?”

Lucas podia sentir o poder que Sophia estava empurrando, mas ele tinha ouvido falar o suficiente sobre ciclopes para não se surpreender quando o que estava na frente deles deu um passo à frente.

“Isso não vai funcionar, bruxa,” ele disse. “E eu vou gostar de esfolar você.”

“Se você lutar contra nós, você perderá muitos homens”, disse Lucas.

“Então você acha que eu deveria deixar você ir?” o ciclope sugeriu.

“Obviamente não”, disse Lucas. “Se você fizer isso, seus homens não vão mais respeitá-lo, e então você terá que lutar contra todos eles.”

“Então o que você sugere?” disse o ciclope.

Ambos sabiam onde isso estava indo, mas o Oficial Ko costumava dizer que a forma de uma coisa importava.

“Que tal você e eu brigarmos?” Lucas sugeriu.

“E por que eu faria isso?” o ciclope exigiu.

Lucas olhou para Sophia, pedindo permissão silenciosa. Ela assentiu.

— Ganhe, e os outros aqui vão se render a você — disse Lucas. “Você levaria muito mais do que se lutasse contra todos nós.”

“E se eu perder?” o ciclope perguntou com uma risada que sugeria quão provável era.

Lucas olhou para os prisioneiros que já havia feito. “Seus homens vão embora, deixando as pessoas que você levou para trás.”

“Você está pedindo muito”, disse o ciclope.

“É exatamente o que cada um de nós levaria se ganhássemos a batalha”, disse Lucas.

A criatura puxou uma espada enquanto Lucas fosse alto. “Verdadeiro. Muito bem.”

Você sabe que eles não vão manter sua palavra? Kate enviou.

Nós vamos lidar com isso quando chegarmos a isso, Lucas assegurou a ela, então puxou suas próprias lâminas curvas.

Ele deu um passo à frente para encontrar o ciclope, e ele se virou para ele mais rápido do que qualquer coisa que o ser humano pudesse ter. Lucas mal se inclinou para trás do golpe a tempo. Com outro inimigo, ele teria saltado então, confiando no peso da lâmina para carregá-la enquanto ele golpeava, mas o ciclope a trouxe de volta tão facilmente quanto Lucas poderia empunhar uma espada curta. Lucas mal se desviou a tempo.

Ele golpeou baixo, então alto. A cada vez, a criatura que ele enfrentava aparava, seu maior alcance e força dando-lhe espaço para lidar com os golpes. Ele contra-atacou, e foi preciso toda a força de Lucas para absorver o golpe com suas espadas.

"Os humanos são tão fracos", disse a criatura, e desferiu golpe após golpe nele. Lucas bloqueou e se esquivou, cedeu terreno e fez de tudo para sobreviver. Era tudo o que ele podia fazer.

Contra outro oponente, ele teria lido seus movimentos usando seu dom, ou usou a velocidade e a força que seus poderes lhe deram para superá-los. No entanto, o ciclope era uma lousa em branco para ele, e seu tamanho e força o faziam se sentir como uma criança brigando com um adulto.

Ele não podia perder, no entanto. Não quando a liberdade de todos com ele estava em jogo. Ele **não podia**.

Em vez disso, Lucas atacou.

Ele atacou com toda a habilidade que seus tutores haviam treinado nele. Conhecer seu inimigo, eles haviam dito. Bem, qual era a fraqueza de um ciclope? Eles só tinham um olho, o que significava que não podiam avaliar a distância com precisão. Eles eram enormes, então não podiam esperar lidar com ameaças a seus pés. Eles eram fortes, então era muito fácil para eles se comprometerem demais.

Lucas atacou do limite da distância onde o ciclope poderia alcançá-lo, rolando para frente e atingindo os tornozelos do ciclope. Ele veio para cima, atacando de novo e de novo, forçando a criatura a olhar para um lado, depois atingindo o outro. Ele cortou de novo e de novo, tirando sangue de uma dúzia de lugares.

Então o ciclope o chutou.

A força disso fez Lucas se esparramar, o impacto atingindo seu peito. Parecia que suas costelas haviam sido esmagadas, e ele ficou ali, tentando respirar. O ciclope empinou sobre ele, sua espada levantada.

Outra coisa sobre os ciclopes: eles tendiam a ser excessivamente confiantes.

Lucas saltou para cima, suas lâminas cortando. Um mergulhou no peito da criatura, enquanto o outro cortou sua garganta. Sangue jorrou, quase preto, espalhando-se pelo chão ao redor deles. O ciclope estava ali, sua espada ainda erguida como se pudesse atacar mesmo agora. Lucas

se preparou, sabendo que não haveria como parar o golpe se o ciclope conseguisse atacar agora. Mas valeria a pena, porque suas irmãs estariam seguras.

Então o ciclope caiu para trás, morto antes de atingir o chão.

Lucas se levantou, suas lâminas ainda em suas mãos, olhando ao redor para as criaturas do bando do ciclope. Sophia se aproximou dele, e Kate do outro lado, pronta para lutar se tentassem voltar atrás em sua palavra.

"Os prisioneiros", disse Lucas.

As criaturas resmungaram entre si, então empurraram os humanos amarrados na direção de Lucas.

"Nós temos mais," uma das criaturas com presas murmurou, antes que o grupo delas começasse a se afastar. "Você salvou estes, mas outros vão sofrer."

Eles se dirigiram para os terrenos baldios, e Lucas não relaxou o aperto em suas espadas até que estivessem quase fora de vista. Ao lado dele, Sophia deu um suspiro de alívio.

Kate não.

"Você está pensando em quem é deixado para onde está indo?" disse Lucas.

Kate assentiu.

"Nós não podemos lutar contra todos eles, Kate", disse Sophia. "Não há o suficiente de nós."

"Eu sei," Kate disse, mas ela não parecia convencida.

"Você não está pensando em lutar, está?" perguntou Lucas.

Kate balançou a cabeça.

Sophia colocou a mão em seu ombro. "Nós precisaremos parar e acampar aqui de qualquer maneira," ela disse.

"Você precisa de ajuda?" perguntou Lucas.

Kate balançou a cabeça. "Se todos nós formos, eles vão nos ver."

Estaremos aqui se precisar de nós, Lucas mandou.

Eu sei, respondeu Kate.

Lucas observou enquanto ela partia na direção que as criaturas tinham ido.

Naquele momento, ele não sentiu medo por ela, apenas pelos monstros que ela estava rastreando.

CAPÍTULO DEZOITO

Kate perseguiu a tribo de criaturas do deserto do jeito que ela poderia ter caçado veado com seus primos em Ishjemme. As pegadas eram mais fáceis de seguir, porém, em uma ampla lavagem de pegadas e arranhões, chão quebrado e poeira ao longe. Ela podia até sentir seus pensamentos se ela esticasse seus poderes, a crueldade e os pensamentos do que eles fariam com aqueles prisioneiros que eles *tinham* muito fácil de pegar.

“Eu não posso deixá-los,” Kate sussurrou sobre o vento das terras devastadas. Ela não podia abandonar as pessoas a criaturas como esta, mais do que ela poderia ter deixado as outras crianças na Casa dos Não Reivindicados. Ela pode ser uma princesa agora, pode ter perdido os presentes que a fonte de Siobhan lhe deu, pode ter sua própria missão de encontrar seus pais, mas ela ainda não podia ficar parada enquanto havia seqüestradores de escravos lá.

Ela seguiu os rastros por alguns quilômetros, até que um acampamento baixo se ergueu à frente. Havia estacas do lado de fora, e foi só quando Kate se aproximou que ela percebeu que havia tantos ossos ali quanto de madeira. Crânios e costelas mostravam onde as pessoas chegaram perto demais, ou talvez onde tentaram escapar.

Lá dentro, ela podia ver as gaiolas, colocadas entre as tendas. Ela podia ver os homens, mulheres e crianças presos lá, e a raiva queimou em Kate com a visão. Se ela ainda fosse tudo o que era como aprendiz de Siobhan, ela poderia ter ido até lá e atacado as criaturas imediatamente.

Em vez disso, ela esperou e observou, forçando-se a permanecer imóvel enquanto o criaturas moviam-se entre as jaulas dos escravos, enquanto eles golpeavam ou arrastavam pessoas delas.

“Você tem que esperar,” Kate disse a si mesma, cerrando os punhos e se agachando entre um grupo de arbustos espinhosos.

A escuridão caiu mais rápido do que em casa, caindo como uma cortina, pontuada apenas pelo luar. Kate finalmente se atreveu a sair de seu esconderijo, rastejando para frente enquanto se mantinha nas sombras.

Havia guardas, é claro. Kate podia sentir suas mentes e, felizmente, ao contrário dos ciclopes, era fácil alcançá-los, observando onde estava sua consciência, identificando os pontos cegos. Ela deslizou para frente em silêncio, movendo-se atrás do primeiro deles.

Ela golpeou com uma adaga, e mesmo que ela não tivesse a velocidade ou a força que ela já teve, ela ainda sabia exatamente onde atacar com

para derrubar um inimigo em silêncio. Para cima, sob a base do crânio e no cérebro enquanto ela arrastava a sentinela de volta. Rapidamente, silenciosamente, ela passou para o próximo.

Ela não poderia ter lutado contra eles abertamente. Ela assistiu a luta entre Lucas e o ciclope. A velocidade com que seu irmão se movia foi incrível de assistir, mas também foi um lembrete de que ela não poderia ter feito isso. Havia coisas que ela **poderia** fazer, no entanto.

Kate se movia pelo acampamento como um fantasma, matando enquanto passava.

Era um trabalho horrível, mas havia uma parte sombria de Kate que parecia uma espécie de selvagem alegria nele; a **mesma** alegria que ela sentiu ao se vingar na Casa dos Não Reivindicados. **Esta** foi a razão pela qual ela veio sozinha: não era apenas porque era mais fácil entrar sem ajuda; ela não queria que seus irmãos vissem esse lado dela. Ao luar, ela podia ver o vermelho do sangue em suas mãos, mas Kate não se arrependeu. Criaturas que podiam manter pessoas em gaiolas mereciam morrer.

Kate respirou fundo. Ela não tinha matado todos eles ainda, mas ela não queria mais deixar os prisioneiros em suas jaulas. Ela se moveu entre os mortos, encontrando chaves no cadáver de uma criatura com dentes como um lobo e colocando-as nas correntes que mantinham as jaulas fechadas.

"Vá em silêncio", disse ela com uma voz suave, em seguida, colocou um dedo nos lábios, esperando que as pessoas de lá entendessem pelo menos essa parte.

Eles começaram a escorregar, movendo-se em nós e aglomerados, pais segurando filhos, maridos para esposas. Eles começaram a se mover na noite, escorregando pelas estacas na beira do acampamento e desaparecendo na escuridão.

Foi quando um alarme soou, em gritos e uivos e o tinir de armaduras. Monstros grogues e homens que eram tão ruins quanto monstros começaram a sair correndo de suas tendas, procurando inimigos em volta.

Kate sacou sua espada, matou um com um golpe de costas da mão na garganta e correu na direção oposta aos prisioneiros que ela libertou. Ela correu pelas estacas na beira do acampamento, sentiu a presença de um inimigo logo atrás dela e girou para enfiar o sabre no peito dele.

Ela continuou indo, noite adentro, mudando de direção sempre que podia para o caso de uma flecha a seguir. Kate encontrou um buraco, deitou-se nele e espalhou sua atenção. Eles estavam procurando por ela agora, os pensamentos de seus prisioneiros esquecidos. Kate estava grata por isso e preocupada com isso; significava que as pessoas que ela veio salvar estavam seguras, mas significava que ela

teria que brincar de gato e rato agora com um grupo de pessoas que eram muito menos amigáveis do que qualquer gato.

“E eu não sou um rato,” Kate lembrou a si mesma.

Ela esperou que eles se espalhassem, procurando, então se aproximou de um par de humanos que estavam caçando de um lado, movendo-se quase em silêncio. Kate derrubou um com um movimento silencioso de sua espada, mas mesmo assim, o outro se virou, obviamente sentindo que algo estava errado.

Kate estava sobre ele sem hesitação, golpeando com sua espada e sua adaga quase no mesmo instante, cortando carne e osso. O homem gritou, mas Kate já estava fugindo no escuro.

Isso a lembrou um pouco da praia onde ela havia invocado neblina para escondê-la enquanto atacava os homens do Novo Exército. Aqui, porém, havia apenas escuridão, e Kate não tinha como saber se alguma das criaturas não humanas podia ver melhor do que ela podia ver ao luar, usando seus pensamentos como guia.

Ela agarrou outro deles, contornando-o pelo lado e avançando com sua espada um lampejo de vermelho e prata ao luar. Ela matou outro no escuro, e outro. Foi para isso que ela foi feita, para o que Siobhan a ensinou a fazer, mas agora ela escolhia seus próprios alvos, e não havia dúvida de que as feras que ameaçavam sua família e que escravizavam pessoas comuns mereciam.

Ela podia senti-los se unindo no escuro agora. Pior do que isso, a meia dúzia restante deles estava se movendo em sua direção. De seus pensamentos, ela podia perceber que eles estavam fazendo isso através de uma combinação de pequenos sons, cheiro e a melhor visão de um deles. Não haveria como se esconder deles.

Kate poderia correr, ela supôs, mas ela não tinha como saber o quão rápido eles eram. Pior, isso os deixaria livres para caçar mais pessoas, e Kate não podia permitir isso. Ela tinha que detê-los. Preparando sua espada, suas pistolas e sua adaga, ela esperou em um pedaço de terreno aberto bem iluminado pelo luar que eles viessem até ela.

Eles entraram juntos no brilho da lua, uma faixa apertada de algumas das maiores criaturas, e Kate começou a se arrepender de ter esperado por eles. Se ela ainda tivesse sua força e velocidade, matá-los teria sido fácil, mas agora, quantos ela poderia aguentar? Um? Dois?

Um deles rosnou algo para ela. Kate não entendeu as palavras, mas podia adivinhar o sentimento.

"Sim, sim, você vai me matar lentamente. Ou você vai fazer isso se eu não me render. Por que as pessoas sempre **falam** tanto antes das lutas?"

Então Kate ouviu outro rosnado e sorriu, porque isso não vem das criaturas. Este era o rosnado de um gato da floresta.

Kate sacou uma pistola e abateu uma das criaturas no momento em que Sienne saltou sobre elas, rasgando e dilacerando outra. Lucas bateu neles do outro lado, sua espada balançando, enquanto outra das bestas parecia ter problemas para lembrar como se mover, provavelmente graças a Sophia. Kate saltou para frente, sua espada fintando alto, então golpeando baixo quando uma das criaturas foi aparar. Até então, Lucas já estava em um segundo oponente, enquanto Sophia deu um passo à frente e esfaqueou a criatura que ela congelou no lugar com indecisão.

Tão rápido quanto pensar sobre isso, a luta foi feita. Kate limpou suas armas, então correu para abraçar seus irmãos.

"Eu sei que dissemos que deixaríamos você fazer isso", disse Sophia, "mas eu pensei que pode ser bom equilibrar as probabilidades pelo menos um **pouco**."

"Obrigada", disse Kate. Sienne roçou suas pernas. "Sim, obrigado também." Um pensamento lhe ocorreu. "Você não estava assistindo no acampamento, estava? Você não viu tudo isso?"

Apesar de sua alegria em libertar os prisioneiros, Kate não desejava que seu irmão e irmã vissem a facilidade com que ela voltou a matar seus inimigos furtivamente, ou a falta de misericórdia que ela demonstrou ao caçá-los. baixa.

Você não tem nada do que se envergonhar, Kate, Lucas assegurou a ela.

"Se você não os tivesse matado, eu os teria feito," Sophia concordou.

Kate inclinou a cabeça para um lado. "Eu pensei que você era tudo sobre ser a rainha misericordiosa?"

"Eu tento ser", disse Sophia. "Eu me esforço **muito**, mas há algumas pessoas onde a melhor coisa a fazer pelo mundo é matá-los." Ela abraçou Kate novamente. "Qualquer um que ameace minha irmãzinha, para começar."

Lucas passou os braços ao redor dos dois. Kate nunca se sentiu tão amada como naquele momento, ou tão amada. Ela só esperava que fosse assim com seus pais quando os encontrassem.

CAPÍTULO DEZENOVE

O Mestre dos Corvos começou o ataque com um bombardeio noturno, ordenando que sua artilharia disparasse contra o círculo externo de casas, apreciando a beleza das chamas que se espalhavam pelos ataques bem-sucedidos.

“O combate pessoal”, disse ele ao mais próximo de seus auxiliares, “é uma dança. Uma escaramuça é o trabalho de um açougueiro. Uma batalha é pouco mais do que comércio: eu troco essas vidas por essas, ofereço-lhe esse pedaço de terra em troca de sua matança.”

“Como você diz, meu senhor,” o homem disse, claramente não compreendendo uma palavra.

“Um cerco, porém... um cerco é uma sinfonia.”

Tocou como um em seus ouvidos. Das primeiras notas baixas do canhão aos gritos agudos de uma população aterrorizada, estava lá. Mas havia mais do que isso. Um cerco significava planejamento. Significava intérpretes desempenhando seus papéis como ele os havia escrito, atuando na hora certa e com o melhor efeito. Ele era o maestro, naturalmente, toda uma orquestra de violência disposta para sua direção.

Uma parte dessa violência ocorreu além das docas, enquanto pessoas frenéticas levaram pequenos e grandes barcos de Ashton, buscando segurança onde quer que pudessem encontrá-la.

“Tolos”, disse o Mestre dos Corvos, com desprezo por aqueles que não entender que sua parte em tudo isso era morrer. Ainda assim, isso viria. Ele olhou para o horizonte. “Certo sobre... agora.”

Perfeitamente na hora, seus navios entraram em visão, tendo rastreado seu exército descendo a costa. Eles caíram sobre aqueles que tentaram fugir em seu próprio motivo de tiros de canhão e madeira triturada, o que provavelmente soava como cacofonia para qualquer um que não fosse ele.

“Faça com que os homens avancem na cidade externa,” ele ordenou. “Esteja ciente das armadilhas. Mate qualquer um que você encontrar. Podemos segurar outras cidades, mas quero Ashton vazia até o final disso.

“Sim, meu senhor,” seus ajudantes em coro.

Ele observou seus homens começarem a marchar para frente, o ritmo de seus pés aumentando a sinfonia da violência. Eles se espalharam, movendo-se para a cidade externa em uma dúzia de pontos, e os gritos dela seguiram. Mas não tantos quanto ele esperava; alguém tinha feito um bom trabalho em colocar as pessoas em

o interior da cidade no tempo. Ainda assim, isso só significava que, se o cerco continuasse, a fome e a doença seriam ainda piores lá.

"Há um lado bom em tudo", disse ele com um leve sorriso.

O Mestre dos Corvos espalhou sua consciência. Através dos olhos de seus corvos, ele podia assistir a uma dúzia de pontos de matança. Ele viu homens morrendo no convés de um saveiro cheio de pessoas tentando escapar, alguns pulando na água na esperança de que os marinheiros que atacavam com anzóis não os notassem...

Ele observou uma família encolhida em uma casa escondida atrás da porta, enquanto botas se chocaram contra ela e, finalmente, homens irromperam com lâminas. Ele viu o pai avançar com uma faca e conseguir esfaquear um deles antes que ele caísse, então ouviu os gritos das crianças...

Ele viu uma de suas tripulações de canhão avançando antes de seu comando, aparentemente antecipando seu ataque às muralhas do centro da cidade. Ele viu o flash de um dos canhões de Ashton, ouviu seu rugido e viu a explosão sangrenta de aço, madeira e carne quando o tiro atingiu...

Para onde quer que olhasse, as pessoas morriam. Ele viu homens e mulheres cortarem nas ruas porque tinham sido tolos demais para buscar segurança em outro lugar quando tinham chance. Ele os viu serem mortos quando se renderam ou tentaram lutar; não fez diferença. Ele viu um esquadrão de seus próprios homens ser derrubado pelo fogo de mosquete, um grupo de soldados de Ashton correndo para seu próximo ponto defensivo. Eles não conseguiram. Um tiro de canhão os atingiu antes mesmo de chegarem à metade.

"Deixe-os morrer", disse o Mestre dos Corvos, não se importando se seus homens ouvissem. Eles provavelmente assumiriam que ele estava falando sobre o inimigo de qualquer maneira. Na verdade, só fazia uma pequena diferença para ele quem morria, desde que o poder daquelas mortes surgisse nele.

"Nossos homens relatam forte resistência na cidade externa", disse um assessor, levantando uma mensagem como se o Mestre dos Corvos não pudesse ver a luta com mil pares de olhos.

"Muito bem", disse o Mestre dos Corvos. "Puxe-os para trás e soe outro bombardeio".

"Sim, meu senhor", disse o homem, parecendo levemente satisfeito com isso. Parecia muita preocupação com seus companheiros soldados, então o Mestre dos Corvos fez uma nota mental para colocar o homem na linha de frente em breve. Ele não tinha tempo para aqueles que eram fracos.

Ainda assim, ele antecipou isso. Um cerco não era uma coisa composta de um único momento. Em vez disso, eles diminuía e fluía, ondas de violência vindo com um ritmo que a maioria das pessoas só poderia antecipar depois de ter estado em muitos para sobreviver. O Mestre dos Corvos tinha, e ele podia sentir o fluxo deste, mesmo antes de estender a mão para seus corvos novamente para enviar suas próximas ordens.

"Vise suas defesas", disse ele, suas palavras coaxando das gargantas de seus pássaros. "Destrua os pontos onde eles colocaram seus canhões primeiro."

Seus homens correram para obedecer, e agora o Mestre dos Corvos observava o duelo de artilharia se desenrolar. Suas forças tinham canhões cada vez maiores, mas os defensores tinham a altura das muralhas do lado e construíam posições usando terra e areia, defendendo suas armas enquanto atiravam de volta. Ele viu homens de ambos os lados morrendo e se acomodou para desfrutar da violência.

"Quero um ataque preparado no portão do rio antes do amanhecer", ele ordenou a seus ajudantes. "Eles vão defendê-lo, mas isso os atrairá", disse ele. "Quero uma barragem de artilharia preparada para atacar o portão quando eles vierem lutar."

"Mas isso não vai matar nossos homens também?" o mesmo assessor que antes perguntou.

"Eles farão o que forem ordenados", disse o Mestre dos Corvos.

"Eles vão confiar que suas ações são parte do meu plano maior. **Você** confia nisso, não é?"

"S... sim, meu senhor", disse o ajudante.

"Bom, porque você estará liderando o ataque. Entregue os pedidos. Eu estarei assistindo."

O homem engoliu em seco e parecia que poderia ter dito algo se não soubesse que o Mestre dos Corvos o mataria por qualquer desobediência. Ele se apressou, e o Mestre dos Corvos colocou um de seus pássaros para observá-lo.

O cerco continuaria, passo a passo, dia a dia. Eles bombardeiam as paredes. Eles faziam incursões na cidade para matar aqueles que ainda se escondiam. Eles atacariam por água e por terra, de novo e de novo, com a morte como único resultado. O resultado **perfeito**, no que dizia respeito ao Mestre dos Corvos.

Enquanto mantivessem a pressão sobre a cidade adequadamente, ninguém escaparia. O resultado da batalha já estava certo. O único elemento de habilidade envolvido era conduzi-lo metodicamente, certificando-se de que produzisse toda a carnificina que seus corvos exigiam. O bater dos canhões

continuaría, o estalar dos mosquetes e o choque das lâminas. Eventualmente, a cidade cairia. Eventualmente...

O lampejo de poder dentro da cidade o pegou de surpresa. Ele sabia que as irmãs não estavam lá agora, mas parecia sua força, sua energia.

Ele pode estar enganado? Poderia ser apenas alguma bruxa deixada na cidade cujos poderes brilharam? Não, isso era poder demais para ser qualquer pessoa comum, quase poder demais para compreender.

"Encontre-os", disse o Mestre dos Corvos, enviando o comando para seu corvos.

Eles voaram, espalhando-se pela cidade, e ele sentiu o poder, tentando detê-lo, tentando descobrir quem estava no centro disso. A busca levou seus corvos na direção do palácio, onde através de sua visão parecia que o prédio brilhava branco com a energia contida nele.

Soldados no telhado atiraram neles, atiraram na **maioria** deles, mas alguns conseguiram passar. Um voou por uma janela aberta...

Havia uma criança lá, deitada em um berço e rindo apesar da batalha furiosa ao seu redor. O poder brilhou da criança, incontido e insondável.

"Que banquete você será", disse o Mestre dos Corvos.

Ele enviou seu corvo para a frente. Ele pulou para a beirada do berço, olhando para a criança. O bebê estendeu a mão e o corvo se preparou para bicar...

O Mestre dos Corvos se viu cortado, sua consciência lançada de volta ao seu corpo. Não importava, porém, porque agora ele tinha visto o prêmio que estava dentro da cidade. Era um prêmio que valia mais do que o resto junto, e um que ele não podia **esperar** para pegar.

Agora, o cerco não era mais uma sinfonia; era uma irritação.

"Reúna homens," ele ordenou. "Quero uma rota perfurada até o palácio, custe o que custar. Eu quero todos os homens jogados em um ponto na parede.

Nada mais importa!"

CAPÍTULO VINTE

Will se esquivou do caminho dos fragmentos de pedra quando uma bala de canhão atingiu uma parede próxima. Ele sentiu algo roçar sua bochecha, e sua mão ficou molhada de sangue quando ele a tocou. Ele não teve tempo suficiente para verificar a profundidade do corte, porque Lord Cranston estaria esperando pelas últimas informações sobre o progresso do cerco.

"Parece que isso pode ser difícil, alteza", um soldado do regimento de Lord Cranston gritou, gesticulando com seu mosquete. Levou um momento para Will decidir que o homem não estava tirando sarro dele, não importa o quão desconfortável ele pudesse estar agora por ser um príncipe por casamento.

"Será ainda mais fácil do que tirar dinheiro de você nos cartões, Johannes." Will ligou de volta.

O homem riu e parecia estar prestes a dizer alguma coisa, mas naquele momento outra bala de canhão atingiu. Will se jogou no chão, sentindo mais do que ouvir os estilhaços voando acima. Johannes não foi tão rápido.

"Um físico!" Will começou a gritar. "Precisamos de um físico aqui!"

Ele fez isso por instinto, mas esse instinto desapareceu quando viu a bagunça de sangue e carne que restava do outro homem. Qualquer físico que pudesse recompor isso seria um mágico mais poderoso do que Kate ou Sophia.

Naquele momento, Will desejou que eles estivessem lá, e ficou grato por não estarem. Kate em particular, porque não haveria nenhuma maneira que ela seria capaz de evitar atacar no meio do inimigo, e o pensamento dela fazendo isso aterrorizava Will. Foi quase o suficiente para cortar o horror em branco que sentiu ao ver um homem reduzido a isso na frente dele.

Ele pegou o mosquete de Johannes, que de alguma forma ainda estava intacto, mesmo quando o homem que o havia segurado não estava. Por instinto, ele apareceu sobre as muralhas, atirando na massa de inimigos abaixo.

"Morrer!" ele gritou para eles, como se isso fosse fazer acontecer. A verdade era que ele nem conseguia distinguir se o tiro acertava ou não.

Will correu em direção a Lord Cranston, que passeava entre os homens como se nada mais extenuante do que uma festa no jardim estivesse acontecendo. Parecia uma imagem totalmente louca, mas então, não havia nada de sensato sobre o que estava acontecendo naquele momento. Will parou na frente dele, chamou a atenção e ofereceu uma saudação.

"Acho que podemos dispensar isso, Will", disse ele. "Que notícias das tripulações de artilharia?"

"Eles estão levando uma surra," Will disse, "mas suas posições são deixando-os resistir, pelo menos. Eles acham que atingiram algumas posições do inimigo."

"Bom", disse Lord Cranston. "Eles precisam manter isso. Se pudermos privar o inimigo de seus canhões, ele terá que entrar na cidade pelo caminho mais lento."

"Eu não sei se podemos pegar todos eles," disse Will.

Lord Cranston deu de ombros. "Se um homem almeja a perfeição, ele pode pelo menos atingir a excelência. Eu me contentaria com metade deles ficando em silêncio."

"Vou retransmitir as ordens," disse Will.

"Eu acho que eles sabem no momento", disse Lord Cranston. "Estou mais preocupado com você."

"Eu estou bem," Will disse automaticamente.

Lord Cranston ergueu uma sobrancelha. "Posso não ser o leitor de mentes que sua esposa é, jovem Will, mas até eu posso dizer que isso é mentira." Ele tocou sua bochecha no mesmo lugar que Will tinha sido atingido.

"Não é nada," disse Will. "Não comparado a... Johannes está morto."

"Eu vi", disse Lord Cranston. "Eu diria que ele era um bom homem, mas pelo que Lembro que ele era o trapaceiro mais terrível nos dados."

De alguma forma, isso cortou tudo que Will estava sentindo. "Como você pode fazer piadas?"

Lord Cranston abriu as mãos. "Um homem deve fazer **algo** para conter o horror da guerra", disse ele. Ele gesticulou para alguns dos homens amontoados na parede. "Alguns encontram força na camaradagem. Alguns o encontram na lealdade à sua bandeira ou à sua causa. Alguns o encontram na bebida se não conseguirem encontrá-lo em outro lugar. Eu acredito **que você tem** achado isso com raiva. Atirar por cima do muro foi um movimento tolo, Will."

"Eu tinha que fazer alguma coisa", disse Will. "Eu tive que fazer a morte dele significar alguma coisa."

"Atirando aleatoriamente?" Lord Cranston rebateu. "Eu aprecio o sentimento. Eu até compartilho, mas você não deve arriscar sua vida por uma vingança mesquinha contra homens que provavelmente dispararam o tiro fatal aleatoriamente."

"Isso não torna as coisas melhores," disse Will.

Lord Cranston balançou a cabeça. "Não, suponho que não."

Ele gesticulou, e Will o seguiu, movendo-se bem a tempo do tiro de canhão. para atingir o local onde eles estavam apenas momentos antes. Will olhou horrorizado para as muralhas. Lord Cranston parecia tão calmo quanto sempre.

"Como..." Will começou.

"Aritmética simples", disse Lord Cranston. "Nós seríamos alvos no momento em que você me saudou. Um minuto para carregar, e talvez outro para mirar... ainda assim, isso nos dá uma coisa. Sabemos onde está aquele canhão."

Uma de suas próprias armas explodiu, e nos arredores da cidade, um posicionamento de artilharia explodiu.

"Você está se usando como **isca?**" Will disse, horrorizado. "Meu senhor, se o perdermos..."

"Oh, estou sendo tão cuidadoso quanto posso," Lord Cranston o assegurou. "Além disso, **você** dificilmente está sendo mais cauteloso."

"Não sou eu quem pode bolar planos para nos salvar!" Will insistiu.

Lord Cranston deu de ombros, e então liderou o caminho para uma torre com uma boa vista sobre o campo de batalha.

"Não há muito para isso", disse ele. "Sebastian está fazendo um trabalho de almirante com suas partes. Suspeito que você faria tudo o que fosse necessário também."

"Mesmo assim, os homens admiram você," Will insistiu. "Sua presença significa demais para eles arriscarem dessa maneira."

"E **você** significa muito para Kate para se arriscar carregando minhas mensagens," Lord Cranston rebateu. "Comparado com a raiva que ela ficaria se eu deixasse algo acontecer com você, andar na frente de alguns canhões parece praticamente **seguro.**"

Will adivinhou que ele tinha razão. Mesmo assim, ele não podia ficar parado e não fazer nada.

"Tenho que fazer a minha parte", disse. "A cidade inteira está em jogo."

— E **continuará** em jogo por algum tempo — garantiu Lord Cranston. "Este é um cerco, não uma emboscada precipitada, em uma hora. Você acha que pode vencer isso sozinho?"

"Eu serei mais cuidadoso," Will prometeu. Ele olhou para o campo de batalha. "O que vai acontecer agora?"

"Ataque após ataque", adivinhou Lord Cranston. "Eles farão incursões nos próximos dias, procurando estabelecer onde somos mais fracos, onde

somos lentos para responder. Eles vão bater nas muralhas com seus canhões dia e noite, e colocar sapadores para tentar destruir nossas muralhas, embora qualquer um estúpido o suficiente para tentar cavar sob uma cidade tão perto da costa mereça se afogar por seus esforços.”

“Você faz parecer... como se fosse *chato*”, disse Will.

— Porque será — assegurou-lhe Lord Cranston. “Não haverá investidas heróicas ou duelos gloriosos. Este será um caso lento, com a gente esperando para ver se ainda temos aliados no mundo, e nossos inimigos esperando para ver se podem nos matar de fome até a submissão. A única maneira de o inimigo romper nossas muralhas é comprometer tudo o que tem em um único ponto, e suas perdas seriam horríveis. Não vejo nem o Mestre dos Corvos se envolvendo nesse tipo de tolice.”

Will supôs que ele deveria ser tranquilizado pela avaliação de Lord Cranston. Afinal, mais cedo ou mais tarde, a ajuda viria, mesmo que naquele momento ele não pudesse pensar de onde poderia vir. Talvez Kate voltasse com um exército que ela havia comandado na ponta da espada. Will não a deixaria passar por isso.

Tudo o que eles tinham que fazer era aguentar. Como Lord Cranston havia dito, tomando o cidade com pressa custaria ao Novo Exército muitos homens. Will podia se sentir... não seguro com isso, porque ele já tinha visto o quão inseguro o cerco era, mas pelo menos como se eles tivessem uma chance.

Então ele ouviu as trombetas além do muro, e viu o Novo Exército começar a reposicionar. Lord Cranston também estava olhando para ele.

“O que eles estão fazendo?” Will perguntou.

“Eu... não sei,” o homem mais velho admitiu.

Tiros de canhão atingiram um ponto na parede não muito longe do palácio, todos as armas do inimigo aparentemente mirando em um ponto. Eles nem mesmo alteraram o fogo quando os canhões na parede começaram a atingi-los. Os homens começaram a marchar para a frente, e mesmo quando os tiros de mosquete os derrubavam, eles continuavam vindo.

“Eles estão fazendo isso”, disse Will. “Eles estão realmente fazendo isso.”

Ele viu Lord Cranston engolir em seco. “Eles são. Mas isso... deve haver algo que o Mestre dos Corvos quer muito se eles estão... Ele fez uma pausa.

“O que é isso?” Will perguntou.

“Vá para o palácio,” Lord Cranston ordenou. “Leve os homens com você e se apresse. Vou tentar segurá-los o máximo que puder.”

“O que está acontecendo?” Will perguntou.

Lord Cranston apontou para o palácio. “Eles estão vindo para Sebastian e Violeta, Will. É a única explicação. Você tem que se apressar. Você tem que ajudar a defendê-los!”

CAPÍTULO VINTE E UM

“Nós sabemos de onde eles estão vindo,” Sebastian disse enquanto os primeiros raios do amanhecer iluminavam o telhado do palácio. “Pegue todas as armas que treinamos no ponto em que elas vão quebrar.”

“Eu vou,” Will prometeu a ele. “Mas você tem que pensar em correr. Você pode desaparecer na cidade.”

“Se eu correr, as pessoas vão desanimar e haverá um massacre”, disse Sebastião. Ele não podia permitir isso. Ele não podia deixar o povo de Ashton ser morto apenas para que ele pudesse se salvar.

“Você precisa pensar em Violet”, disse Will.

Sebastian sabia que ele estava certo. Seu maior medo agora era que algo pudesse acontecer com sua filha, mas correr não era a resposta para isso. Havia muitos corvos no céu para escapar sem ser visto com ela, e o pensamento de mandá-la embora com outra pessoa fez o coração de Sebastian apertar em seu peito.

“Tudo o que posso fazer é defendê-la com tudo o que tenho”, disse Sebastian.

O som do canhão continuou vindo de além da parede, batendo nela, danificando-a. Sebastian podia ver incêndios dentro da cidade agora, pessoas correndo pelas ruas enquanto tentavam formar correntes de baldes no rio. Uma parte de Sebastian desejava que ele pudesse estar lá ajudando.

“Eu deveria ir para a parede”, disse ele. “Isso elevaria o moral.”

“Não se eles viram você ser atingido por tiros de canhão”, disse Will. “Além disso, Senhor Cranston não vai permitir.

“Eu sou o rei, Will,” Sebastian apontou.

“Você acha que isso faz alguma diferença para Lord Cranston?”

Will tinha razão.

“Pelo menos pegue quem quiser dentro do palácio,” Sebastian disse.

“Talvez o conjunto extra de paredes os defenda um pouco mais.”

Era onde eles estavam agora: defender um pouco mais, aguentar mais algumas horas diante do empurrão inexorável do Novo Exército. Espere, e torça contra a esperança de que algum tipo de alívio virá para o cerco.

“Houve alguma indicação de que a ajuda está vindo do resto do reino?” Sebastião perguntou.

“Tem sido silencioso,” Will disse, “mas como uma mensagem passaria? UMA pássaro seria derrubado por corvos, e um mensageiro não passaria pelas linhas. Temos que ter esperança.”

Eles tinham que esperar, e continuar esperando, até que não houvesse mais esperança. Até...

Com um grande estalo que reverberou pela cidade, uma parte da muralha da cidade desmoronou e caiu. Parecia fazê-lo quase em câmera lenta, as pedras antigas finalmente decidindo que não aguentariam mais o golpe que haviam recebido e desabando em uma avalanche de pedras caindo cheias dos gritos dos homens que ocuparam aquela seção. Por um momento, todos ao redor de Sebastian pareceram ficar parados em um silêncio atordoado enquanto figuras de uniformes ocre passavam pela abertura, para o desfile direto diante do palácio.

"Fogo!" Sebastião ordenou. "Eles estão amontoados lá embaixo. Este é o nosso melhor chance de machucá-los!"

Ao seu redor, os homens pareciam entender a mensagem, canhões ribombando com metralha, mosquetes e arcos disparando do telhado, paredes e janelas do palácio. A barragem atingiu a maré de homens que se aproximava e os derrubou em um golpe de foice de carnificina. Soldados foram atingidos de seus pés por tiros de chumbo e setas de besta, caindo no caminho do próximo na fila, enchendo a rua com o que era quase uma barricada de seus números.

Com qualquer outra força, isso teria sido suficiente para fazê-los puxar recuar e reconsiderar a sua abordagem, ou pelo menos espalhar-se pelas ruas circundantes, iniciando um cerco secundário ao palácio. Em vez disso, onda após onda de tropas avançavam, obviamente mais assustadas com seu general do que com os canhões que enfrentavam.

"Ele não se importa com eles morrendo," Sebastian disse. "Ele está apenas enviando eles avançam para serem abatidos."

"Então continuamos matando eles," disse Will. Ele gritou para uma tripulação de canhão. "Redirecione seu objetivo. Você está atirando alto!"

Will ainda não tinha visto o perigo, mas Sebastian podia.

"Se eles continuarem vindo, então eles abrem terreno toda vez que temos que recarregar", disse ele. "Eles estão apenas jogando homens em nós até chegarem aqui."

"Então nós atiramos *mais rápido*," disse Will.

Já, porém, o inimigo se aproximava, quase aos muros baixos que marcavam os limites do terreno do palácio. Sebastian ouviu o choque de lâminas enquanto lutavam com os homens ali, pagando com sangue por cada passo à frente que davam. O problema com essa equação era que o Mestre dos Corvos parecia estar disposto a pagar o preço.

Isso levantou a questão do que era tão valioso para ele que estava disposto a gastar o sangue de tantos de seus homens, em vez de apenas esperar

para o cerco durar semanas ou meses...

"Eu tenho que chegar a Violet", disse Sebastian, puxando sua espada e correndo do telhado, um grupo de homens com ele.

Ele ouviu o estrondo de soldados invadindo o palácio e acelerou sua corrida para chegar até sua filha. Ele passou pelos guardas e eles se juntaram a ele, formando uma cunha enquanto desciam em direção aos quartos reais.

Ao alcançá-los, Sebastian viu soldados do Novo Exército o outro jeito. Ele não hesitou, apenas gritou um grito de guerra e se chocou contra eles.

Ele derrubou um homem com um golpe de mão, em seguida, empurrou-o de volta para os outros. Um homem o empurrou e Sebastian se afastou do golpe, golpeando o braço do homem. Ele chutou o joelho de um soldado, forçando-o a descer para um dos guardas terminar. Passo a passo, Sebastian abriu caminho até a porta do berçário de sua filha e forçou sua entrada.

A ama de leite de Violet estava lá, com uma faca na mão, como se pudesse defender seu filho do mundo. Foi um movimento corajoso, e Sebastian estava grato por isso.

"Enrole Violet", disse ele à jovem. "Talvez tenhamos que sair em breve."

A jovem parecia prestes a responder, mas então gritou um aviso. Sebastian girou para ver um soldado inimigo forçando seu caminho para dentro da sala. Sebastian derrubou o homem sem hesitar, então bateu a porta, forçando um guarda-roupa na frente dela.

"Nós não temos muito tempo," Sebastian disse. "Pressa."

A ama de leite começou a envolver Violet em panos para carregá-la. Até enquanto ela fazia isso, Sebastian ouviu homens batendo na porta. A fechadura cedeu e eles começaram a empurrar o peso do guarda-roupa para trás.

Sebastian esfaqueou na abertura, ouvindo um homem gritar. Ele empurrou novamente, e viu sua lâmina cortar um rosto. Ainda assim, os soldados continuaram vindo. Eles forçaram a porta mais aberta, revelando a batalha no corredor do lado de fora e deixando um par de homens entrar na sala. Sebastian começou a avançar em um, mudou de direção e cortou sua lâmina na garganta do segundo homem.

Ele sentiu algo arranhar seu lado e se virou a tempo de aparar um segundo golpe da espada do primeiro homem. Ele cortou, trocando golpes com o soldado, nenhum deles conseguindo. Os olhos do outro homem se arregalaram e ele desmoronou, a ama-de-leite de pé sobre ele com sua adaga.

“Como vamos sair daqui com Violet?” ela perguntou, no breve pausa na luta.

“Eu não sei,” Sebastian disse. Ele verificou seu lado onde tinha sido atingido. Sua mão saiu molhada de sangue, mas não havia nada a fazer a não ser ignorá-la.

Ele saiu para o corredor. No momento, parecia estar vazio de todos, exceto de seus próprios soldados. Sebastian sabia que não iria durar. Se eles queriam manter Violet segura, eles tinham que sair agora.

“Vamos,” Sebastian disse para a ama-de-leite. “Você tem que ficar perto eu com Violet, aconteça o que acontecer.

“Eu vou”, ela prometeu.

“Guarda comigo!” Sebastião ordenou. “Proteja a Princesa Violet, custe o que custar!”

Ele sabia que os homens se levantariam. Eles não hesitaram quando sua filha esteve em perigo. Eles correram escada abaixo como um grupo, fazendo o seu melhor para evitar a luta lá. Um pequeno grupo de inimigos veio até eles quando estavam nas escadas. Sebastian aparou um golpe e então derrubou um homem, esfaqueou outro enquanto levantava sua espada.

“Eles estão aqui!” um homem gritou, mesmo quando Sebastian o cortou.

“Rápido”, disse Sebastian. “Se atravessarmos o salão de baile, podemos sair nos gramados e use o labirinto para perdê-los.”

Eles foram para o salão de baile, abrindo caminho pela confusão. Sebastian usou a si mesmo como escudo entre a luta e sua filha. Uma espada roçou sua bochecha, mas ele não se importou. Outro corte em sua mão, mas ele apenas derrubou o homem que desferiu o golpe. Eles avançaram em uma cunha ao redor da princesa, e Sebastian sabia que isso era amor real e lealdade real, todos eles dispostos a dar suas vidas por uma criança pequena. Os homens saíram da cunha, defendendo, segurando a maré. Quando chegaram à porta que procuravam, eram apenas Sebastian e a ama de leite.

Eles chegaram ao salão de baile, seus reflexos espalhados ao redor deles nos espelhos. As portas do outro lado estavam abertas...

Uma figura alta saiu pela porta.

“Dê-me sua filha,” o Mestre dos Corvos exigiu.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sophia estava de volta a Monthys, as chamas subindo ao seu redor. Ela era lá com Kate, e sua babá estava lá, tentando levá-los para um lugar seguro. Eles ouviram as vozes dos homens que vieram para matá-los, e Sophia sabia o que estava por vir, porque ela já tinha visto isso muitas vezes antes.

"Vá e se esconda", disse a babá. "Afasto-se quando puder."

O sonho mudou, de modo que ela e Kate estavam escondidas em um espaço pequeno demais para qualquer adulto, ouvindo os gritos de sua babá... só que agora eram gritos diferentes e este não era o de Monthys. Sophia ouviu o choro de um bebê, e ela estava andando pelos corredores do palácio, cercada por moribundos em uniformes de soldados, procurando por sua filha.

Ela sabia, sem ser informada, que sua filha estava em perigo, mas Sophia não conseguiu encontrá-la. Ela estava em algum lugar no próximo corredor, através da próxima porta... fora de alcance. Havia um brilho à frente, e de alguma forma Sophia sabia que estava vindo de Violet, mas quando ela estendeu a mão para tocá-la...

Sophia acordou com um suspiro na luz do amanhecer, os resíduos ao seu redor ainda frios, ainda não queimados pelo calor do dia. O calor de Sienne ao lado dela era tão bom quanto um cobertor, e Sophia arrepiou as orelhas ao acordar.

"Nem todo sonho é uma visão, certo, garota?"

Este parecia muito com um, no entanto.

Ela se levantou, se espreguiçando e se vestindo, saindo para o acampamento que eles tinham feito e descobrindo que ninguém estava acordado ainda. Ela caminhou até a beirada, olhando para fora para tentar avaliar o quão longe eles ainda tinham que ir, quanto tempo levaria antes que ela pudesse voltar para sua filha. Sienne sentou-se ao lado dela, provavelmente mantendo um olho atento para qualquer pequeno animal tolo o suficiente para se aproximar.

"Se é uma visão, devo voltar atrás?" ela se perguntou em voz alta.

Ela poderia voltar para Ashton antes que o que quer que acontecesse em sua visão acontecesse? Era uma visão do futuro, ou pior, do passado, contando a ela sobre algo que já havia acontecido? Sophia queria acreditar que sua filha estava segura, porque Sebastian a manteria segura a qualquer custo, mas havia muito medo pendurado em sua visão.

Sophia olhou para os desertos, absorvendo seu vasto vazio, a areia e o mato, o chão quebrado e a promessa do calor abrasador do sol quando ele se ergueu completamente. Foi quando ela viu as pegadas.

Eles brilhavam com a mesma luz que Sophia tinha visto em seu sonho. Três conjuntos deles estendidos ali, junto com um conjunto de pegadas ao lado deles. Eles se estendiam para longe, para os desertos, para longe do que passava por uma estrada. As linhas de gravuras formavam um caminho prateado que parecia se estender como um rio esperando para levá-los ao seu destino.

"Você os vê também, garota?" ela perguntou a Sienne, mas Sophia já sabia a resposta para isso. Isso ainda fazia parte de sua visão.

Sophia olhou para eles, tentando entendê-los. Eles não estavam na direção que seus guias os estavam conduzindo. Eles **realmente** não sugeriram ir para casa em Ashton. Se o brilho das pegadas não fosse o mesmo que o brilho em seu sonho, ela poderia tê-los ignorado e voltado de qualquer maneira. Esse brilho parecia trazer uma mensagem com ele: este era o caminho para sua filha. Esta era a coisa certa a fazer.

Eram **apenas** três conjuntos de pegadas. Sophia podia adivinhar o que isso significava. Ela se esgueirou até onde Kate e Lucas dormiam em colchonetes, ambos preferindo dormir sob as estrelas do que em uma barraca. Ela foi sacudi-los para acordá-los, mas seus olhos se abriram quando ela o fez.

Cuidado, ela mandou, **não podemos arriscar fazer barulho**.

O que é isso? Kate mandou de volta. **Mais criaturas?**

Ela parecia quase esperançosa. Sofia balançou a cabeça.

Eu... vi algo, uma visão, eu acho. Pegadas para nós três e Sienne, levando para os desertos sozinhos.

Então, estamos destinados a seguir esse caminho? perguntou Lucas.

Sophia assentiu, então acenou. Os outros dois se levantaram, seguindo-a até a borda do acampamento. Sophia ainda podia ver as pegadas brilhando ao longe.

"Você os vê?" ela perguntou.

Lucas assentiu. "Eu faço."

"Eu não", disse Kate. Ela estendeu as mãos. "Mas então, eu nunca fui tão bom em ver as coisas. Se você diz que está lá, está lá."

Foi bom para Sophia que sua irmã confiasse tanto nela, mas também doeu um pouco ao lembrar o quanto Kate deve ter perdido quando extirparam a bruxa de sua cabeça.

"Então você quer que nós vamos lá sem os outros?" Kate perguntou. "O que você acha que significa? Que os outros estão mentindo para nós sobre onde fica a Cidade Esquecida?"

"Ou eles realmente não sabem," Lucas sugeriu. "Ou nós tomamos um caminho errado em algum lugar. Tudo isso são coisas possíveis."

"Eu acho", disse Kate.

"Eu não sei", admitiu Sophia. "O que eu sei é que o brilho os passos estão ligados a Violet de alguma forma."

Ela contou a eles sobre seu sonho então. Kate assentiu com a cabeça com a visão de Monthys, então apertou as mãos quando ouviu que Ashton poderia estar em perigo.

"Devemos voltar então", disse ela.

"É muito longe", disse Sophia. "E isso... esse **parece** o caminho que temos que seguir se eu vou ver Violet novamente. Eu sei que é pedir muito, Kate, mas preciso que você confie em mim nisso."

O coração de Sophia afundou com o pensamento de que eles poderiam seguir caminhos separados novamente. Eles passaram tanto tempo separados, e esta foi a primeira vez desde o orfanato que eles **realmente** tiveram tempo juntos. No entanto, talvez Kate sentisse que tinha que voltar, que ela... "Tudo bem", disse Kate.

"Você vai fazer isso?" Sophia perguntou, incapaz de manter a surpresa fora de sua voz.

Kate colocou a mão no braço de Sophia. "Eu não faria nada para colocar Violet em perigo", disse ela. "Se você diz que ir com você dessa maneira a mantém segura, então eu vou com você."

"Eu também", disse Lucas. "Acredito que sua visão nos mostrou um caminho melhor para nossos pais. Nós **os** encontraremos."

Sophia olhou em volta para o acampamento. "Se vamos, precisamos ir logo. As pessoas vão começar a acordar a qualquer minuto."

"E se eles nos virem indo para o deserto, eles provavelmente vão querer vir para o passeio," disse Kate. "Ok, eu vou ser rápido."

Ela correu de volta para o acampamento, silenciosa como o vento do deserto ao redor deles. Ela voltou com sua espada, um par de odres de água e um pouco de comida. Lucas já parecia ter todos os seus pertences com ele, pronto para sair para o deserto ao lado de suas irmãs.

"Nós estamos prontos?" Sofia perguntou. Os outros assentiram, mas mesmo assim, ela não se **sentia** pronta. Eles estavam prestes a abandonar a caravana que cuidadosamente

juntos para levá-los ao seu destino, em favor de atacar sozinha com base em não mais do que uma de suas visões. Parecia uma coisa tola e perigosa de se fazer.

No entanto, com a perspectiva de encontrar seus pais e voltar para sua filha à sua frente em um caminho claro e brilhante, a única coisa que Sophia podia fazer era segui-lo. Ela só tinha que esperar que, enquanto isso, Violet e Sebastian ficassem seguros.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Lucas podia sentir o calor do dia começando a aumentar enquanto os três caminhou cada vez mais longe do caminho. O sol batia neles e ele se cobriu o melhor que pôde com as sedas que usava. Logo, ele suou através deles, o calor fazendo com que eles se agarrassem a ele enquanto se arrastavam.

"Eles já devem ter percebido que estamos desaparecidos", disse Kate. "Você acha que devemos apagar nossos rastros para que eles não possam enviar ninguém atrás de nós?"

Claro que Kate pensaria nisso. Sophia foi quem viu o quadro geral das coisas, teve a visão de encontrar uma rota para elas. Kate foi quem pensou se eles poderiam ser vistos, quem poderia se infiltrar em um acampamento cheio de criaturas sem medo e não ser ouvido enquanto ela os matava. Onde isso deixou Lucas, no entanto?

"O que você está pensando?" Kate perguntou a ele.

Você tem que perguntar, em vez de olhar? ele enviou.

Não, mas achei que poderia ajudar conversar, ela mandou de volta.

"Eu só estou querendo saber onde eu me encaixo", disse ele.

"Onde quer que estejamos", respondeu Sophia. "Você pertence a nós, Lucas."

Lucas sorriu com a certeza disso. "Só quero dizer que **você é** o único com a magia mais poderosa, Sophia e Kate, você pode lutar e desaparecer na escuridão... Eu sou um pouco dos dois, mas talvez nenhum dos dois.

Kate colocou a mão em seu braço. "Você luta melhor do que eu hoje em dia," ela o assegurou.

"Sinto muito, Kate", disse ele. "Eu não quis dizer—"

"Eu sei", respondeu Kate. "Mas talvez não gaste muito tempo se preocupando com sua utilidade. Nós não teríamos passado por aquele ciclope sem você."

Esse não era o ponto, no entanto. Sim, Lucas podia lutar, mas era só para isso que ele servia?

"Além disso," Kate continuou, "esse não é o ponto. Você é nosso irmão."

Lucas sorriu para isso. Era bom ter uma família. Não importa o quão bem a família oficial de Ko o tratou enquanto crescia, não era a mesma coisa.

Eles continuaram andando, cada vez mais fundo nas ruínas. Lucas podia seguir o caminho brilhante de Sophia agora que ela mostrou a eles, mas foi ela quem abriu o caminho. Não era só ela que tinha a melhor chance de

guiando-os ao seu destino; significava que ele e Kate podiam manter o ritmo dela, cuidando para quando ela se cansasse.

Ela continuou, porém, conduzindo-os através do terreno acidentado, mais para o sol. Ao redor deles, Lucas podia ouvir chamados ocasionais de leões do deserto ou hienas, mas nada os incomodava agora enquanto caminhavam. Nada, exceto o calor implacável. Isso minou a força de Lucas, e embora ele tentasse racionar a quantidade que bebia de sua garrafa de água, logo parecia muito leve.

"Nós vamos ter que encontrar um lugar para parar", disse Sophia.

Não **havia** lugar nenhum, no entanto. Havia apenas o contínuo ataque de o sol, que parecia determinado a lixiviar cada gota de umidade que possuíam.

"Acho que posso ver alguma coisa", disse Kate, apontando.

Lucas também viu: um tênue brilho à distância, o mais tênue clarão de verde de uma árvore. Eles avistaram um oásis.

Lucas aumentou o passo, indo para o oásis. Ele também estava com as mãos perto das espadas, porque imaginava que a única fonte de água a quilômetros de distância atrairia sua cota de predadores. Os quatro avançaram, e Lucas pôde sentir um pouco de esperança crescendo em seu peito ao ver o oásis. A visão de Sophia os levou a isso, e se pudesse fazer isso, então era tão difícil acreditar que poderia levá-los a seus pais também?

Eles chegaram ao oásis, e foi só quando chegaram que Lucas coração afundou novamente. O oásis estava seco.

Parecia **um** lugar vibrante e vivo. Havia tamareiras e palmeiras arqueando-se sobre o espaço onde teria ficado uma poça de água. Havia um prédio baixo de pedra que parecia ter sido um abrigo permanente, talvez um ponto de passagem no deserto. A piscina estava vazia, porém, o chão ao redor parecia duro e quase seco.

"Não há água", disse Kate, e Lucas pôde ouvir a decepção em sua voz.

Sophia sentou-se à sombra de uma das árvores. "Há um pouco de sombra, pelo menos."

Todos eles sabiam que isso não seria suficiente. Lucas caiu para joelhos, sentindo-se derrotado. Havia alguns inimigos que não podiam ser combatidos apenas balançando uma espada.

Então você deve encontrar outro caminho. O caminho da virtude é a aceitação, mas também é adaptação. A água flui em torno de obstáculos, desce em qualquer rachadura,

agrupando-se em qualquer espaço.

Esse pensamento soou muito parecido com a memória de Oficial Ko's voz para o conforto. Era o tipo de lição que parecia fazer todo o sentido em uma sala confortável, mas que parecia abstrata demais para ser útil no meio de um deserto. De que adiantava a filosofia diante da desidratação? Já Lucas podia ver Sienne deitada de lado, ofegante no calor.

Exceto... e se a razão pela qual ele estava se lembrando dessa lição em particular foi porque não **era** apenas abstrato?

"Precisamos cavar!" Lucas disse, assim que percebeu a verdade.

"Escavação? Nesse calor?" Kate respondeu. "Nós vamos morrer de exaustão pelo calor, Lucas."

"As árvores ainda estão verdes, ainda há trechos de terra mole", disse Lucas. "Há água aqui, mas ela foi para o subsolo. Estou certo disso."

Ele pegou a mais larga e plana de suas facas, usando-a para começar a cavar em um dos lugares que pareciam mais macios. Foi difícil, porque a ferramenta não foi projetada para o trabalho, mas Kate e Sophia rapidamente se juntaram a ele.

Lucas olhou para Sophia. "Você já controlou o clima antes, em casa. Você acha que poderia puxar a água para mais perto da superfície aqui?"

"Acho que é porque temos uma conexão com a terra em casa", disse Sofia. "Mas... acho que posso tentar."

Ela ficou quieta, com os olhos semicerrados. Lucas podia sentir o poder que ela estava trabalhando, explorando a vibração da terra ao seu redor. De sua parte, Lucas continuou cavando, deixando de lado a faca e trabalhando com as mãos uma vez que o chão estava macio o suficiente para fazê-lo.

O esforço foi o suficiente para trazer mais suor em sua pele. O calor fez Lucas se sentir tonto com o esforço, e ele suspeitou que se isso continuasse por muito mais tempo, ele desmaiaria.

Então, lá no fundo do buraco que estava cavando, viu uma terra realmente úmida.

"Estamos quase lá", disse ele, trabalhando tão furiosamente quanto podia. Ele continuou expandindo o buraco, cavando seu caminho para baixo...

... A água empurrou os lados de suas mãos, jorrando para cima e ali para ser tomada. Lucas abriu o buraco um pouco mais para que ele pudesse enchê-lo corretamente, então mergulhou as mãos nele, levando-o aos lábios. Depois de todo aquele esforço, foi a melhor coisa que ele já provou.

Havia mais do que isso, no entanto. Lucas podia ver agora a pedra ao redor da qual a água mal escorria, e por suas aulas ele sabia que um oásis como este se formaria através de uma conexão com uma piscina subterrânea. Se essa conexão tivesse mudado, mesmo que levemente, poderia ser o suficiente para fechá-la.

Talvez isso pudesse ser desfeito.

Com as mãos e a faca, ele trabalhou na pedra, tentando movê-la. Ele era mais forte do que a maioria das pessoas, mas mesmo assim, ele teve que se esforçar na rocha, sentindo a solidez da terra abaixo dele que se recusava a ceder.

Então aconteceu.

O movimento foi tão repentino que fez Lucas se esparramar. Quando ele olhou para cima, a piscina no meio do oásis já estava começando a encher.

Em questão de momentos, ele conseguiu trazê-lo de volta à vida.

Eles encheram seus odres de água e beberam o quanto puderam. de Sofia a gata da floresta lambeu a poça d'água até parecer que ia explodir.

Kate jogou água no rosto, depois jogou um pouco na direção de Lucas. Ele riu.

Sophia colocou a mão em seu ombro. "Você pode fazer muito mais do que lutar, Lucas."

Isso era uma coisa boa sobre irmãos que podiam entrar em seus pensamentos: eles sabiam exatamente o que dizer. Mas era a verdade, e isso a tornava ainda melhor.

Se eles pudessem ter ficado lá, talvez as coisas tivessem sido perfeitas. Talvez eles tivessem ficado fora de vista do mundo por dias ou mais, comendo tâmaras e bebendo água fresca. Mesmo enquanto pensava, Lucas sabia que eles não podiam. O caminho que Sophia tinha visto ainda estava à frente, e seus pais estavam em algum lugar no final dele.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kate seguiu os outros, tendo que confiar que eles sabiam para onde estavam indo, e suas visões os guiavam na direção certa. Até mesmo segui-los estava ficando mais difícil, porque areia e poeira estavam girando agora no vento, tornando cada vez mais difícil ver à frente.

Há algum sinal de onde estamos indo? ela perguntou.

Ainda não, Sophia mandou de volta.

Você pensaria que uma cidade inteira não seria tão difícil de encontrar, Kate enviou.

Lucas juntou-se. ***Deve haver uma razão para ser a Cidade Esquecida.***

Kate teve que admitir que ele tinha razão. Era estranho pensar que uma cidade pudesse ficar perdida, esquecida e abandonada. Isso aconteceria com Ashton em algum momento no futuro distante? Não havia deserto para engoli-lo, mas Kate podia imaginar o mar subindo sobre ele, ou a vegetação ao redor se estendendo para... "Espere!" Lucas disse, esticando um braço para parar Kate.

Ela olhou para baixo e viu o motivo. Seus pés estavam à beira de um precipício, um rasgo na paisagem descendo tão longe que ela não conseguia ver o fundo. Mais um passo, e Kate teria caído nele. Lucas, Sophia e Sienna ficaram na beirada, olhando para ela como se esperassem que ela fosse embora se esperassem o suficiente.

"Existe uma maneira de contornar isso?" Kate perguntou.

Sofia balançou a cabeça. "As pegadas o ***atravessam***, mas não vejo... espera aí, o que é isso?"

A poeira baixou brevemente o suficiente para Kate ver o que parecia ser uma ponte de corda sobre a ravina. Os restos de um, de qualquer maneira. A maioria das cordas havia caído, cortada ou simplesmente apodrecida ao ponto de cair.

Os três foram até lá, examinando os restos de uma estrutura que parecia muito mais antiga do que eles. Havia postes de pedra ali, com anéis que obviamente estavam ali para amarrar as cordas da ponte. Só restava uma linha: uma corda grossa de cânhamo que poderia parecer muito mais segura se não fosse tão velha e seca.

"Como vamos atravessar se há apenas uma corda?" Kate perguntou.

Ela puxou a corda, tentando testar sua força. "Sophia, eu tenho certeza que você nunca praticou andar na corda bamba."

"Nunca surgiu na corte", concordou Sophia.

"Eu aprendi", disse Lucas. "O oficial Ko achou que seria bom para o meu equilíbrio praticar com bastões enquanto equilibrado em um fio. Eu caí muito."

Claro que Lucas teria aprendido, e ele ainda tinha o tipo de magia correndo por ele que tornava esse tipo de coisa uma façanha física fácil. Kate apenas tinha seu próprio equilíbrio, e a habilidade de ler mentes enquanto caminhava.

Kate olhou para fora novamente, e através de uma abertura na poeira, ela pensou ter visto pilhas de cordas do outro lado, provavelmente sobressalentes para que a ponte pudesse ser construída e reconstruída quantas vezes as pessoas precisassem.

"Se um de nós puder ir até lá, acho que podemos reconectar a ponte", disse Kate.

"Eu vou," Lucas ofereceu.

Kate balançou a cabeça. "Você é muito pesado. Esta corda **pode** me segurar, mas vai quebrar sob o seu peso antes de chegar na metade. Eu vou fazer isso."

"Tem certeza?" Sofia perguntou. Kate podia ouvir a preocupação ali. A preocupação por uma irmã que não era tão forte quanto ela, e que não tinha as habilidades que ela possuía.

"Eu sou a menor," Kate disse com um sorriso que ela não sentiu. "Será fácil."

Para evitar qualquer outra discussão, Kate tirou os sapatos e pulou na corda, usando as mãos para se equilibrar enquanto se levantava, sentindo a corda sob seus pés. Como isso não era uma exibição de circo, não havia razão para fazer isso com graça, mas uma parte dela queria provar a si mesma que **poderia** fazer isso.

Ela começou a andar ao longo da corda, sentindo-a esticar sob seu peso, sentindo o balanço do cânhamo no vento. Uma rajada pegou Kate e ela agarrou a corda com as mãos e os pés, pendurado de cabeça para baixo agora enquanto tentava evitar cair nas profundezas. Tão longe, não havia sinal de Sophia ou Lucas através da poeira.

"Eles vão sentir sua falta quando você cair, é claro."

A voz de Siobhan chegou a Kate tão claramente que ela poderia estar ao lado dela.

"Vá embora," Kate murmurou. "Você não é real."

"Não estou? Bem, talvez você saiba mais do que eu, Aprendiz."

"Nós tiramos você da minha cabeça," Kate sussurrou. "Nós **matamos** você."

"E agora aqui está você, se matando," a voz de Siobhan sussurrou de volta. "Você poderia ter deixado Lucas fazer isso, mas aqui está você, tentando provar

que você ainda é algo sem os presentes da minha fonte.”

Kate a ignorou, começando a avançar pela corda na direção do outro lado da ravina.

“Você **não** é nada sem o que eu te dei, é claro,” Siobhan continuou.

indo. “Sem a força e velocidade extras, o que você é? Apenas uma garotinha assustada. Você não pode lutar como seu irmão, você não pode controlar o mundo ao seu redor como sua irmã. Você não é nada.”

“Pelo menos eu sou **real**,” Kate murmurou. Ela ignorou as lágrimas em seus olhos. Eles estavam caindo na areia.

“Você sabe que não são,” Siobhan disse, respondendo seus pensamentos.

“Eles são porque você sabe que seus irmãos estariam melhor sem você.

Por que não simplesmente deixar ir? Você pode ter uma morte agradável e heróica, e eles estarão livres para atingir seu potencial sem precisar **carregar** você.”

As lágrimas estavam vindo com mais força agora, mas ainda assim, Kate avançou ao longo da corda. Então estalou.

Ela gritou, mas agarrou-se a ela enquanto a balançava para o outro lado da ravina. A pedra bateu em Kate, tirando o fôlego dela. Ainda assim, ela se agarrou à corda.

“Você também pode deixar ir,” a voz de Siobhan disse. “Você não tem forças para se levantar sem o que eu te dei.”

“Para uma bruxa onisciente, você não sabe muito,” Kate retrucou. Ela não se incomodou em tentar fazer o trabalho com os braços. Em vez disso, seus pés procuraram as rachaduras nas rochas, seus dedos encontraram espaços que a segurariam. A combinação foi suficiente, apenas, para deixá-la começar a subir. “Posso não ter mais força ou velocidade, mas lembro de tudo que aprendi.”

Não havia resposta para isso, mas fazia sentido. Claro, mesmo uma versão de Siobhan, que não era mais do que uma invenção de sua imaginação, encontraria os momentos mais irritantes para aparecer e desaparecer.

Pelo menos significava que Kate poderia se concentrar em tentar escalar o parede de pedra. Suas mãos encontraram apoio na corda, mas Kate não queria confiar todo o seu peso a ela, dada a facilidade com que ela havia quebrado antes. Em vez disso, seus pés encontraram apoio após apoio, empurrando-a para cima da parede mais distante da ravina enquanto ela puxava com os braços.

Foi um trabalho cansativo. O esforço de subir quando o mundo inteiro parecia querer puxá-la para baixo era exaustivo. Uma parte de Kate se perguntou se não **seria** mais fácil deixar ir...

Então ela pensou em Will, esperando por ela de volta para casa.

"Vou vê-lo novamente", disse Kate, rangendo os dentes. "E eu vou escalar todos os paredes que eu tenho que fazer para fazer isso."

Ela subiu os próximos passos, e suas mãos sentiram a borda da ravina. Kate puxou-se para cima daquele lábio, deitando-se de costas enquanto se lembrava de como respirar normalmente.

Kate? Você está aí? Sofia perguntou. **Você pode me ouvir?**

Estou aqui, Kate mandou de volta. **Estou bem. Vou passar as cordas para você agora.**

Ela se levantou, procurando as cordas que tinha vislumbrado. Eles eram lá, e para sua surpresa, eles pareciam mais novos do que aquele que havia cedido abaixo dela. Talvez alguém estivesse planejando substituir a ponte. Kate os amarrou em sua ponta, então os jogou para o outro lado, arremessando-os o mais forte que pôde.

Os outros começaram a atravessar a ponte, Sienna caminhando com graça sem esforço, em seguida, enroscando-se ao lado de Kate enquanto esperava pelos outros.

"Ah, claro, **você** faz parecer fácil", disse Kate, e sentou-se ali, acariciando o pele de gato da floresta. A poeira estava diminuindo agora, e ela podia ver Sophia e Lucas atravessando, a nova ponte de corda mais do que suficiente para suportar seu peso.

A voz de Siobhan veio para preencher a lacuna enquanto ela esperava.

"Você está certo, você se lembra do que aprendeu. Apenas certifique-se de se lembrar de tudo isso. Tenho a sensação de que você precisará de algumas peças em breve."

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Cora nunca tinha entrado em uma zona de guerra antes, e ela não tinha certeza se ela queria ter que fazer isso novamente. Ela, Aidan e Emeline deslizaram ao longo da linha do rio, observando os céus em busca de corvos, escondendo-se sempre que os viam.

"Espero que cheguemos a tempo", disse Cora enquanto eles corriam em direção à cidade. Ela não podia suportar a ideia de que eles pudessem ter vindo de Stonehome para ajudar a filha de Sophia, apenas para ser tarde demais.

"Nós vamos conseguir", disse Aidan, segurando a mão dela. "Temos que."

Emeline não disse nada, sua expressão definida. Cora podia adivinhar a fonte de seu desconforto: a cidade parecia já estar em processo de queda, soldados de uniforme ocre entrando por uma brecha de um lado, indo direto para o palácio.

"Pelo menos significa que eles não estarão defendendo o resto da cidade," Cora sugeriu.

Emeline bufou com isso. "Apenas nos amontoando bem no ponto em que precisamos chegar."

Eles não se viraram, porém, nem sequer discutiram isso. filho de Sofia estava em perigo, e nenhum deles estava disposto a deixá-la morrer.

Deslizar para a cidade foi mais fácil do que deveria ter sido. Eles apenas esperaram que as pessoas comessem a sair por um dos portões e se apressaram enquanto faziam isso.

"Você não quer entrar lá", uma mulher gritou para eles. "Eles estão matando pessoas à vista, e pior!"

O medo aumentou em Cora com esse pensamento. Ela conseguia se lembrar do que tinha sido como ter que lutar contra Ashton da última vez. Mas ela não deixou que o pensamento a detivesse; nenhum deles fez. Os três correram pelas ruas de Ashton, seguindo o mesmo caminho para o palácio que fizeram durante a invasão, mantendo-se nas sombras o máximo que puderam.

Eles sacaram suas espadas, porque havia muitos soldados nas ruas para confiar apenas em se esconder. Cora podia ouvir os sons de gritos à distância, e o choque de lâminas de dentro da cidade. A única vantagem que eles tinham parecia ser que os soldados estavam tão focados no palácio e não neles.

O problema era que isso significava que mais deles estariam no caminho quando chegassem lá.

“Nós realmente temos um plano para isso?” perguntou Cora.

“Chegamos ao palácio, pegamos o bebê de Sophia e quem mais pudermos, então saímos daqui,” Emeline respondeu.

“Sinto que pode haver um ou dois detalhes faltando neste plano,” Cora disse, mas o que mais eles iriam fazer? Voltar para Stonehome? Eles cobriram metade do país para tentar salvar a filhinha de Sophia, e eles não iriam parar agora.

Cora apontou para um ponto em uma das paredes do palácio. “Ali, poderemos para entrar por um portão de empregados.”

Eles se apressaram e, embora o portão estivesse trancado, foram necessários apenas alguns golpes do pé de Aidan para abri-lo. Os jardins ficavam do outro lado, e Cora instantaneamente viu o local onde eles precisavam estar. O Mestre dos Corvos estava ao lado de uma das entradas do jardim do salão de baile, bloqueando o caminho. Um olhar pelas janelas mostrou Sebastian, uma babá e um bebê que só poderia ser de Sophia.

“Alguma ideia de como podemos afastá-los de algo assim ?” perguntou Aidan.

Cora deu de ombros. “Só isso.”

Ela atacou o Mestre dos Corvos, sua espada erguida, enquanto gritava um grito de guerra que era mais um grito direto de raiva. Ela podia sentir seu sangue fervendo do jeito que tinha quando ela bateu na cabeça do Príncipe Rupert com um vaso, ou quando ela se viu no meio da batalha por Ashton. Ela atacou o general do Novo Exército, com o objetivo de acabar com seu mal com um golpe...

Ele deu um passo para o lado, e Cora caiu no salão de baile, Aidan e Emeline irrompendo por uma das outras portas.

“Ah,” o Mestre dos Corvos disse, “vejo que você tem reforços, Rei Sebastian. Diga-me, se eu fizer você vê-los morrer primeiro, você me dará a criança **então?**”

“Ninguém vai morrer”, disse Emeline, embora para Cora, ela não parecia confiante.

— E como você pretende me impedir? o Mestre dos Corvos perguntou.

“Como isso...”

Algo mudou na sala. Agora parecia que eles não eram de pé cercadas por imagens planas de si mesmas contidas nos espelhos do salão de baile. Agora parecia que aquelas imagens estavam ao lado deles, dezenas de versões delas ao lado deles, movendo-se

movido, tornando impossível distinguir qual era a versão real e qual era falsa. Uma dúzia de versões de Cora saltou para frente enquanto ela fazia, golpeando com sua espada, de modo que o Mestre dos Corvos teve que pular para trás para evitar todos eles.

"Corre!" Emeline chamou. "Não sei por quanto tempo aguento!"

Cora viu Sebastian e a babá correrem com a criança, e então ela, Aidan e Emeline correram atrás deles, correndo para os jardins com o Mestre dos Corvos caminhando calmamente atrás deles.

"Você não pode escapar de mim," ele gritou atrás deles, avançando suavemente. Os soldados alinhavam-se com ele, embora quando alguém levantasse um mosquete, o general o esfaqueasse, cortando seu próprio soldado como se não fosse nada. "A criança **não** deve ser prejudicada."

Cora e os outros continuaram correndo.

"No labirinto," Sebastian gritou para eles.

Cora assentiu e seguiu para o labirinto do jardim, esperando que eles pudessem perder o Mestre dos Corvos em suas profundezas. No mínimo, eles poderiam emboscá-lo lá e tentar equilibrar a luta. Eles se dirigiram para o centro do labirinto. Pelo menos lá eles teriam uma chance.

Então Cora viu os corvos se reunindo, e ela sabia que não seria tão simples.

Havia centenas deles; milhares. Eram tantos que eles parecia formar um cobertor preto que cobria o labirinto, pousando em seus arbustos até que cada superfície do labirinto do jardim estivesse cheia deles. Bicos rasgavam os arbustos, arrancando galhos, quebrando folhas. Garras rasgavam os galhos, levando-os facilmente.

"Eles estão destruindo o labirinto", disse Cora.

Sebastian assentiu, olhando ao redor como se procurasse algum outro lugar seguro para eles. Cora sabia tão bem quanto qualquer um que não havia um, no entanto. Não havia para onde correr enquanto os pássaros rasgavam as sebes, rasgando-as em fragmentos em uma demonstração de poder que a deixava se sentindo insignificante perto da escala das coisas que o Mestre dos Corvos podia fazer. Era como um furacão destruindo uma aldeia, ou uma praga de insetos destruindo as plantações de um fazendeiro.

Em um minuto ou menos, não havia mais nada. Em vez da segurança do labirinto, seu pequeno grupo agora estava no meio de um círculo de corvos e soldados, cercado com tanta certeza como se eles tivessem entrado no meio de um acampamento inimigo.

O Mestre dos Corvos começou a avançar, e o aperto de Cora apertou sua espada. Se ela pudesse encontrar um momento para derrubá-lo, tudo isso estaria acabado, mesmo que custasse sua vida.

"Você não pode," Aidan sussurrou para ela.

"Eu tenho que."

"Então é óbvio o que eu tenho que fazer. Eu amo Você."

Ele a empurrou para trás, investindo contra o general do Novo Exército.

A espada de Aidan brilhou com toda a habilidade que ele mostrou nos campos de prática, e por um momento, Cora pensou que ele poderia ser rápido o suficiente, bom o suficiente, para acabar com isso.

Então o Mestre dos Corvos se esquivou, enfiando sua própria espada no peito de Aidan e segurando-o lá, preso como um espantalho.

"Não!" Cora gritou, sentindo seu coração quebrar mesmo quando o aço deslizou pelo de Aidan. "Não!"

A dor explodiu sobre ela. Aidan salvou sua vida. Ele morreu salvando sua vida, tentando fazer o que ele sabia que ela não podia. Ele tinha sido a melhor pessoa que Cora tinha conhecido, e ele se foi do mundo em um instante.

Uma parte dela queria se lançar no Mestre dos Corvos, mesmo que apenas para se juntar a Aidan na morte, mas um olhar daqueles profundos olhos negros a deteve.

Se ela o atacasse, ela **morreria**. Não havia chance de matá-lo e, naquele momento, Cora não se contentaria com nada menos. Ela tinha que viver, porque era a única maneira de garantir que **ele** morresse.

O Mestre dos Corvos sorriu como se soubesse exatamente o que ela estava pensando. Provavelmente sim. Ele deixou Aidan cair em uma pilha irregular e então estendeu a mão.

"Já cansei dessa tolice", disse ele. "Você **vai** entregar a criança."

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O Mestre dos Corvos avançou sobre o pequeno grupo de seus inimigos, repetindo sua demanda.

“Há tantas vezes que vou pedir a criança antes de simplesmente pegá-la”, disse ele. “O fato de eu não ter feito isso deveria lhe dizer que não desejo nenhum mal.”

“Ela,” o pretenso rei, Sebastian, disse. “Violeta não é um 'isso'.”

“Se vocês não entregarem a criança, nenhum de vocês será nada”, disse ele. “Vou ordenar que meus homens avancem e eles massacrarão cada um de vocês. Então terei o filho de qualquer maneira.”

— Então por que você não? um dos recém-chegados exigiu. Não aquele que ainda estava de luto pelo homem que ele havia cortado, o outro. Aquele que conseguiu confundir-lo com imagens espelhadas para levá-los até aqui. “Se você realmente pudesse fazer tudo isso, acho que faria.”

“A criança é mais valiosa para mim viva”, o Mestre dos Corvos disse novamente. Era até verdade, à sua maneira. Uma morte como essa, no meio da batalha, não era tão eficiente para tomar o poder quanto uma com os símbolos e rituais adequados ao seu redor. Havia uma razão pela qual aqueles com poder acabavam em suas gaiolas de corvos.

“E o que ganhamos se a entregarmos?” a jovem mulher segurando a criança exigiu. Ela deu um passo à frente. Sebastian a agarrou, mas ela se afastou dele, e o Mestre dos Corvos apontou uma pistola para ele para mantê-lo quieto.

“Agora, agora, eu pensei que sua adorável esposa era totalmente a favor de deixar as pessoas comuns falarem. Fale, mulher.”

“Se eu der ela para você, o que acontece então?”

O Mestre dos Corvos a olhou com calma. “O que você quer dizer?”

“Você está exigindo ela de nós. Eu... eu não quero morrer,” ela disse. Ela olhou de volta para os outros. “Sinto muito, mas eu não. Eu tenho um bebê esperando por mim em casa, e por mais que eu me importe com a princesinha Violet, ela não é minha, é? Se todos nós vamos morrer de qualquer maneira, então por que não fazer isso?”

“Por que não mesmo?” disse o Mestre dos Corvos. Ele considerou suas opções por um momento, mas apenas por um momento, porque o curso correto era tão óbvio. “Muito bem. Traga-me a criança e meus homens irão escoltá-lo de volta para

sua casa. Você poderá pegar seu filho e qualquer outra família e depois deixar a cidade em segurança. Você não será prejudicado.”

Ele levantou um dedo quando Sebastian começou a avançar novamente. “Agora, agora, majestade. Já que você está fora da linha de fogo da criança, tenha certeza de que meus homens **vão** atirar em você se você ou qualquer um dos outros se mover novamente.

Ele sinalizou, e seus homens apontaram suas armas para os três à esquerda no gramado. Ele iria matá-los depois, obviamente, mas pelo menos dessa forma ele tinha a opção de fazê-lo da maneira que fosse mais vantajosa.

“Muito bem,” ele disse para a babá, acenando para ela, “aproxime-se.”

Ela começou a avançar com as pernas obviamente trêmulas, afastando-se dos outros, carregando a criança tão suavemente e tão suavemente que ela poderia ter sido sua mãe...

O Mestre dos Corvos ergueu sua pistola e atirou na jovem pela garganta antes que ela pudesse chegar até ele. A rachadura reverberou ao redor do jardim, o cheiro de pó pairando no ar por um momento enquanto a jovem piscava para ele em estado de choque. Ela ficou lá em silêncio atordoado, uma faca tilintando de dedos inertes. O Mestre dos Corvos fechou a distância para ela então, usando sua velocidade para alcançá-la em menos tempo do que levou para suas pernas dobrarem, arrancando a criança de seus braços enquanto ela morria.

“Uma jogada corajosa,” ele disse, olhando para ela com desprezo, “mas uma tolice. Claro, eu teria matado você de qualquer maneira, mas esse não é o **ponto**.

Ele segurou o bebê contra sua jaqueta. Ela olhou para ele, franziu suas pequenas feições e chorou. Comparado com o grasnar dos corvos, era um som tão chocante. Como **os** pais aguentavam tanto choro?

Ainda assim, ele tentou fazer uma paródia de um sorriso; o tipo de coisa que poderia ter vindo de um bondoso tio ou avô. Isso o divertia principalmente porque ele era tudo menos gentil, e ele já podia imaginar a maneira como seus corvos bicariam a carne dessa coisinha.

“Lá, lá”, disse ele. “Fique quieta, pequena criança, ou eu vou apagar você como uma vela.”

Para sua surpresa, funcionou. A menina estava deitada contra ele, olhando para ele com olhos curiosos. Ela até deu uma gargalhada, o que mostrava como as crianças eram tolas. Estranho pensar que ele podia sentir tal poder vindo de algo tão obviamente fraco e tolo.

O Mestre dos Corvos olhou para os três que ainda esperavam no restos do labirinto. Ele gesticulou para seus homens.

"Oh, eu não preciso mais deles", disse ele. "Pegue a mulher com poder e coloque-a em uma forca. Empalar sua majestade para que seus súditos possam ver. Faça o que quiser com o outro."

Seus homens começaram a avançar, e o Mestre dos Corvos olhou de volta para a criança em seus braços. Ela estendeu uma mãozinha para tocar seu rosto...

Ele gritou quando a luz branca explodiu ao seu redor, queimando mais quente do que qualquer fogo enquanto aquela pequena palma queimava sua carne. A pura força disso o atravessou, ameaçando despedaçá-lo e fazendo-o cair de joelhos, a criança rolando suavemente de suas mãos para o gramado. O Mestre dos Corvos chorou de agonia, e a dor parecia consumir tudo o que ele era naquele instante.

Ele tinha sido ferido antes. Kate Danse conseguiu feri-lo no praia fora de Carrick, enquanto seu irmão enfiou uma espada nele quando eles duelaram. Isso foi mais doloroso do que qualquer um, e tudo por um *toque*.

O Mestre dos Corvos não podia ver através de seus próprios olhos, porque a luz branca deixava pós-imagens que ele não conseguia piscar. Ele estendeu a mão para os olhos de suas criaturas, mas isso não foi nada melhor. Eles giravam e giravam, gritando em sua própria agonia, vários deles caindo mortos onde estavam, o resto voando ao acaso, atrapalhando qualquer julgamento cuidadoso do que estava acontecendo. Ele teve breves vislumbres de seus homens parecendo atordoados, sem saber o que fazer enquanto tentavam localizar algo para atirar.

no.

Finalmente, ele conseguiu controlar um deles alto o suficiente acima da cena para poder olhar para baixo sem ser afetado. O Mestre dos Corvos flutuou com ele por um momento, seu vôo elevado calmante, a sensação do vento como uma pomada contra seu crânio.

Ele a forçou a olhar para baixo, tentando entender o que estava acontecendo. Ele podia ver seus corvos esbofeteando e girando em um furacão de penas e bicos, tornando impossível para qualquer um de seus homens atirar. Ele podia ver sua própria forma prostrada na grama, tão imóvel que poderia estar morta. Ele podia ver a criança que tinha feito isso rastejando para longe, e a mulher sem nenhum poder pegando-a.

Seus prisioneiros deveriam ter morrido naquele momento, mas a multidão pássaros significava que mesmo aqueles soldados que disparavam mosquetes não acertavam nada além de

penas. Os três estavam fora e correndo enquanto seus homens ainda tentavam entender a situação.

“Não”, disse a si mesmo. “Eles não vão escapar.”

Ele se jogou para trás em seu corpo, ignorando a dor, forçando-se a ficar de pé, embora parecesse precisar de toda a sua força para fazê-lo. A criança não o havia roubado de tudo o que ele era, não havia tirado o poder que era seu para comandar. Ele piscou para afastar as últimas imagens, estendendo seus poderes e forçando os corvos de volta ao seu controle. Ele abriu os braços e eles se espalharam pelo telhado do palácio, deixando o caminho livre para ele ver os últimos vislumbres das figuras em retirada antes que elas desaparecessem por um dos portões que levavam para fora do palácio.

"Chega disso", disse ele, sua voz chegando a seus homens. "Ofereço um ano de pagamento ao homem que me trouxe aquela criança, e morte a quem falhar! Agarre-os. Mate os outros, recupere a criança!"

Seus homens partiram correndo, cada um lutando para ser o primeiro a alcançar as figuras em fuga. O Mestre dos Corvos se recompôs, sentindo um pouco de sua força voltar enquanto a matança ao redor da cidade continuava e suas criaturas se banquetavam.

Lentamente, deliberadamente, ele partiu em perseguição.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Endi estava sentado no grande salão de Ishjemme, esperando pelo irmão. Oli havia dito que eles se encontrariam assim que o sol nascesse, e ele não era de se atrasar. Endi tamborilou os dedos no braço do assento ducal enquanto esperava, pensando em todos os assuntos que ainda precisavam ser tratados hoje. Ele se viu esperando que isso não demorasse muito.

O grande salão estava vazio, exceto por Endi. Ele havia prometido isso a seu irmão. Oli havia dito que eles deveriam conversar a sós, e Endi estava disposta a concordar. Talvez isso pudesse ser resolvido conversando com ele. Endi queria acreditar nisso. Afinal, Oli era da família.

Finalmente, a porta na extremidade do grande salão se abriu, deixando Oli entrar. apesar de sua mensagem, seu irmão não estava sozinho. Um par de guardas, velhos veteranos que estiveram a serviço de seu pai, estavam de cada lado dele. Meia dúzia de jovens dos clãs de Ishjemme estavam com eles, provavelmente os mais antigos disponíveis, quando tantos outros estavam em Ashton.

Vários usavam os trajes completos de suas famílias, com cores de clã, torcs e símbolos que os faziam parecer, para Endi, como crianças brincando de se fantasiar com as coisas de seus pais.

"Tanta coisa para me encontrar a sós," Endi disse, enquanto Oli se aproximava. Seu irmão realmente usava uma espada hoje. "Você sabe mesmo como usar essa coisa, irmão?"

"Achei que isso mostraria a você que estou falando sério", disse Oli. Ele gesticulou para os jovens ao seu redor. "Achei que isso mostraria a você que as velhas famílias aqui apoiam o que tenho a dizer, assim como muitos guardas. Há mais de fora que nos deixam entrar."

"E o **que** você tem a dizer, Oli?" Endi perguntou, levantando-se. "Você está vai me dar uma explicação de por que Rika não está em seus quartos?"

Oli olhou para ele com uma surpreendente quantidade de espinha dorsal, dada a rapidez com que ele geralmente cedeu.

"Eu... mandei alguém para tirar Rika de lá", disse ele. "Ela está segura com as pessoas que estão dispostas a ficar contra você. Mas não quero uma guerra com você, Endi. Você é meu irmão."

"E seu duque, Oli," Endi apontou. "Não vamos esquecer essa parte."

Oli balançou a cabeça. Endi desejou poder dizer que era uma surpresa.

"Você não é o duque," Oli disse. "Você tomou o lugar de nosso pai à força e está mantendo-o assassinando pessoas. Essa não é a maneira que um duque de

Ishjemme se comporta. Você acha que papai teria feito alguma coisa do que você fez?

"Nosso pai não precisava", Endi retrucou, "porque ele **me** pediu para fazer isso por ele. Ele ficou sentado lá, todo alto e poderoso em sua homenagem, porque sempre que alguma ameaça surgia nas sombras, **eu** estava lá para lidar com isso. Eu era quem lidava com os espiões. Eu era o único—"

"Pagando os assassinos", disse Oli. "**Diga** . Ou você é muito covarde para admitir isso? Você pagou ao assassino que tentou matar nosso primo. Você estava em contato com Milady d'Angelica desde o início, e foi **ela** quem mandou matar nosso pai.

"Eu não sabia que esse era o plano dela", disse Endi.

"Você espera que eu acredite nisso?" Oli exigiu, e agora sua voz encheu o grande salão. "Você estava pronto para voltar assim que ele morreu. Mesmo que você não tenha planejado, você deve ter sabido. No mínimo, você aproveitou a morte dele para roubar Ishjemme!"

"Ishjemme era meu para tomar!" Endi rugiu de volta. "Eu era o mais forte dos herdeiros. Você achou **que** deveria ser duque?"

"Nunca foi assim que nossas leis funcionaram", insistiu Oli. "O rei ou rainha decide."

"Então você quer dar Ishjemme ao domínio dos **forasteiros?**" Endi exigiu. Ele estava mais zangado com seu irmão do que ele pensava. Ele acreditava que Oli tinha entendido, mas claramente não. E agora isso; agora seu irmão tinha trazido traidores em seu salão.

"Quero que Ishjemme siga **as leis**", disse Oli. "Tem leis e tradições, e pessoas. Você pisou nos três, Endi. Você não pode ver isso? Você assassinou pessoas para garantir seu governo. Você matou mais quando eles não desistiram de suas terras por essa sua ideia de canal. O que você está tentando alcançar?"

"Progresso", disse Endi, acidamente. "Eu sei que é um conceito estranho para você, Oli, mas às vezes o mundo segue em frente com as histórias do passado. Estou tentando tornar Ishjemme seguro, protegido e poderoso. Sim, aqueles que se opõem demais a isso estão se machucando, mas isso melhorará a vida de todos os outros! Vai melhorar as coisas."

Oli balançou a cabeça. "Para hoje."

Endi bufou com isso. "O que você está planejando fazer, Oli? Corte-me em meu próprio salão? Tanto para fazer as coisas de acordo com as leis. Ou você está

vai me desafiar para duelar como faziam nas sagas? Foi isso que você veio fazer aqui?"

"Não", disse Oli. "Vim aqui para **falar** com você. Eu vim aqui para persuadi-lo que o que você está fazendo é errado, e que você deveria renunciar para o bem de toda Ishjemme."

Endi recostou-se em seu assento incisivamente. "Isso não vai acontecer."

"Então nós vamos levá-lo sob custódia", disse Oli, gesticulando para os homens e meninos ao seu redor. "Rika governará até que nossos irmãos e irmãs voltem, e você responderá a todos nós pelas coisas que fez."

"Rika?" Endi disse, e então riu. "Você quer que **ela** governe?"

"As pessoas a amam, Endi", disse Oli. "Mesmo enquanto falamos, eles estão subindo para apoiá-la. Se você tentar se agarrar ao poder, estará lutando contra todos os homens e mulheres de Ishjemme. Agora, você virá em silêncio, ou teremos que levá-lo à força?"

"Planejando usar essa espada afinal, Oli?" disse Endi. "São duas boas piadas em tantas respirações. Aqui está a minha resposta."

Ele deu um assobio penetrante, e homens trovejaram no corredor. Bons homens. Homens **pagos**. Eles se espalharam em torno do pequeno grupo de conspiradores. Endi apontou para os dois guardas e assentiu. Tiros de mosquete soaram e os dois homens caíram, seus corpos dilacerados pelo tiro de chumbo. Oli e os outros ficaram ali parecendo atordoados. Isso facilitou para os homens de Endi entrar e desarmá-los.

"Meninos brincando de ser homens", disse Endi com desprezo. Ele deu um passo à frente e deu um soco forte em seu irmão, sentindo os nós dos dedos machucarem com o impacto. "Como você ousa tentar pegar o que é meu? Como você **ousa**?"

"Endi—"

Endi bateu em seu irmão novamente. "Não, cale a boca! Você perdeu sua chance de falar quando você me traiu. Você não tem nada a dizer sobre o que acontece agora. Eu decido." Ele olhou em volta para os jovens. Seu primeiro instinto foi retirá-los e enforcá-los onde todos pudessem vê-los. Mas ele não era governado por seus instintos.

"Peguem-nos todos e coloquem-nos nas celas", disse aos seus homens. "Eles vão servir como reféns do comportamento de suas famílias quando voltam da guerra. Oli também. Eu não vou sofrer traidores."

Ele arrastou seu irmão para seus pés.

"Você realmente achou que eu não tinha ideia do que estava acontecendo?"

Endi exigiu. "Você achou que eu não sabia sobre sua pequena traição? Todo

guarda que ficou do seu lado vai morrer. Cada pessoa que está com Rika vai sofrer por isso, porque é a única maneira de aprender.”

"Há mais pessoas com nossa irmã do que você pensa", disse Oli. "Concha estar vindo atrás de você, e acho que você a achará mais feroz do que se lembra. Prendê-la vai fazer isso."

"Vou lidar com a pequena Rika em breve," Endi prometeu. Por enquanto, ele acenou para seus guardas. "Leve-o e tire-o da minha vista, antes que eu faça o que **devo** fazer com os traidores."

Rika estava no meio da praça principal de Ishjemme, sentindo-se ao mesmo tempo encantada e surpresa enquanto uma multidão de pessoas crescia ao seu redor. Ela **esperava** que as pessoas fossem se juntar a ela, é claro, porque ela teria se sentido muito tola se levantando contra Endi sozinha, mas ela não esperava **tantos** .

Parecia que pelo menos metade do povo do ducado estava lá, de lojistas a agricultores, tecelões a pescadores. Não havia muitos soldados, mas todos os soldados estavam lutando em Ashton e, de qualquer forma, isso deu à insurreição uma sensação surpreendentemente pacífica. Mulheres caminhavam com crianças pequenas nos quadris, homens cantavam canções enquanto se reuniam. Alguém havia erguido um pequeno palco, e Rika estava nele, olhando para as massas.

Rika desejou que pudesse ser tão simples como apenas se reunir aqui. Ela desejou que eles pudessem ficar aqui e depois ir para casa, sem ter que correr o risco de brigar.

Eles tinham que avançar no castelo, no entanto, ou Endi não acreditaria nisso. eles estavam falando sério, e eles tinham que pegar armas, porque Rika tinha visto como alguns dos guardas com ele eram implacáveis.

"Meus amigos", disse Rika, levantando-se na frente deles. Ela parou. "Todo mundo diz coisas assim, não é? Eles gostam de soar sinceros, suponho. Desculpe, não sou muito bom em falar com muitas pessoas. Eu provavelmente poderia cantar uma música para você."

Isso gerou risadas de algumas das pessoas mais próximas a ela.

"A verdade é que não conheço tantos de vocês quanto deveria. O melhor que posso fazer é **esperar** que seríamos amigos se nos encontrássemos. O fato de você estar aqui é um bom sinal. Isso mostra que você se importa com Ishjemme e com as coisas terríveis que meu irmão está fazendo. Temos que parar com essas coisas."

Ela fez uma pausa para entender. Rika se preparou para a próxima parte.

"Não será fácil. Disseram-me que Oli está tentando confrontar Endi agora, mas ele pode não ouvir, e ainda há muitos de seus homens por perto. Nossa melhor esperança é marchar para o castelo e mostrar a todos quantos de nós queremos que as coisas mudem. Você vem comigo?"

A alegria que saudou Rika a surpreendeu um pouco, e ela não conseguiu falar por um momento ou dois. Outra voz soou naquela lacuna.

"Então vocês são traidores que merecem a morte!"

Rika reconheceu a voz de seu irmão mesmo quando Endi entrou na beira da praça. Dezenas de soldados apareceram das portas, de trás das árvores que salpicavam cada espaço em Ishjemme, de cada canto que Rika podia ver. Um grupo deles arrastou um canhão de debaixo de uma lona entre alguns barcos de pesca, enquanto alguns a cavalo apareceram, parecendo prontos para derrubar qualquer um que entrasse em seu caminho.

Em um instante, Rika sentiu o clima das coisas mudar, o medo e a incerteza da multidão misturados com uma súbita prontidão para a violência. Aqueles que vieram simplesmente para marchar e estar ali se amontoaram mais perto do centro da multidão, enquanto aqueles homens que trouxeram martelos ou machados curtos, cinzéis ou facas de talhar se aproximavam das bordas. Contra os mosquetes e espadas dos guardas, parecia muito pouco.

"Espere..." Rika começou, mas não havia tempo.

"Fogo!" Endi ordenou, e o mundo antes de Rika se transformou em algo infernal.

As pessoas gritaram quando o canhão e os mosquetes explodiram, caindo também grande número para contar. Homens atacaram os soldados, e os soldados atacaram de volta, lâminas colidindo contra implementos agrícolas, cortando carne, espalhando sangue no ar. Os cavalos que estavam à margem atacaram, seu volume pisoteando as pessoas mais próximas a eles.

No caos de tudo isso, as pessoas começaram a entrar em pânico, empurrando e empurrando para sair. Rika viu um homem tropeçar no meio da multidão, pisoteado até a morte por todos ao seu redor. Ela viu um garotinho sendo empurrado para longe de sua mãe e o ouviu gritando por ela.

Sem pensar, Rika empurrou a multidão, correndo para a criança. Mãos a empurraram, membros a atingiram, machucando-se ao se conectarem. Ela se sentiu tropeçar, mas conseguiu se manter de pé. Em uma imprensa como essa, não importava quem ela fosse: a filha de um duque poderia ser pisoteada com tanta certeza quanto qualquer outra pessoa. Rika viu o garotinho à frente, parado em um breve

espaço, chorando e confuso. Ela forçou seu caminho até ele e o agarrou, segurando-o contra ela enquanto forçava seu caminho até a beira da multidão. Ela viu sua mãe lá e empurrou o menino em seus braços.

"Pegue-o e corra", disse ela.

"Obrigada", respondeu a mulher, pegando o filho e fugindo.

Rika não queria isso. A carnificina foi demais, grande demais. Endi era lá em cima no palco, sorrindo para o caos como se estivesse **gostando**, e isso só piorava. A dor de tudo isso cresceu dentro de Rika: saber que seu irmão fez tudo isso, quase a matou com seu assassino, se transformou em uma espécie de monstro...

Ela gritou sua frustração, gritando até sua voz ficar rouca, gritando com todo o poder de uma voz treinada para cantar. Gritando, Rika suspeitou, com um traço da magia que normalmente só a tocava em visões, e que ela nunca poderia acessar enquanto estava acordada. Ela reverberou pela praça com toda a dor que ela sentia, toda a angústia, toda a injustiça.

Quando ela parou, descobriu que a praça estava mais silenciosa do que deveria foi. As pessoas estavam olhando para ela, e Rika teve que resistir à vontade de corar com a atenção. Até mesmo seu irmão estava olhando para ela, olhando para baixo do palco com uma expressão que Rika não conseguia entender.

Enquanto ela observava, Endi começou a bater palmas.

"Muito bem, Rika. Ter que ser o centro das atenções como sempre. Muito dramático."

Rika marchou até o palco. "Pare com isso, Endi. **Pare com isso**. Essas pessoas não são as que você quer. Que tipo de duque machuca seu próprio povo?"

"O tipo que foi traído por eles", respondeu Endi. "O tipo que tenta fazer o melhor por eles, apenas para ser jogado de volta na **cara!**"

"Bem, você sabe muito sobre rostos", disse Rika, tocando a linha branca da cicatriz que ainda descia pela dela. "Você me deu isso, afinal."

"Eu não," Endi disparou de volta. "Eu **salvei** você!"

"Do **seu** assassino!" Rika respondeu. Ela gesticulou para a multidão. "Você é ferir pessoas inocentes".

Endi balançou a cabeça. "Eles não são inocentes. Nenhum de vocês é inocente."

Rika o olhou nos olhos. — Então desconte isso em mim — disse ela. "Eu estou aquele que lidera isso. Eu sou aquele que eles estão se reunindo atrás. Não os castigue por isso."

Endi ficou em silêncio por vários segundos. "Por que eu deveria?"

Rika tinha uma resposta para essa parte, pelo menos. "Porque eu sou sua irmã. Porque em algum lugar aí, acho que há uma parte de você que não quer sair por aí fazendo isso com as pessoas. Porque você me deve por tudo o que fez, Endi.

Mais uma vez, Endi ficou em silêncio pelo que pareceu uma eternidade. Rika sentiu os momentos se estenderem, e a pior parte era que se ele decidisse apenas ordenar que seus homens atirassem novamente, não havia nada que ela pudesse fazer.

"Muito bem", disse Endi. "As pessoas aqui não serão prejudicadas. Você me pagará publicamente lealdade aqui como seu duque, e eu permitirei que você retorne à sua prisão até...

"Não", disse Rika.

Endi olhou para ela. "Não?"

"Não," Rika continuou. "Eu não vou me curvar a você. Você ganhou. Isto não significa que você está certo."

Ela viu as mãos de Endi se fecharem em punhos. "Rika, você **tem** que se curvar para mim. Você não entende? Há todas essas pessoas aqui dispostas a apoiá-la como duquesa. Eu não posso permitir isso. Ou eu mato todos eles..."

"O que você prometeu não fazer", disse Rika.

"Ou você me reconhece como seu duque..."

"O que eu **não vou** fazer", disse Rika.

"Ou..."

"Ou você me mata", disse Rika. "Eu sei. Eu não sou **estúpido**, Endi.

"Mas isso **é** estúpido", disse Endi. "Rika, curve-se para mim. Diga a todos que sou o duque por direito.

Rika pensou que podia ver o começo de lágrimas em seus olhos. Bom, isso significava que eles combinavam com os dela.

"Não", disse Rika.

"Rika—"

"Não, eu não vou fazer isso."

Endi ficou em silêncio. "Então Rika Skyddar, eu te proclamo uma traidora de Ishjemme, e te condeno à morte por isso."

Uma parte de Rika tinha pensado que seu irmão poderia não fazer isso, mas mais de ela sabia melhor. Ela sabia que isso tinha que acontecer, se fosse para salvar seu povo. Quando Endi desembainhou sua espada, aquela coisa de lâmina fina e afiada que ele preferia, ela até se ajoelhou, expondo a garganta para o golpe que viria.

Doeria? O corte que Bjornen Ihe dera havia doído mais do que qualquer coisa que ela conhecia, mas na verdade só depois que ela teve tempo para pensar sobre isso.

No instante em que ele bateu nela, ela ficou muito chocada para realmente sentir isso. Talvez isso seria assim. Talvez ela estivesse morta antes mesmo de perceber.

Endi recuou o braço.

“As leis de Ishjemme exigem um julgamento!” gritou uma voz da multidão. Uma voz conhecida. Uma voz que encheu Rika de esperança. “E em nome de minha irmã, exijo um julgamento por combate.”

Rika olhou ao redor para ver a figura se aproximando e sorriu. Ela se levantou e correu para ele, envolvendo seus braços ao redor dele.

“Jan! Você está aqui!”

“Desculpe o atraso, irmãzinha”, disse ele. “Embora pareça que você indo muito bem por conta própria.”

Jan se desvencilhou do abraço da irmã, desembainhando a espada e segurando-a com as duas mãos enquanto olhava para o irmão. A raiva o encheu ao pensar em tudo que Endi tinha feito, e no que ele estava prestes a fazer.

“Jan”, disse Endi, “vejo que você voltou correndo dos braços da falsa rainha para se juntar a essa pequena rebelião. Você é um traidor como nossa irmã?”

“O único traidor que vejo aqui é você”, disse Jan. “Você deixou a batalha por Ashton com o corpo de nosso pai, alegando que era para que você pudesse vê-lo enterrado corretamente. Em vez disso, você veio aqui para ocupar o lugar do duque? E aqueles navios que saíram da batalha, isso foi obra sua também?”

“Tudo o que fiz, fiz pelo bem de Ashton”, disse Endi.

“Incluindo matar pessoas?” Rika exigiu ao lado de Jan.

“Fique quieto, traidor!” Endi estalou.

“Você ainda não provou que nossa irmã **é** uma traidora,” Jan apontou.

“A lei dá a Rika o direito a um julgamento, e julgamentos por combate aparecem em todas as leis antigas.”

“Como quando Maeve Skyddar provou sua inocência lutando contra o marido, o duque, com uma frigideira,” Rika gritou. Jan olhou para ela.

“O que? Eles escreveram uma música sobre isso.”

“Músicas não são a mesma coisa que lei!” Endi atirou de volta.

Jan deu de ombros. “Então traga Oli. Todo mundo sabe que ele conhece todas as leis antigas. Claro, ele teria algumas coisas **muito** interessantes a dizer sobre as coisas que você tem feito, e quantas leis elas violam.”

"Eu sou o duque", disse Endi. "Eu decido a lei."

Jan balançou a cabeça. "Algumas leis nem mesmo um duque pode quebrar. Além disso, você não é o duque.

— Você também é um traidor? Endi exigiu.

"Não, *irmãozinho*. Eu sou um **desafiante**." Jan deu um passo à frente. "Eu desafio você a lutar, aqui e agora, pela segurança de nossa irmã e sua posição como duque."

"E por que eu deveria fazer isso em vez de ter meus homens levando você?" Endi exigiu.

Jan sorriu sombriamente. "Porque então ninguém jamais aceitaria que você fosse o verdadeiro governante. Ishjemme não tem covardes como governantes. Derrote-me, porém, e provavelmente até os homens que estão voltando de Ashton irão aceitá-lo. Você terá se tornado duque de uma maneira ainda mais antiga do que ser dado pela rainha. Você terá feito isso pelo sangue."

Endi ficou ali, e Jan teve a sensação de que ele estava tentando calcular as probabilidades, descobrir o que era melhor para ele. Jan subiu no palco com ele, esperando.

"Se eu ganhar," Endi disse, "Rika vai se curvar para mim como duque. Nada de me obrigar a executá-la para ser uma mártir das pessoas. Sem recusar. Se ela concordar com isso, então vale a pena."

Jan olhou para sua irmã em busca de confirmação, e foi então que Endi atacou. Sua espada atravessou a lateral de Jan, mas Jan já estava se contorcendo e o ferimento não era profundo. Endi atacou novamente, deixando-o cambaleando, depois forçando-o a rolar para fora do palco enquanto Endi o esfaqueava.

As pessoas cederam, formando um amplo círculo, dando-lhes espaço para lutar.

"Pobre Jan, sempre tão preocupado em ser o herói", disse Endi, seguindo ele. "Sempre tão preocupado em lutar de forma justa."

Ele chutou terra no rosto de Jan e Jan aparou cegamente, conseguindo desviar a espada de Endi antes que ela pudesse perfurar seu coração. Em vez disso, ela cortou o braço de Jan, e Jan teve que balançar a espada com uma mão, fazendo o possível para limpar a sujeira com a outra.

"Um homem forte faz o que é necessário", disse Endi, cortando e empurrando, em seguida, chutando baixo para pegar o pé de Jan. Jan tombou de novo, chegando bem a tempo de parar um golpe para baixo direcionado ao seu crânio. "Ele sabe que, se hesitar, as pessoas ao seu redor sofrerão por isso."

"Você está ficando sem pessoas ao seu redor," Jan apontou, tentando recuperar o fôlego. Ele circulou Endi, e quando seu irmão acenou para

alguém atrás dele, Jan girou para bloquear o golpe, apenas para descobrir que não havia ninguém lá. A dor atingiu a parte de trás de sua perna quando Endi o atingiu ali.

“Que tolo”, disse Endi, enquanto Jan tentava pular para longe. “Mas então, você sempre estava crescendo, também. Trabalhando tão duro para agradar o Pai, recebendo toda a atenção. Jan o justo, Jan o bom. Fui eu quem realmente **fez** as coisas.”

Endi partiu para o ataque e, com os ferimentos, Jan não conseguiu bloquear tudo. Mais feridas surgiram, em pequenos cortes e cortes que começaram a se somar a uma lavagem de sangue em seus braços.

“É melhor desistir, Jan”, disse Endi. “Eu vou te matar rápido, então Rika pode ter sua escolha novamente, e então... bem, eu posso ter a 'rainha' Sophia morta, só por segurança.”

A raiva borbulhou em Jan ao pensar que Rika estava machucada, apesar de tudo que Endi havia dito, mas mais do que isso, ao pensar em Sophia estar machucada. Endi não ia encostar um dedo na mulher que ele amava.

Da próxima vez que Endi deu um golpe, Jan ergueu a mão esquerda e deixou a lâmina penetrá-la. Ele gritou de dor, mas também de raiva, fechando a mão e pegando a lâmina por tempo suficiente para golpear Endi com o punho de sua própria arma. Jan atacou novamente, e Endi caiu, sua espada fina e cortante saindo da mão de Jan e caindo no chão.

Jan jogou sua própria espada de lado, ficando em cima de seu irmão e socando com a mão boa. Ele golpeou de novo e de novo, seu punho batendo como um martelo de ferreiro, sem se importar que ele saísse ensanguentado. Ele continuou até Endi ficar mole, e mais além, sua mão se erguendo para atacar novamente.

Mãos gentis pegaram seu braço, e Jan olhou em volta para ver Rika, seu aperto firme no pulso dele.

“Já chega, Jan”, disse ela. “Nós vencemos. Nós vencemos.”

Jan ficou de pé, cambaleante, pegando sua espada e olhando em volta para a mão de Endi. soldados. “Algum de vocês vai me enfrentar? Algum de vocês quer ameaçar minha família?”

Ninguém deu um passo à frente. Dada a quantidade de sangue nele, Jan foi pouco surpreso. Mesmo assim, os homens pareciam incertos, como se pudessem se lembrar a qualquer momento que eles eram os fortemente armados e que deveriam estar matando essas pessoas.

Para surpresa de Jan, Rika falou.

“Muitas coisas más aconteceram hoje”, disse ela à multidão, e os soldados. “Eu não sei você, mas eu só quero ir para casa. Endi travou um duelo pelo ducado e um julgamento por combate sobre quem era o traidor aqui. Ele perdeu os dois. Você o seguiu porque pensou que ele era o duque legítimo, mas agora você pode ver que ele não é. Qualquer coisa que você faça agora não é culpa dele; é seu. Então vá para casa. Olhe para suas famílias. Pense no tipo de pessoa que você quer ser para eles e o que eles pensariam sobre as coisas que você está fazendo. Vá **para casa.**”

Eles realmente começaram a se afastar. Eles fizeram isso em um e dois, o pessoas da multidão os observavam com desconfiança, como se estivessem se reagrupando por uma carga. Mais e mais deles começaram a sair e, finalmente, Rika olhou para Jan com um sorriso.

“Agora, nós vencemos.”

CAPÍTULO VINTE E OITO

Emeline conduziu Cora pelas ruas de Ashton, correndo com os outros, forçando-a a acompanhá-la enquanto segurava a princesa Violeta em seus braços.

"Você tem que continuar," Emeline disse a ela. "Temos que colocar o bebê em segurança."

Cora assentiu, mas Emeline podia sentir as ondas de dor vindo de sua amiga, e alcançando sua mente, Emeline podia ver o desejo de parar, apenas deitar na frente dos soldados que avançavam e esperar que eles a matassem.

Apenas a presença de Violet em seu ombro mantinha Cora correndo, e Emeline usaria qualquer coisa para manter sua amiga viva.

"Se você parar, Violet vai **morrer**, assim como Aidan", disse Emeline. "Temos que salvá-la."

Era uma coisa cruel de se dizer, mas naquele momento Emeline não se importava se sua amiga a odiava, desde que ela estivesse viva para isso. Sebastian estava correndo ao lado deles enquanto eles corriam pelas ruas e Emeline se viu esperando que ele não estendesse a mão para pegar sua filha, porque isso seria tão bom quanto sentenciar Cora à morte. Talvez ele sentisse isso, ou talvez ele precisasse manter o braço da espada livre para lutar, porque ele deixou Cora continuar carregando Violet.

Figuras correram de uma rua lateral, e Emeline se preparou para atordoá-los o melhor que pôde para que pudessem correr novamente, mas então ela viu Will entre eles.

"Alguns de nós conseguiram sair do palácio," ele disse a Sebastian.

— Mas perdemos muitos homens, e não há sinal de Lord Cranston agora que o muro caiu. Temos algum plano para sair da cidade?

"Os portões devem ser bastante fáceis de passar", Emeline forneceu.

"Com todos eles entrando por uma brecha, eles não estão mais cercando a cidade."

"A questão é para onde vamos depois disso", disse Will.

Emeline desejou ter uma resposta para ele. Como qualquer lugar poderia estar seguro contra um exército que poderia tomar Ashton tão rapidamente, apesar de todas as forças ali? O melhor que podiam fazer era correr e continuar correndo, esperando ficar à frente do inimigo. Se Stonehome estivesse aberto a eles, eles poderiam ter uma chance, mas Emeline poderia adivinhar a resposta de Asha a isso. Eles se veriam excluídos, perdidos na névoa sem fim, esperando para serem caçados.

Eles já estavam sendo caçados, é claro. Os soldados já estavam correndo atrás deles. O que quer que tenha acontecido quando o bebê tocou o Mestre dos Corvos os surpreendeu por alguns momentos, mas agora os homens estavam se aproximando deles. Já, um grupo dos mais rápidos estava se aproximando deles, correndo atrás deles com espadas desembainhadas, prontos para derrubá-los.

Um segundo grupo de homens, vestindo as cores de Ishjemme, de lado, cortando-os com eficiência rápida. Emeline reconheceu Hans da tomada de Ashton e ficou feliz por ele estar lá, porque sabia que ele era um bom soldado em uma crise. Isso definitivamente contava.

"Sebastian," Hans chamou. "Esses homens que temos estão tentando reformar, e estão esperando por seus pedidos. Devemos tentar chegar até eles?"

"Onde?" Sebastião perguntou.

Hans apontou para a cidade externa, e novamente eles estavam correndo. Emeline podia ver fogos ao redor deles agora e sentir o cheiro da fumaça dos prédios em chamas. Mesmo comparado ao dano de sua invasão, isso parecia uma destruição total. Quantas pessoas já foram mortas na carnificina? Quantos mais seriam, uma vez que o Novo Exército realmente começasse sua carnificina?

Eles correram para uma praça, procurando por seu povo.

"Deve haver apenas mais algumas ruas", disse Hans. "Eu os fiz reagrupar no antigo campo de treinamento."

Foi então que Emeline viu os corvos acima deles.

"Emboscada!" ela gritou, assim que os homens começaram a entrar na praça. Lá talvez fossem apenas cinquenta, o que não parecia nada comparado ao grande número que havia entrado na cidade, mas comparado ao seu pequeno grupo seria mais do que suficiente. No mínimo, seria o suficiente para retardá-los até que mais homens do Mestre dos Corvos pudessem aparecer.

"Forme um anel!" Hans ordenou seus homens, e eles se espalharam ao redor de Emeline, Cora, Violet e Sebastian. Will estava ao lado de Hans, parecendo pronto para vender sua vida o mais caro possível. Contra tantos inimigos, faria alguma diferença?

Então um sussurro soou na mente de Emeline, e Emeline reconheceu a voz de Asha. ***Parece que estamos criando o hábito de salvá-lo de sua estupidez.***

Eles vieram pelos telhados, chegando em uma onda caótica de violência coordenada pelo zumbido constante de mensagens que passavam de cabeça para mente. Alguns pularam, como Asha, cortando e cortando com velocidade mais do que humana.

Alguns ficaram no alto, como Vincente, que abateu a massa de oponentes com precisão letal. Emeline viu homens parados atordoados enquanto os guerreiros de Stonehome dominavam suas mentes, e até viu um casal se voltando contra seus amigos.

Em questão de momentos, o grupo de inimigos estava morto ou morrendo, mas Emeline sabia que haveria mais. Sempre parecia haver mais.

"Rei Sebastian," Asha disse, "o povo de Stonehome bem vinda. Tivemos uma visão da violência que estava por vir e...

Ela cambaleou em choque quando Cora lhe deu um tapa. Não deveria ter passado, porque Cora não era rápida o suficiente para isso. Emeline viu Asha se eriçar, e provavelmente apenas o fato de que Cora ainda estava segurando o filho de Sebastian a impediu de revidar.

"Você viu tudo o que ia acontecer e não **veio!**" disse Cora.

"Você acha que pode me atacar?" Asha exigiu. Emeline se moveu para ficar entre eles. Vicente também. "Viemos para salvá-lo!"

"E devemos ser gratos?" Cora exigiu. "Aidan está **morto** porque você não estava aqui!"

Emeline viu Asha congelar no lugar. "Aidan está morto?"

"Ele morreu lutando contra o Mestre dos Corvos", disse Emeline. "Consegui distraí-lo, mas não foi o suficiente sozinho."

Ela não transformou isso na acusação que Cora havia feito, mas estava perto o suficiente para que ela visse Asha estremecer.

Nós não sabíamos... Asha começou, e Emeline podia sentir uma dor genuína ali.

Você viu o suficiente, Emeline mandou de volta.

"Não há tempo", disse Vincente. "Mais do inimigo virá."

Rei Sebastian, desejo oferecer a você e seus amigos santuário em Stonehome. Depois de tudo o que aconteceu, é o mínimo que podemos fazer."

Emeline fez um som de desaprovação. **Você está certo sobre isso, Vincente. O que quer dizer, Emeline?**

"É o **mínimo** que você pode fazer", disse ela em voz alta. Ela gesticulou para a cidade. "Quantas pessoas ainda existem por aí que serão mortas quando o Mestre dos Corvos decidir que ele tem tempo para gastar com isso? Quantos vão morrer porque você não está preparado para ajudá-los?"

"Não podemos esperar salvar a todos", disse Vincente.

"Por que não?" Sebastian interveio. Ele gesticulou para os guerreiros que vieram. "Vimos o poder que vocês têm e ainda temos tropas, porque os muros caíram tão rápido que muitos sobreviveram. Se atrasarmos o inimigo, teremos a chance de evacuar o povo de Ashton."

"Com todo o respeito", disse Vincente, "não foi isso que viemos fazer aqui".

"Não," Emeline adivinhou. "Você veio aqui para salvar Sebastian, ou foi Violet?" Um pensamento horrível lhe ocorreu então. "Isso é o que era, não era? Você viu o quão poderosa ela poderia ser."

"Ela pertence à sua própria espécie", disse Asha.

Emeline viu Cora olhar para ela. "Tente tocá-la e eu vou te matar," Cora prometeu.

"E se ela não fizer isso, eu vou," Emeline acrescentou.

"Não há razão para lutar", disse Vincente, levantando as mãos. "Somos seus aliados."

"Então prove," Sebastian disse. "Eu sou o rei desta terra e **não** deixarei meu povo para trás para ser massacrado. Ajude-me a colocar o povo de Ashton em segurança em Stonehome, e eu irei com você, junto com Violet.

Emeline não captou a conversa silenciosa entre Asha e Vincente, mas ela sabia que haveria uma.

Pense assim, ela mandou na direção do casal, **cada pessoa que morre é outra que aqueles malditos corvos podem comer. É mais poder para o inimigo.**

Eles não responderam. Ela nem tinha certeza se eles a ouviram.

"Muito bem", disse Vincente finalmente. "Nosso povo ajudará na evacuação, ao lado de seus soldados. Tiraremos o máximo de pessoas que pudermos e tentaremos esconder os refugiados até chegarmos a Stonehome. Só espero que este plano não nos custe **a** vida toda."

"Obrigado", disse Sebastian.

Sim, Vincente, obrigado, Emeline mandou.

"Não me agradeça ainda", disse Vincente, e Emeline não sabia dizer qual dos dois. para eles ele estava dizendo isso. "Ainda temos que sobreviver a isso e, com o que está vindo para nós, não será nada fácil."

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Sophia seguiu em frente, seguindo a linha prateada das pegadas areia cada vez mais profunda. Eles estavam longe de qualquer lugar que seus guias pudessem levá-los agora, mas ainda assim Sophia tinha certeza de que era o caminho certo a seguir.

Então ela viu a porta dourada e teve certeza.

Sentou-se, incongruente e sozinho, no meio do deserto arenoso, brilhando com a luz do sol refletida tão brilhantemente que quase doía olhar para ela.

"Nós fizemos isso", disse Kate, sem fôlego. "Nós encontramos."

"Mas onde fica o resto da cidade?" perguntou Lucas.

Sophia teve que admitir que ele tinha razão. A ideia de encontrar a porta dourada não era apenas por si mesma. Era para encontrar a Cidade Esquecida e seus pais dentro dela. Se não havia cidade, então nada do resto fazia sentido.

"Eu não sei," Sophia disse, "mas deve haver uma razão pela qual minha visão nos trouxe aqui. Devemos investigar, pelo menos."

Ela liderou o caminho até lá, Sienne seguindo seus calcanhares. Mais perto, Sophia podia ver que a porta estava esculpida com símbolos, três grandes círculos colocados sobre ela, junto com palavras que pareciam mudar mesmo quando Sophia olhava para elas, para que ela pudesse lê-las com facilidade.

"Três se levantarão, e dois passarão, mas um cairá," Sophia leu em voz alta. "Seu coração é a chave."

"Parece meio sinistro", disse Kate.

Sienne não parecia impressionada com nada disso. O gato da floresta aproximou-se da porta, farejando-a e sentando-se diante dela, como se esperasse que ela abrisse. Sophia desejou ter a confiança do gato da floresta, porque não conseguia ver nenhuma maneira de abrir a porta.

"Olhe," Lucas disse, curvando-se para limpar um pouco da areia ao redor de seus pés. "Acho que há algo debaixo da areia. Ajude-me a movê-lo."

Sophia e Kate fizeram o possível para afastar a areia e, embora houvesse bastante, rapidamente conseguiram abrir um espaço na frente da porta. Uma superfície lisa e preta estava por baixo, tão plana que poderia ser a superfície de um lago. Três círculos mais leves estavam na frente dele, parecendo muito com os colocados na porta.

"É pedra?" Kate perguntou.

Sofia balançou a cabeça. "Acho que é vidro."

"A areia pode se tornar vidro", disse Lucas, "com calor suficiente".

"E o que daria os grandes círculos?" Kate perguntou.

Lucas balançou a cabeça. "Nada que eu saiba."

"Magia", disse Sophia, olhando para eles, depois para a porta. As pegadas prateadas de sua visão levavam até ela. "Não sei como pode ser, mas tenho certeza de que a Cidade Esquecida está atrás daquela porta."

"Achei que os guias conheciam o caminho para a cidade", disse Kate. "Que foi algum lugar velho cheio de tesouros."

"Talvez eles estejam enganados sobre onde fica a cidade real", disse Lucas.

"Concordo com Sophia: acho que precisamos passar por essa porta. Para fazer isso, acho que precisamos estar nesses círculos."

Sofia assentiu. Tudo naquele lugar parecia sugerir isso. Qual era a alternativa? Voltando e abrindo caminho pelo deserto mais uma vez?

"Acho que temos que fazer isso", disse ela. Ela foi ficar em um dos círculos.

Lucas assentiu, e então pisou em outro. Ambos olharam para Kate.

"Se é isso que temos que fazer para ver nossos pais", disse ela, e pisou no terceiro.

Uma parede cintilante de luz surgiu ao redor de Sophia, brilhando em todas as cores do arco-íris. Ela não podia ver além disso, e quando ela estendeu a mão com seu presente, ela não podia nem sentir a presença de seus irmãos, muito menos contatá-los.

Ela não estava sozinha, porém, porque uma voz falou, em palavras que pareciam tão rachado e empoeirado que eles poderiam ter visto mil anos.

"Bem-vinda, Sophia da Casa de Danse. Três viajantes vieram, mas apenas dois passarão. Cabe a você decidir quais dois passarão pelo portão e qual será o sacrifício para alimentar seu poder."

"Sacrifício?" Kate disse quando as palavras vieram a ela. Ela pressionou as paredes com as mãos, mas eram tão sólidas quanto o aço poderia ter sido. "O que você **quer dizer** com 'sacrifício'?"

"Tudo tem um preço", disse a voz desencarnada. "Passar pelo portão exige poder, e esse poder deve vir de uma vida. Você sabe disso."

Eu vi sua mente. Você estudou isso.”

Kate tinha, em uma cabana na montanha sob um homem que havia preservado sua vida muito além de qualquer coisa normal, e que poderia tirar a vida de uma flor para curar uma ferida. O princípio disso parecia muito real. A ideia de que ela escolheria sacrificar seu irmão ou irmã para passar por uma porta...

“Você é louco se eu vou escolher matar Sophia ou Lucas,” ela disse.

Ela bateu na parede de luz. “Deixe-nos sair daqui. Não **passaremos** pela sua porta estúpida se for isso que custa.

“Uma vez iniciado o processo, o preço deve ser pago”, disse a voz.

Uma voz desencarnada que queria que ela matasse e falava em termos de preços. “Eu não suponho que você seja parente de alguém chamado Siobhan, não é?” Kate perguntou, então balançou a cabeça. Não era hora para piadas. “Deixa pra lá.”

“Por que é tão difícil para você escolher?” a voz perguntou. “Você tem em você para matar sem remorso. Você assassinou pessoas a sangue frio e quente. Será que mais uma mancha em sua alma custará tanto?”

“Eles são meu **irmão** e minha **irmã!**” Kate retrucou.

“Um irmão que você mal conhece,” a voz apontou, seu tom nunca vacilando.

“Uma irmã que o abandonou na primeira oportunidade para ir brincar de nobre. Eles olham para você com pena agora, porque você não tem poder real como eles. Eles sacrificariam você em um piscar de olhos. O que é um deles, comparado a ver seus pais novamente?”

Automaticamente, a mão de Kate foi para seu medalhão. Por quanto tempo ela podia lembrar-se, ver sua mãe tinha sido seu único sonho.

“Não precisa machucá-los,” a voz disse, seu tom tão razoável, tão sedutor. “Pode ser Lucas. Poderia voltar a ser apenas você e Sophia.

Você poderia ser o único a protegê-la. A menos que você **queira** que seja ela?

Kate podia sentir as lágrimas caindo de seus olhos agora. Ela não queria isso. Ela nunca **pediu** por isso.

“Você perguntou quando entrou no círculo”, disse a voz. “Escolha, Kate. Escolha, ou a porta levará os dois, e você também. Não é melhor que apenas um morra?”

Kate engoliu. Era. Era melhor que apenas um deles morresse, em vez de todos os três. E isso significaria que os dois sobreviventes conheceriam seus pais. Não valeria a pena? Não daria algum **significado** a essa morte?

“Escolha, Kate”, disse a voz.

Chorando enquanto ela fazia isso. Kate escolheu.

A porta falou com Lucas com a voz do Oficial Ko, lembrando o passado que fez seu coração doer com isso.

"O Caminho da Virtude nos diz que quando uma escolha não pode ser evitada, o sábio faz a melhor escolha possível", disse a voz.

"Você não é Ko oficial", disse Lucas.

"Não, não sou", admitiu a voz, "mas ele era sábio em todas as coisas, e este é um conselho de suas memórias."

"E você deseja que eu escolha uma de minhas irmãs para morrer?" disse Lucas. Ele cruzou os braços. "Eu não vou."

"Elas são realmente irmãs para você?" a voz perguntou. "Eles compartilham seu sangue, mas quanto mais? Eles foram criados como plebeus. Menos do que plebeus; pouco mais que escravos."

"E isso faz com que a vida deles valha menos para você?" Lucas rebateu.

"Isso significa que eles não têm o seu potencial", disse a voz. "Você tem todo o treinamento de sua juventude, junto com talentos para ver e lutar. Sophia tem um desses talentos, enquanto Kate... pobre e inútil Kate."

"Ela não é inútil," Lucas retrucou. Ele atingiu a parede de luz, mas nada aconteceu.

"O sábio não luta inutilmente contra o que não pode ser derrotado", disse a voz.

Lucas balançou a cabeça. "Pare de fazer isso."

"O que suas irmãs fizeram por você?" a voz continuou. "Eles têm arrastou você para uma guerra que não era de sua autoria. Eles atrasaram sua busca por seus pais, primeiro até que Kate pudesse tirar uma bruxa de sua cabeça, e depois para que Sophia pudesse ter um filho. Tudo o que você sempre quis foi encontrar sua mãe e seu pai, mas eles o impediram."

"Eu não vou fazer isso", Lucas rugiu para a parede, todos os pensamentos de decoro ou autocontrole esquecidos.

"Se você não fizer isso, eles vão morrer de qualquer maneira", disse a voz. "Vocês todos vão morrer de sede e calor neste lugar, incapaz de sair até que você seja ossos. Já aconteceu antes. Ou talvez um deles vai escolher você? Você confia tanto neles, Lucas?"

"Eu confio neles," Lucas insistiu.

“Por que, quando você os conhece tão pouco?” a voz disse. “Você sabia que Sophia mentiu sobre quem ela era por semanas na corte? Que Kate matou por ordem de outro. Escolha, Lucas. Escolha ou morra...”

Lucas se ajoelhou, tentando pensar em uma saída para esse problema, em uma maneira de melhorar as coisas. Não havia nada, porém, apenas a perseguição incessante da voz para escolher, escolher, **escolher...**

No final, Lucas fez a única coisa que podia, e escolheu.

CAPÍTULO TRINTA

Sebastian estava nas bordas da cidade, supervisionando a fuga, sua mão abrindo e fechando no punho da espada. Ao redor dele, os soldados de Hans, o que restava das várias companhias livres, e os guerreiros de Stonehome ajudaram a mover as pessoas enquanto fugiam de suas casas.

“Há muitos,” Asha disse, “e eles estão se movendo muito devagar. Se ficarmos com eles, nunca chegaremos a Stonehome antes que o inimigo nos alcance.”

“Então eu sugiro que você me ajude a desacelerá-los,” Sebastian disse. Ele podia entender a preocupação da mulher por seu próprio povo, mas quando se transformou em não se preocupar com mais ninguém, ela perdeu muito da simpatia dele.

“Ou você pode montar um cavalo rápido com seu filho e estar em Stonehome bem antes que eles cheguem perto de nós,” Asha sugeriu.

“Violet vai ficar bem”, disse Sebastian. Ignorando-a, ele foi até onde Cora e Emeline estavam com os pais de Will. Cora tinha Violet em seu quadril, alimentando seu leite usando um pedaço de pano.

“Obrigado por cuidar dela, Cora,” Sebastian disse, pegando sua mão.

Cora olhou para ele. Sebastian podia ver a dor em seus olhos e desejou poder fazer algo para fazê-la se sentir melhor para ela, mas não havia nada, assim como não haveria nada para todas as outras pessoas que perderam aqueles que amavam graças ao Mestre dos Corvos. ' forças.

“Eu sei que não há ninguém em quem Sophia confiaria para cuidar dela tanto quanto você”, continuou ele. “Você pode fazer isso por mim?”

Cora assentiu. “Ela estará segura.”

“Nós vamos levá-la para Stonehome,” Emeline prometeu, e Sebastian acreditou nela. — Tem certeza de que não virá conosco?

“Eu seguirei assim que puder,” Sebastian prometeu. “Eu não poderia viver com eu mesmo se eu simplesmente abandonasse as pessoas que eu deveria governar.”

“Fique seguro”, disse Emeline.

Sebastian assentiu, mas não prometeu nada. Havia algumas promessas que ele não podia fazer. Especialmente porque a maior parte do Novo Exército parecia estar se aproximando.

Hans marchou para cima. “Meus homens estão fazendo o possível para conter o inimigo, Vossa Majestade, mas estamos sendo empurrados para trás passo a passo. Se as pessoas estão

indo, eles precisam sair **agora.**”

"Eu entendo", disse Sebastian. Ele se virou para as pessoas que fugiam da cidade. "Siga as pessoas de Stonehome. Eles vão levá-lo para a segurança. Ajude também aqueles que não podem se mover e não pare!"

Ele olhou para os soldados que estavam ajudando as pessoas a sair da cidade. "Vocês homens, comigo. Precisamos comprá-los a cada momento que pudermos para escapar."

Hans e Will caminharam ao lado dele, soldados se reunindo ao redor deles enquanto marchavam para a frente para manter uma linha entre as ruas da cidade.

"Você tem certeza disso?" Will perguntou Sebastião. "Ninguém culparia você se saísse com os outros."

"Eu me culparia," Sebastian disse. "E Sophia entenderia. Nós apenas precisamos segurar o tempo suficiente para levá-los à frente."

"Nós vamos", disse Hans. "Meus homens vão ficar de pé."

Will assentiu. "Já coloquei todos os canhões que nos restam nesta rota. As forças que seguram o inimigo mais longe vão se retirar aqui, e então... bem, acho que aguentaremos o máximo que pudermos.

Sebastião assentiu. "Faça isso, dê o sinal para eles recuarem."

Will pegou uma trombeta e soprou uma pequena explosão de notas. Mais trombetas responderam de dentro da cidade, e então restaram apenas os momentos para esperar enquanto as forças inimigas se aproximavam.

Seu povo veio primeiro, a maioria correndo a todo vapor enquanto se esforçavam para se manter à frente do inimigo que os seguia. Alguns dos homens de Hans saltaram uns sobre os outros, disparando mosquetes e arcos, depois recuando atrás do próximo grupo para recarregar. Os guerreiros de Stonehome disparavam para frente e para trás como barracudas atacando um cardume de peixes.

Eles chegaram ao nível da linha que Sebastian havia estabelecido, e ele abriu os braços.

"Segure!" ele gritou. "Forma!"

Alguns continuaram correndo, mas muitos mais fizeram o que Sebastian ordenou, virando-se e parando, embora a maioria deles já devesse ter visto mais mortes do que qualquer um deveria ter visto. Muitos deles olharam para ele como se estivessem se perguntando o que ele ainda estava fazendo ali, e Sebastian adivinhou que sua presença era parte do que os mantinha no lugar.

Então o inimigo apareceu e Sebastian teve que se lembrar de que eles precisavam fazer isso; que eles eram tudo o que estava entre as pessoas que fugiam da cidade e a morte certa.

“Espere,” Sebastian gritou para os outros. ***“Segure!”***

O inimigo continuou correndo, e Sebastian viu soldados do seu próprio lado que tinham sido lentos demais para fugir da luta sendo abatidos. Não havia nada que ele pudesse fazer exceto observar, porque qualquer brecha em sua linha agora deixaria o inimigo passar. O Novo Exército chegou cada vez mais perto, e Sebastian desembainhou sua espada, pronto para o que viria a seguir. Ele a ergueu.

“Preparar! Fogo!”

O último de seus canhões rugiu, enchendo as ruas com metralha, e a primeira onda do Novo Exército caiu.

“Fogo de mosquete, tiros escalonados!” Sebastião ordenou. Os soldados que estavam com ele começaram a atirar, a primeira fileira atirando e depois voltando para recarregar enquanto a fileira seguinte atirava. Mais do inimigo caiu, e mais, mas eles continuaram vindo.

Os primeiros chegaram às suas fileiras, e os guerreiros de Stonehome os derrubaram. Mais se aproximaram, e Sebastian pulou para a luta quando um soldado com uma baioneta veio até ele. Ele cortou o golpe de lado, então cortou, empurrando o homem para longe.

A luta diminuiu à medida que mais membros do Novo Exército se empilhavam atrás do primeiras fileiras, empurrando e empurrando, lutando para passar. O espaço confinado das ruas limitava o número que podia passar, e significava que a principal tarefa de Sebastian era continuar balançando sua espada, fazendo valer cada golpe. Cada espaço que ele cortava nas fileiras do inimigo trazia um novo inimigo, seu braço rapidamente ficando cansado com o esforço.

Ao redor dele, homens e mulheres lutavam com toda a ferocidade que podiam convocar, os guerreiros de Stonehome movendo-se com velocidade e graça enquanto derrubavam o inimigo, os soldados de Ishjemme e Ashton parecendo quase mecânicos em comparação. Não importava, desde que continuassem lutando e mantivessem a linha.

“Todo mundo para baixo!” Will gritou, e Sebastian se jogou no chão, a tempo dos canhões atrás deles rugirem novamente. Mais inimigos foram ceifados e, por alguns segundos, havia espaço livre na frente deles.

Sebastian arriscou um olhar para trás. Os refugiados estavam mais longe agora, movendo-se com o tipo de velocidade que só vinha do medo. Mesmo assim, eles tinham que continuar segurando. Eles tinham que comprá-los o tempo todo que podiam.

O inimigo continuou vindo. Sebastian viu as pessoas ao seu lado caindo agora, uma das pessoas de Stonehome cortada por meia dúzia de golpes de espada, um

Guerreiro Ishjemme investindo no meio do inimigo e deitando sobre ele com um machado até que as mãos o arrastaram para baixo.

"Temos que recuar", disse Asha, passando por Sebastian para cortar um par de inimigos tão facilmente quanto respirar. "Ficar mais tempo é morrer."

"E se fugirmos, eles vão nos cortar enquanto fazemos isso," Sebastian disse.

Asha assentiu e parecia estar em comunicação silenciosa com os outros de Stonehome. Os rostos ao redor de Sebastian se enrugaram em concentração e, naquele instante, o mundo ao redor deles pareceu congelar. Os soldados que avançavam sobre eles diminuíram a velocidade, ficando imóveis.

"Volte agora," Asha disse, começando a se afastar das linhas.

"Rápido, não seremos capazes de segurar isso por muito tempo."

Sebastian começou a se afastar, os outros recuando o mais rápido que podiam. Ele deu uma última olhada em Ashton, silenciosamente dizendo adeus à cidade em que cresceu. Ele ainda estava olhando para trás quando viu a figura alta movendo-se entre as fileiras estacionárias de seus homens, os soldados retornando à mobilidade quando ele passou por eles.

"Corra", disse Asha. "Não há mais nada que possamos fazer."

Ela fez bem em sua própria instrução, correndo para se juntar aos outros enquanto os guerreiros de Stonehome foram com ela.

"Não é tempo suficiente," Sebastian disse a Will e Hans. "Temos que esperar mais, ou eles vão pegar os retardatários antes que cheguem **perto de** Stonehome."

"Ficar agora é suicídio", disse Will.

"Eu sei," Sebastian respondeu, "mas eu tenho que saber. Não posso deixar meu povo ser morto."

Will assentiu. "Compreendo. Você pode fazer algo por mim, Sebastian?"

"Qualquer coisa," Sebastian o assegurou. Se eles iam morrer ao lado uns aos outros, não era hora de se conter.

"Diga a Kate que eu a amo."

Sebastian franziu a testa em confusão, e então Will o acertou com força. Forte o suficiente para que as pernas de Sebastian saíssem debaixo dele e o mundo nadou. Ele tentou se levantar, tentou enfrentar a luta e salvar seu povo, mas não conseguiu.

"Vocês homens, tirem seu rei daqui e protejam o comboio!" ele ouviu Will ordenou, e então mãos fortes o arrastaram de volta, enquanto pelo menos metade dos homens de Ashton continuavam segurando.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Will ficou com o último dos canhões observando o avanço do Mestre dos Corvos e seus homens. Um olhar para trás lhe disse que os soldados que arrastavam Sebastian já estavam bem longe da luta. Isso foi bom. Pelo menos um deles teria a chance de sobreviver.

"Você sabe que você poderia ir com ele?" disse Hans. "Nós dois não temos que morrer."

"Quem disse alguma coisa sobre morrer?" Will rebateu. "Vamos segurar o máximo que pudermos e depois recuar quando houver espaço."

Hans balançou a cabeça. "Não há necessidade de fingir comigo, Will. Nós ambos sabemos como isso termina, mas não precisa ser nós dois."

Era tentador. Will não queria nada mais do que voltar para Kate em segurança, ver seu rosto novamente e que tudo ficasse em paz. Ele queria tanto que quase se virou e correu. O problema com isso era simples: se ele corresse, todos com ele também fugiriam, e então o Novo Exército os esmagaria.

O inimigo avançou, e agora Will estava lutando novamente. Ele mal bloqueou um golpe de espada, esfaqueando em retorno. Ele empurrou um inimigo para trás, então aparou um golpe direcionado à cabeça de Hans. Os homens do Novo Exército recuaram como ondas se afastando da costa, mas Will não tinha dúvidas de que voltariam em breve.

"Isso foi apenas uma incursão", disse Hans. "Eles esperavam que, com metade de nossos homens mortos, cairíamos sem resistência. O problema é que **cairemos** com o próximo empurrão sério. Especialmente se **ele** se juntar à carga."

Ele acenou para o Mestre dos Corvos.

"Então precisamos detê-lo", disse Will.

"Com todo o respeito, Will, eu não acho que nenhum de nós vai superar um homem assim."

Will assentiu. Talvez Kate pudesse ter feito isso, ou Lucas, mas ele nunca sido o melhor espadachim do regimento de Lord Cranston. Ele tinha sido um artilheiro e filho de um ferreiro. Nenhuma dessas coisas lhe deu a chance de derrotar as fileiras do Novo Exército.

Ou fez...

"Hans, preciso que você os mantenha à distância por alguns minutos." Will disse. "Eu tenho uma ideia."

"Fogo de mosquete!" Hans ordenou. "Volleys com tudo o que temos!"

As armas começaram a disparar ao redor de Will, atraindo o inimigo em rajadas de volta e enchendo o ar com fumaça. Isso provavelmente era um bônus, porque significava que havia uma chance de o Mestre dos Corvos não ver o que estava acontecendo até que fosse tarde demais.

"O que você está planejando?" Hans perguntou.

"Eu vou explodir o canhão," Will disse. Ele pegou um cinzel e um martelo, batendo com força na arma quente, forçando o tipo de rachaduras que seu pai teria aberto, imaginando como consertá-las. Will estremeceu com o pensamento de seu pai, mas se ele fizesse isso direito, talvez eles estivessem saindo de lá depois de tudo.

Talvez ele **visse** Kate novamente.

Os mosquetes mantiveram a maior parte do Novo Exército para trás, engajado no duelo de longo alcance, mas alguns avançaram. Um veio em direção a Will, e ele chutou o homem de volta para Hans cortar. Ele viu homens lutando de perto agora, empurrando e cortando, sem dar terreno.

"O que quer que você esteja fazendo, sugiro que faça rapidamente", disse Hans.

Will empurrou para completar seu trabalho, enchendo o canhão com muito pó preto e, em seguida, bloqueando-o com muito enchimento. Ele empurrou uma bala de canhão nele, mas apenas como mais uma fonte de estilhaços quando a coisa toda explodiu. Ele colocou um longo pavio no canhão e o acendeu com pederneira e aço.

"Puxar!" Will gritou. "Pressa!"

Os homens ao seu redor correram de volta pelas ruas, procurando outro lugar para ficar mais para trás. Will correu com eles, esperando que estivessem longe o suficiente quando o canhão fosse disparado. Ele se escondeu atrás de uma parede, espiando para ver o quão perto o inimigo estava. Eles estavam investindo no espaço que ele deixou, e ele sentiu uma onda de satisfação, porque ele julgou certo: eles estariam na altura do canhão quando ele disparasse.

O Mestre dos Corvos estava à frente deles, e Will torceu para que ele fosse pego pela explosão; que isso iria acabar.

Então o fusível apagou.

"Não!" Will disse, batendo o punho contra a parede em frustração. Eles desistiram da posição mais defensável para isso. Ele arriscou tudo. Isso **não poderia** falhar.

Ele não deixaria.

Sem hesitar, ele correu para frente, ignorando as balas de mosquete que voavam ao seu redor. Ele correu para o canhão, de cabeça baixa, determinado a não parar

nada. Um homem entrou em seu caminho e Will o derrubou. Outro estava lá e Will se esquivou sem diminuir a velocidade. Se ele pudesse alcançar o fusível, ainda poderia acendê-lo novamente.

Então o Mestre dos Corvos estava lá, aqueles olhos negros mortos olhando para ele. Will não tinha as habilidades para lutar com ele, mas se ele pudesse passar...

O Mestre dos Corvos ergueu uma espada e o esfaqueou no peito.

"Corajoso", disse ele, "mas tolo".

A agonia floresceu no peito de Will quando o Mestre dos Corvos puxou sua espada. Suas pernas cederam, e de repente ficou difícil respirar. Sua espada tiniu de seus dedos, mas não era sua espada que Will estava interessado. Ele agarrou sua pederneira e aço com força, agarrando seu caminho para frente.

Mais dor o atravessou quando o Mestre dos Corvos o esfaqueou pelas costas.

"Você pode muito bem ficar quieto", disse ele, uniformemente. "Meu primeiro golpe perfurou seu pulmão esquerdo, enquanto, se posso julgar, meu segundo cortou um dos vasos sanguíneos que saem dele. Você estará morto em menos de um minuto."

Will rolou de costas, tentando formar palavras.

"Ah sim, o garoto que se casou com Kate Danse. Tenho certeza de que isso a deixará com o coração partido", disse o Mestre dos Corvos. "Diga-me, você tem alguma última palavra de amor para ela, alguma mensagem final? Tenho certeza que vai distraí-la perfeitamente quando eu for matá-la. Nenhuma coisa? Não? Bem, vou deixá-lo para a sua morte então. Tenho um filho para recuperar e muitos outros para matar antes do fim do dia."

Ele se afastou de Will, e Will se forçou a engatinhar novamente, indo em direção ao canhão, não deixando a dor detê-lo. Parecia que seu coração estava sendo partido em dois, e Will não sabia dizer se era o golpe da espada, ou o fato de que ele nunca veria Kate novamente.

Pensar nela era o que lhe dava forças para continuar. Kate não pararia só porque estava machucada. Ela não deixaria alguém como o Mestre dos Corvos vencer, custasse o que custasse. Ela faria o que precisasse para ter certeza de que aqueles que fugiam estavam seguros.

O que foi necessário foi um esforço que esticou todos os músculos que Will tinha. Seu corpo não queria fazer o que ele precisava agora. Cada centímetro à frente era uma batalha com músculos que não tinham força suficiente, um corpo que não conseguia respirar sem sangue borbulhando na garganta de Will.

Ele pensou no que isso faria com Kate. Ela queria ser tão feliz e tão vibrante, tão livre e tão generosa, mas Will sabia sobre a escuridão nela também, a raiva e a necessidade de uma briga. Ele tinha ouvido o que ela tinha feito na Casa dos Não Reivindicados, e ele se viu enviando uma oração silenciosa para qualquer deus que estivesse ouvindo: ***Por favor, não deixe que isso a destrua.***

Ele sentiu o metal do canhão sob suas mãos, escalando-o como um homem se afogando poderia sair da água. Will caiu para trás uma vez, reuniu suas forças e se levantou novamente. Ele subiu em direção ao buraco de disparo do canhão, equilibrando-se acima dele com sua pederneira e aço. Havia homens ao redor dele agora, as fileiras do Novo Exército se aproximando enquanto passavam, ignorando-o já que ele já estava quase morto.

“Mestre dos Corvos!” ele conseguiu, com todo o fôlego que lhe restava. Possivelmente ele não deveria ter feito isso, não deveria ter dado nenhum aviso ao homem, mas a verdade era que Will queria ver o olhar naqueles olhos quando ele fizesse isso...

O Mestre dos Corvos virou-se para ele, e Will viu o choque em seu rosto.

Eu te amo Kate, Will pensou, e arrancou faíscas da pederneira e do aço. A última coisa que Will viu foi o Mestre dos Corvos correndo para se proteger com velocidade mais do que humana, e então som, barulho e aço consumiram tudo.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Hans sentiu a explosão atingir as profundezas de seus ossos. A fumaça e o fogo dela explodindo no céu de uma forma que parecia encher as ruas à sua frente. Paredes desabaram sob a tensão, pó de rocha e escombros aumentando a confusão, de modo que, por vários segundos, foi impossível ver qualquer coisa.

“Muito bem, Will,” disse Hans, erguendo sua espada em saudação. Will tinha feito mais dano em menos de um minuto do que seus homens poderiam ter feito em vinte ou mais. No entanto, quando a fumaça começou a se dissipar, ele percebeu que Will havia feito ainda mais do que isso: ele bloqueou o caminho, para que o inimigo tivesse que encontrar uma nova rota ao sair da cidade.

Ele comprou para Hans e seus homens uma chance de se retirar.

“Puxar!” Hans ordenou. “Recuem em ordem e estejam prontos para ficar de pé enquanto eles o seguem. Pressa!”

Seus homens não precisavam ser informados duas vezes. Eles recuaram no tipo de corrida que podiam manter por horas. Hans pegou um mosquete e fez menção de segui-los, vendo a figura alta do Mestre dos Corvos emergindo dos destroços ao mesmo tempo.

“É demais esperar que ele esteja morto,” Hans murmurou, e correu para se juntar a seus homens.

Ele se apressou com eles, fazendo o melhor terreno que podiam da cidade. À distância, ele podia ver vários grupos diferentes de refugiados, cada um indo em uma direção diferente. Parecia que nem todos acreditavam na promessa de segurança de Sebastian em Stonehome. Vários pareciam ter carruagens nobres em seu coração.

“Idiotas”, disse Hans, mas não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar Eles agora. Tudo o que ele podia fazer era tentar alcançar o grupo principal, desacelerando o inimigo o máximo possível.

Ele e os outros correram e continuaram correndo, deixando Ashton para trás ao longo da estrada para o oeste. Eles chegaram a uma aldeia que parecia a casca de um ao invés de um lugar vivo, respirando, quaisquer habitantes há muito fugiram diante do que estava por vir.

“Eu quero armadilhas aqui”, disse Hans. “Se eles estão preocupados com armadilhas e estacas, eles não vão nos perseguir o mais rápido que poderiam.”

Seus homens já deviam estar exaustos, mas mesmo assim se apressaram em obedecer. a ordem. Tripwires impediria o Mestre dos Corvos de enviar

cavaleiros, pelo menos.

"Você quer um conjunto de emboscada?" um dos homens que vieram dos homens de Lord Cranston perguntou.

Hans balançou a cabeça. "Emboscadas podem funcionar contra o Novo Exército se você evitar ser visto pelos corvos, mas aqui?" Ele gesticulou para cima, para onde vários pássaros já os circulavam. Flechas brilharam para derrubar alguns deles, mas mais vieram, e mais, voando alto e fora de alcance. "Parece que somos o centro das atenções."

"Melhor nós do que a garotinha", disse o soldado que havia falado antes.

"É verdade", disse Hans. "E quanto mais firmemente pudermos fixar o Mestre da Olhos de corvo em nós, menos atenção ele tem para os outros. Hora de se mexer."

Ele liderou o caminho da aldeia, continuando pela estrada que levava para o oeste até chegarem a uma área arborizada. Olhando em volta, Hans não viu nenhum corvo nas árvores, nenhum ousando chegar perto o suficiente para observá-los.

"É aqui que começamos a montar emboscadas", disse ele.

"Emboscadas?" um de seus homens gritou. "Mais de um, senhor?"

Hans assentiu. "O primeiro grupo bate e corre, levando-os para o segundo grupo, que os conduz para armadilhas, ou terra batida, que é quando o terceiro grupo os atinge. Saltamos e seguimos em frente, desacelerando-os no espaço onde seus corvos precisam se aproximar para nos localizar. Forma-se! Pequenos grupos, e preparem-se!"

— E o que você vai fazer, senhor? um homem chamou.

Hans sorriu sombriamente. "Eu estarei fornecendo a primeira distração."

Seus homens se espalharam como ele havia ordenado. Eles tinham que saber o que um desesperado essa era a mudança, e quão pobres eram suas chances de sobreviver, mas cada momento que eles atrasavam o inimigo aqui era outro momento que Sebastian e os outros tinham que ficar em segurança. Hans viu um corvo nas árvores e atirou nele, produzindo uma chuva de penas.

Ele ordenou que seus homens se espalhassem e depois se sentou no meio da estrada. A habilidade do Mestre dos Corvos de ver através dos olhos das criaturas era uma grande vantagem, mas não sem limites. A atenção do homem ditaria o que ele via, então a chave era direcionar essa atenção exatamente para onde ela fosse menos útil.

"Diretamente para mim", disse Hans, enquanto esperava.

O inimigo avançou, e eles devem ter encontrado cavalos de algum lugar, porque o Mestre dos Corvos estava cavalcando na frente deles. Ele parecia menos com qualquer coisa normal dessa forma, seu sobretudo esvoaçando atrás

ele enquanto cavalgava, seus pássaros o seguindo em um bando que mais parecia uma nuvem de tempestade.

Hans ergueu a arma e atirou nele.

O tiro saiu ao lado, acertando um dos homens ao lado do general, mas pelo menos isso o fez atacar. Pelo menos significava que quando a emboscada os atingiu, a atenção do Mestre dos Corvos estava completamente em Hans.

Uma dúzia ou mais de homens caíram na primeira saraivada de tiros, e então os homens de Hans saíram de seus esconderijos, avançando contra o inimigo e arrastando mais da sela.

"Costas!" Hans gritou. "Retiro!"

Ele e os outros correram de volta do encontro, indo para a próxima emboscada. Eles passaram correndo por outro grupo de seus homens, se estabeleceram mais abaixo na trilha e começaram a carregar suas armas mesmo quando o inimigo avançava.

O novo grupo os atingiu tão forte quanto o primeiro, lâminas e tiros atingindo a carne.

"Costas!" Hans ordenou novamente, e a segunda emboscada correu, passando por ele e seu grupo, enquanto eles nivelavam seus mosquetes e disparavam uma segunda rajada. Então era hora de correr novamente, voltando para a próxima emboscada, e para a próxima.

"Já chega disso!" o Mestre dos Corvos rugiu, e as palavras pela floresta, coaxado por mil corvos, dez mil. Eles se aglomeraram nas árvores, olhando para Hans em números grandes demais para serem derrubados, e ele sabia que eles estariam olhando para cada um de seus homens.

também.

Então eles atacaram.

Eles mergulharam nele, cercando-o com asas batendo, bicos e garras rasgando. Eles estavam por toda parte, bicando suas mãos, seu rosto, seu corpo. Ao seu redor, Hans ouviu homens gritando de dor, e ele sabia que a mesma coisa devia estar acontecendo com eles, os corvos se banquetear com eles tanto quanto atacando, dando poder ao seu mestre enquanto derrotavam seus inimigos por ele.

Se Hans não fizesse nada, todos morreriam.

Ele balançou sua espada cegamente para os pássaros, sentindo-a se conectar com alguns deles, mas não fez diferença. Eles continuaram vindo, penas pretas parecendo preencher o mundo ao seu redor. Quanto poder estava custando ao Mestre dos Corvos para fazer isso? Quanta atenção?

Atenção; essa era a chave.

Afastando os pássaros de seu rosto, Hans vislumbrou o Mestre dos Corvos à frente, desmontado de seu cavalo e com os braços abertos enquanto trabalhava o que quer que fosse essa magia. Lutando contra a dor, segurando sua espada com força, Hans atacou.

"Para Ishjemme!" ele gritou enquanto corria para frente. Os pássaros caíram dele enquanto ele fazia isso, e ele só podia esperar que eles estivessem fazendo o mesmo com o resto de seus homens, dando-lhes um breve momento para recuar, reagrupar ou simplesmente correr.

Hans atacou o Mestre dos Corvos, e a lâmina de seu oponente estava lá para encontrá-lo, as duas armas se encontrando com um anel de aço contra aço.

"Outro obstáculo", disse o Mestre dos Corvos. "Pronto para morrer como seu irmão e irmã?"

Hans o cortou, depois cortou novamente. Ele foi um dos melhores espadachins do Ishjemme. Provavelmente apenas Jan era melhor, e ainda assim o Mestre dos Corvos aparou todos os ataques com facilidade. O sangue escorria dos ferimentos das garras de Hans, pingando em seus olhos, dificultando a visão. Hans piscou e o Mestre dos Corvos atacou.

Ele aparou os primeiros golpes por instinto, cedendo terreno. A defesa era sua única opção. Ele disse a verdade a Will quando disse que não havia como qualquer um deles vencer um homem como este.

"Você vai morrer em breve", o Mestre dos Corvos assegurou-lhe.

Hans sorriu de volta. "Todo mundo morre, mas a cada momento que vivo, meus homens e o povo de Ashton estão ficando mais longe de você."

"Então morra!" o Mestre dos Corvos estalou. Ele redobrou seu ataque, seu lâmina parecendo estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Passou pelas defesas de Hans, atingindo-o no braço, na perna, no ombro.

Hans ignorou a dor. Cada passo era outro momento em que os outros tinham que correr. Cada respiração era uma espécie de vitória em si. A essa altura, seus homens já estariam fugindo da floresta. Isso foi... A dor o atravessou, e Hans olhou para o comprimento de aço saindo de seu peito. Ele pensou em Ulf e Freya, imaginando se eles tinham encontrado um bom lugar para caçar no que viesse a seguir. Ele pensou em seu pai, e esperava que ele tivesse feito o suficiente...

"Do que você está sorrindo?" o Mestre dos Corvos exigiu.

"Vitória," Hans conseguiu dizer, quando a escuridão surgiu para reclamá-lo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Rika caminhou à frente de uma procissão de seu povo, liderando o caminho em direção ao castelo de Ishjemme. Era sua casa, e o lugar onde se sentia mais segura, mas mesmo assim sentia um pouco de medo. Não havia nada que impedisse aqueles leais a Endi de atirarem contra eles das paredes; nada para impedi-los de adicionar mais matança a tudo o que tinha acontecido antes.

"Fique firme, irmãzinha", disse Jan. "As pessoas estão te observando."

Rika assentiu, forçando-se a ser corajosa. Ela ficou à frente do multidão que tinha vindo com ela, esperando diante das portas do castelo, olhando para cima para ver se alguém estava olhando.

"Esta é a casa da minha família", ela gritou, "e um lugar de bem-vindo ao povo de Ishjemme. Abra o portão."

Ela esperou, e esperou, colocando as mãos nos quadris e batendo pé como uma mãe esperando que uma criança faça o que foi dito. Finalmente, lentamente, os portões começaram a se abrir.

As pessoas ao redor de Rika chegaram e ela foi com eles, liderando o caminho para o grande salão. Ela viu guardas ao longo do caminho recuando cautelosamente ou jogando suas armas no chão, mas Rika os ignorou. Quando ela chegou ao grande salão, as pessoas já estavam se aglomerando nele, obviamente esperando para ver o que aconteceria a seguir. Todo o lugar tinha a sensação de expectativa, mas também havia uma sensação de que muito permanecia incerto.

Rika foi ficar ao lado do assento do duque, virando-se para Jan.

— Você é mais velho do que eu, Jan, e foi você quem derrotou Endi. Você deveria ser duque."

Para sua surpresa, Jan balançou a cabeça.

"Sophia vai decidir, porque ela é nossa rainha. Até que ela o faça, eu acho que o as pessoas preferem que você governe."

"Mas-" Rika começou.

"**Eu** preferiria que você governasse também", disse Jan. "Eu poderia ter derrotado Endi em uma luta, mas você o enfrentou mesmo quando não podia lutar com ele. Você estava preparado para se dar pelo povo. Ninguém poderia pedir mais de um governante."

Rika olhou para as pessoas ali. Nenhum deles parecia estar contradizendo Jan, ou apontando qualquer uma das maneiras pelas quais ela sentia que

daria um terrível governante. Sem saber mais o que fazer, ela se acomodou na cadeira que tinha sido de seu pai.

A alegria que ela fez ecoou pelo corredor.

Rika esperou até que tudo se acalmou antes de falar. "Há muitas coisas para fazer aqui", disse ela, "e muitas feridas para curar. Não sei se sei fazer tudo isso, mas primeiro sei o que quero. Meu irmão Oli ia enfrentar Endi. Eu o quero de volta, agora, por favor.

Provavelmente era uma maneira educada demais para um governante colocar isso, mas Rika não conseguiu gritar ou exigir do jeito que Endi poderia ter feito. Se Oli estivesse ferido, no entanto... ela não tinha certeza do que faria então.

Os guardas correram para encontrá-lo, e Rika pensou em todas as outras coisas isso teria que ser feito lá.

"Muitas pessoas foram mortas", disse ela. "Isso precisa parar. Se as pessoas foram colocadas nas celas por enfrentar Endi, elas precisam ser libertadas. Se eles foram feridos, eu quero que os físicos sejam encontrados para ajudá-los. Se eles foram mortos... Rika sentiu a angústia daquele pensamento passando por ela. Talvez não fosse o que os líderes deveriam fazer, mas ela não podia evitar, e esperava que isso a tornasse uma líder melhor em alguns aspectos, porque um governante deveria ter compaixão por seu povo, não deveria? "Se eles foram mortos, faremos o que pudermos para ajudar suas famílias."

"E as pessoas que os mataram?" uma mulher chamou. "Elas matou meu marido! Eles deveriam morrer por isso!"

Vozes se ergueram em apoio, a raiva palpável.

"Ela está certa! Meu irmão estava no meio da multidão quando eles atacaram! Alguém deveria ser enforcado por isso!"

"Meu primo foi massacrado durante a noite!"

Rika se levantou, tentando manter a calma. "Meu pai foi morto", disse ela, não gritando, mas ainda alto o suficiente para que as pessoas pudessem nos ouvir. "Alguém conhece algum feitiço ou feitiço que possa trazê-lo de volta? Existe algum ritual onde todo esse sangue o ressuscitará dos mortos?"

Ela olhou ao redor, observando as pessoas ainda murmurando em sua raiva.

"Eu sei que você está com raiva", disse Rika. "Estou com raiva também, e triste. Muitas pessoas morreram e ficaram feridas. Meu próprio irmão me trancou e tentou me executar. Você pode imaginar o quanto isso dói?"

— E o que você vai fazer sobre isso? um homem atrás gritou.

Rika estava esperando adiar esse momento até que ela tivesse mais tempo para pensar sobre isso. Ela esperava que, se o deixasse por tempo suficiente, uma resposta

viria a ela que tornaria isso melhor. Talvez Sophia até voltasse e tirasse a decisão de suas mãos. Olhando em volta para a multidão, Rika podia ver que não funcionaria. As pessoas queriam ver a justiça feita, ou queriam vingança; Rika não tinha certeza de qual.

“Traga Endi aqui,” ela disse com um suspiro.

Eles arrastaram seu irmão para frente, os hematomas no rosto dos punhos de Jan já aumentando. Fazia o coração de Rika doer vê-lo assim, mas fazia doer ainda mais pensar em todas as coisas que ele tinha feito, e no que ele estava prestes a fazer com ela.

Doía pensar no que ela poderia ter que fazer com ele em troca.

“Então, Rika,” ele disse enquanto se aproximava do trono. “O que você vai fazer agora? Você vai me matar?”

Ele fez uma piada disso, como se todos soubessem que Rika era muito suave e muito gentil para contemplar a possibilidade de matar seu próprio irmão. Como se ele soubesse, apesar de tudo o que tinha feito, que iria se safar dessa.

“Eu deveria, Endi,” ela disse. “Depois de tudo que você fez, eu deveria.”

“Isso tornaria seu pequeno golpe completo”, disse Endi. “Seria-”

“Fique **quieta**,” Rika retrucou, levantando sua voz já rouca para que sua garganta doía. Seu irmão ficou em silêncio, um olhar de choque em seu rosto. “Desde que você voltou, todos tiveram que ouvir o que você diz. Tentei lhe dizer que o que você estava fazendo era errado, e você não me escutou. Oli tentou persuadi-lo, e você o ignorou. As pessoas tentaram se opor a você, e você as **matou**, Endi. Então agora você vai ficar lá e vai me ouvir, e você pode falar quando eu terminar.”

Rika não tinha certeza de onde encontrou forças para fazer tudo isso, mas encontrou. Ela continuou antes de perder a coragem.

“Eu não sei se você ordenou a morte de papai, se você sabia, ou se você apenas deu tantos segredos para a mulher que o matou que era quase a mesma coisa. Eu não me importo qual era. Assim como eu não me importo com sua bobagem sobre tornar Ishjemme forte, e ter que matar pessoas para mantê-lo assim. Você não faz uma terra forte atacando as pessoas que vivem lá.”

Rika balançou a cabeça, piscando para conter as lágrimas.

“Sabe a pior parte?” ela disse. “O pior é que eu acho que você realmente **acreditava** que estava fazendo a coisa certa. Que você pensou que se tornar um tirano era o que o pai teria feito. Bem o que

Pai teria feito com você? Você se arrepende de alguma coisa, Endi? Você se arrepende de uma única coisa?"

Endi ficou ali por vários segundos, e então murmurou alguma coisa.

"Diga para que as pessoas possam ouvir, Endi", disse Rika. "Você deve isso a eles. Você deve a eles **honestidade.**"

"Eu me arrependo de tentar te machucar," Endi disse, a tristeza aparecendo em cada palavra. "E Oli, e até mesmo Jan. Eu nunca quis machucar a família. Eu nunca quis que papai morresse, e eu **não** sabia, mas você tem razão, não faz diferença. Eu traí Ishjemme. Eu fiz isso para tentar salvá-lo, mas eu o traí."

Rika balançou a cabeça. "Não é suficiente, Endi. Você deveria se desculpar por todas as outras pessoas que morreram por sua causa. Vou perguntar de novo: o que papai faria com você?"

Endi ficou de pé. "Ele mandou executar assassinos. Traidores também. Faça isso, se quiser."

As mãos de Rika se fecharam nos braços do assento do duque... o assento da **duquesa** agora. Este foi o momento em que ela descobriu se ela tinha o que era preciso para governar. O problema era que ela não tinha certeza se sabia. Ela poderia realmente ordenar que seu irmão fosse morto, como ele ordenou sua morte?

Rika já sabia a resposta para isso.

"Eu não sou o pai", disse Rika, "e não sou você, então não vou mandar executar você, Endi."

Ela podia ouvir os murmúrios de descontentamento correndo pela multidão.

"Não!" ela disse. "Eu não vou mandar matá-lo, e também não vou mandar matar aqueles que o seguiram. Essa é a opção mais fácil, mas não significa que seja a **correta.**"

Ela se levantou, tocando a cicatriz em seu rosto. "Eu sofri tanto quanto ninguém graças ao meu irmão", disse Rika. "Mas se mergulharmos Ishjemme em sangue, e daí? Isso não nos torna melhores do que eles."

— Então você vai deixá-lo escapar impune? um homem atrás exigiu.

Rika balançou a cabeça. "Não. Vou tirar a coisa que ele mais ama." Rika apontou para o corredor. "Ishjemme, Endi. Você diz que agiu por isso? Bem, agora, você não pode vê-lo novamente. Você tem uma semana para juntar o que puder e deixar Ishjemme. Todos os homens que mataram em seu nome devem partir também. Você receberá suprimentos e poderá pegar o que é seu, mas se for encontrado aqui depois disso, sua vida será perdida.

Ela avançou, envolvendo-o no abraço mais apertado que conseguiu.

"Como irmã, eu te amo", disse Rika. "Mas como governante... meu irmão está morto."

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Endi caminhou até o cais em um silêncio atordoado, ainda incapaz de acreditar no que sua irmã tinha feito com ele. Ela poderia, **deveria** tê-lo condenado à morte. Isso teria sido um final mais gentil para as coisas de várias maneiras. Mais do que isso, teria dito a Endi que ele estava certo, teria mostrado a todos que a vissem proferir a sentença que Rika não estava fazendo nada além de roubar poder para si mesma.

Em vez disso, Endi teve essa caminhada lenta até as docas e o exílio que esperava além delas.

Ele tinha um pacote de pertences nas costas, embora não o suficiente para pesar muito. Algumas roupas, dinheiro suficiente para mantê-lo por um tempo ou deixá-lo comprar um negócio em alguma terra estrangeira, sua espada e muito pouco mais. Talvez ele pudesse ter aceitado a semana que Rika lhe ofereceu, mas isso parecia de alguma forma mais doloroso do que esta despedida rápida, rápida e final, sem volta.

"Eu fiz isso por Ishjemme", ele sussurrou para si mesmo, mas parecia uma meia verdade na melhor das hipóteses agora. Ele fez tanto por si mesmo quanto pela terra onde cresceu; tinha tomado o poder porque estava ali para tomar.

Haveria homens que o serviram nas docas, mas, por enquanto, Endi caminhava sozinho. Ele o fez apesar da multidão de pessoas que se alinhavam nas ruas, lá para assistir sua punição.

Eles não zombaram. Ele esperava zombaria. Francamente, ele esperava ter coisas jogadas nele quando ele passou. Em vez disso, a caminhada de Endi pelos espaços arborizados de Ishjemme parecia um funeral, com ele viajando para descansar.

"Diga alguma coisa", disse ele para a multidão que assistia. "Amaldiçoa-me! Me ameçou! Você sabe que eu mereço!"

Seria mais fácil se o fizessem. Isso iria lembrá-lo de que ele tinha feito o seu melhor diante de um povo cheio de ódio. Em vez disso, eles ficaram lá tão silenciosos quanto estátuas, o único som era o clique dos passos de Endi enquanto ele descia para as docas.

Havia pessoas que ele conhecia na multidão, é claro. Em um lugar do tamanho de Ishjemme, era impossível não existir. Ele reconhecia os rostos das pessoas com quem tinha rido e passado tempo, dado ordens, recebido relatórios. Nenhum deles reagiu à sua passagem, como se todos tivessem

decidiu que era a única maneira de evitar que as feridas que ele causou piorassem.

Ele **havia** causado ferimentos em Ishjemme. Endi não pretendia, mas sim; ele podia ver isso agora. Ele pensou que poderia melhorar as coisas e, em vez disso, só criou um peso de dor que só poderia ser contido por meio desse silêncio. Homens e mulheres viraram seus rostos para ele quando ele passou agora, como se até mesmo olhar para ele fosse demais para suportar.

Ele chegou ao cais, onde um navio estava esperando com velas pretas e uma bandeira sem emblemas. Nenhuma crista do clã Skyddar estava lá, nenhuma cor de Ishjemme. Proclamou seu exílio tão claramente quanto Rika no grande salão do castelo.

Ela ficou ali com Jan e Oli no cais, observando os procedimentos, tão silenciosa e quieta quanto qualquer um deles. Apesar disso, Endi foi até eles. Ele até inclinou a cabeça para Rika como sua duquesa.

"Você não precisa fazer isso, Endi", disse ela.

"Eu faço", ele assegurou a ela.

Rika balançou a cabeça. "Você não é mais um súdito de Ishjemme. Você não deveria se curvar para mim."

Essas palavras doeram como uma facada no peito poderia ter machucado. Endi engoliu a dor, determinada a não deixar transparecer.

"Mesmo assim, vai mostrar a quem me apoiou que aceitei sua regra", disse ele. "Isso ajudará a manter a paz, espero."

Ele esperava isso. Ele não queria mais violência em Ishjemme. Havia mais do que o suficiente por enquanto; por toda a vida.

Rika o abraçou, e este foi um abraço mais caloroso do que o do grande salão.

"Eu menti antes quando disse que você estaria morto para mim", disse ela.

"Eu te amo, irmãzinha", disse Endi.

"Eu também te amo. Eu gostaria que isso mudasse tudo isso."

Endi assentiu. Ele entendeu. Ele foi ficar na frente de Jan.

"Não tenho nada a dizer a você, Endi", disse Jan, sua voz dura.

"Achei que não", disse Endi, "mas tenho coisas para lhe dizer e, se nunca mais vou vê-lo, é melhor dizer."

"Acho que sim", disse Jan com um encolher de ombros.

"Você vai precisar ser forte, por Rika e por Ishjemme", disse Endi. "Eu fiz coisas para Ishjemme e para nossa segurança que... bem, que eu gostaria de não ter feito, mas eu

não podia ver outra maneira. Rika é muito mais forte do que eu imaginava, mas ela vai precisar de um bom espadachim ao seu lado.

Jan deu de ombros novamente.

"Estou orgulhoso de quem você se tornou, Jan", disse Endi. "Talvez se eu tivesse passado um pouco mais de tempo querendo ser um herói, as coisas não teriam chegado a isso."

"Mas eles fizeram", disse Jan. Mesmo assim, ele estendeu a mão para Endi apertar brevemente. Seus dedos ainda estavam doloridos com os golpes que ele desferiu no crânio de Endi.

Endi foi ficar na frente de Oli.

"Sinto muito", disse Endi simplesmente.

Oli sorriu tristemente, então estendeu algo: um livro, velho e rachado, com páginas amareladas.

"O que é isso?" Endi perguntou.

"A história de Johan Talltrees," Oli respondeu. "Dizem que ele foi escalado quando ele era jovem, e ele navegou pelo mundo, procurando novas terras, construindo lugares que as pessoas pudessem chamar de lar."

"Não há tantas novas terras para encontrar hoje em dia", disse Endi.

Oli inclinou a cabeça para um lado. "Suponho que todas as terras são novas quando você não esteve lá antes. Adeus, Endi.

"Adeus, Oli."

Foi preciso toda a força que Endi tinha para se forçar a subir a prancha de embarque do navio, de pé no convés e olhando para trás, para sua casa. Não, no que **tinha** sido sua casa. Endi tentou se lembrar disso, embora, mesmo enquanto o fizesse, soubesse que seu lar sempre estaria aqui, por mais que tentasse negar.

"Os homens estão a bordo", disse um de seus ex-guardas. "Aqueles que ainda são leais a você. E agora?"

O que agora mesmo. Endi não tinha uma boa resposta para isso. Uma parte dele queria escalar o mastro e se jogar para fora dele, porque pelo menos isso traria um fim rápido a isso, em vez de deixá-lo com uma vida inteira para carregar seus arrependimentos. Se não fosse o mastro, então ele poderia usar sua faca com a mesma facilidade. Ele o tirou agora, testando a ponta contra o polegar e estremecendo.

"Meu Senhor?" o homem disse.

Sangue seria uma penitência, mas havia outras. Se Endi ia começar uma nova vida, então ele poderia deixar para trás todos os vestígios da antiga.

"Traga água e sabão", disse ele.

Para seu crédito, o soldado não discutiu, apenas correu para obedecer à ordem. Endi ajoelhou-se no convés, esperando em silêncio até que chegasse e, assim que o fez, começou a ensaboá-lo, aplicando-o na cabeça em uma grande massa espumosa.

Raspar seu cabelo escuro com um canivete como este já teria sido difícil o suficiente em seus aposentos no castelo, com um espelho e qualquer ajuda que ele precisasse. Aqui, assim, significava que Endi cortava sua pele a cada dois golpes, até a água ficar vermelha. Ele continuou, cortando o cabelo e depois raspando o couro cabeludo, não parando até sentir a suavidade da pele sob as mãos.

Endi se levantou. "A partir deste dia, Endi Skyddar não existe mais. Eu sou Endi Sem Nome, Endi, o Traidor."

"Sim, meu senhor", disse o soldado.

Endi balançou a cabeça recém-raspada. "Eu não sou o senhor de ninguém agora."

Ele se levantou, de pé na amurada. Alguns da multidão começaram a se afastar, mas seus irmãos ainda estavam lá. Endi ergueu a mão em despedida e ficou surpresa ao ver que todos os três, até mesmo Jan, acenaram de volta.

Ele teve que se virar para que as lágrimas que ele podia sentir crescendo não o desmanchassem. Para que ele não voltasse correndo para sua irmã e implorasse que ela o condenasse, o jogasse em uma cela pelo resto de sua vida, se ele pudesse ficar.

"Tire-nos daqui", disse ele, sua voz falhando.

"Onde?" perguntou o soldado.

Endi olhou para o livro que Oli lhe dera. "Onde quer que possamos encontrar."

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

O cavalo de Sebastian sacudiu ao cruzar a charneca, indo em direção à neblina que era grosso à distância. Não era seu cavalo, apenas aquele em que o colocaram quando o nocautearam, mas mesmo assim o levou tão longe. Vincente e Asha andavam um de cada lado, como se estivessem se certificando de que ele não caísse de sua montaria.

"Só um pouco mais longe," ele disse para a criatura.

Eram as palavras que os mantinham em movimento, movendo-se na longa fila que se estendia quase até onde Sebastian podia ver agora. Apenas um pouco mais e eles estariam seguros. Apenas um pouco mais, e o Novo Exército não seria capaz de pegá-los. Só mais um pouco e chegariam a Stonehome.

Até onde aquelas palavras os levaram agora? Um olhar para os rostos das pessoas ao seu redor diziam a Sebastian que era muito longe. As pessoas que atravessavam a charneca pareciam abatidas e famintas, cansadas de um jeito que só vinha quando realmente não havia tempo para arriscar descansar. Mesmo enquanto Sebastian observava, um pequeno grupo se separou, indo para o norte em vez de continuar para o oeste.

"Eles estão indo para a costa", disse Vincente com a certeza de um homem que podia ler seus pensamentos. Ele estava apoiado em um longo mosquete agora enquanto caminhava, usando-o da mesma forma que outro homem usaria um bastão. "Eles não acham que você pode protegê-los."

"E eu poderia?" Sebastião respondeu.

"Se chegarmos a Stonehome, estaremos seguros."

A parte não dita disso surgiu na mente de Sebastian. Eles tinham que se apressar, porque o Novo Exército estava lentamente os alcançando. Os sons de uma batalha à distância, enquanto sua retaguarda procurava retardar o inimigo, não eram mais tão distantes. Cada milha extra era outra em que seus inimigos poderiam pegá-los.

Mesmo agora, uma parte de Sebastian se perguntava se ele seria capaz de atrasar mais as coisas se ele tivesse ficado, se ele ainda pudesse desacelerar as coisas pegando uma força e atacando o Novo Exército.

"Fazer isso não vai atrasá-los", disse Asha, obviamente não se importando que fosse rude olhar para seus pensamentos assim, "e de qualquer forma, estamos **quase** lá."

"Se eu tivesse ficado, eu poderia ter ajudado Will e Hans," Sebastian disse.

Asha balançou a cabeça. "Tudo o que você poderia ter feito era morrer ao lado deles. Você não poderia ter salvo nenhum deles."

"Isso é para me fazer sentir melhor?" Sebastião perguntou. "Porque realmente não."

"Eu não sou responsável por seus sentimentos", disse Asha, e desceu a fila para apressar as pessoas.

"Asha não é boa com as pessoas", disse Vincente, "mas ela tem razão. Você está fazendo mais bem aqui do que poderia ter morrendo. Assim, pelo menos, sua filha terá um pai."

Esse pensamento fez Sebastian sentar na sela, olhando para o local onde Cora e Emeline caminharam. Cora ainda segurava a pequena Violet, e não a soltou por mais do que alguns momentos que Sebastian tinha visto. Sebastian poderia ter ido pegar Violet e segurá-la, mas ele podia ver o quanto cuidar dela estava fazendo por Cora em sua dor, e de qualquer forma, ele duvidava que houvesse algum lugar no reino que ela estivesse mais segura. então.

"Estaremos **todos** seguros quando chegarmos a Stonehome", disse Vincente.
— Você também faz isso? disse Sebastião.

"Em Stonehome, as pessoas normalmente não se intrometem, mas se você não proteger seus pensamentos, eles assumem que estão abertos deliberadamente."

Sebastian olhou ao longo da linha. "E há muitas pessoas assustadas aqui que não têm como fazer isso e que provavelmente não reagirão bem se acharem que tudo o que pensam e sentem está sendo observado."

"Verdade", disse Vicente. "Vou tentar persuadir meu povo a agir com mais moderação."

"E Asha vai concordar?" Sebastião perguntou.

"Eu disse 'tentar' por uma razão."

Sebastian deixou isso para lá, porque havia coisas mais importantes agora do que discutir sobre como as pessoas se encaixariam; coisas como chegar a Stonehome em primeiro lugar. Eles estavam começando a entrar nas brumas agora, suas dobras grossas se espalhando sobre a fila de pessoas como um cobertor.

"Enviei uma mensagem com antecedência", disse Vincente. "Dê um segundo."

A névoa desapareceu como se queimada pelo sol. Deu a Sebastian seu primeiro vista de Stonehome à frente.

Era menor do que ele pensava, do tamanho de um vilarejo ou talvez uma pequena cidade em vez de uma cidade. Comparado com Ashton, mal estava lá e, quanto às defesas, o melhor que parecia ter era um muro baixo de pedra com uma vala.

correndo ao redor do corpo principal do assentamento. Não parecia suficiente para conter nem mesmo um pequeno corpo de soldados, muito menos todo o poder do Novo Exército.

Sebastian podia ouvir esse pensamento ecoando nos sons de descrença que ecoavam para cima e para baixo na linha.

"Muitas pessoas estão pensando em correr", disse Vincente. "Você deve dizer a eles que eles estarão seguros lá dentro, ou você os perderá."

"**Estaremos** seguros lá dentro?" Sebastião perguntou.

Vicente assentiu. "Stonehome é mais forte do que qualquer outro lugar neste reino. Não vai cair."

Ele parecia tão confiante sobre isso, e a verdade era que Sebastian não conseguia ver nenhuma opção para sua longa fila de refugiados.

"Escute-me!" ele chamou para as pessoas lá. "Stonehome pode não parecerá uma fortaleza, mas será um lugar seguro para nós. Para **todos** nós. Ele resistiu aos melhores esforços de minha mãe para derrubá-lo por anos. Nos pântanos, você não tem chance. Dentro de suas paredes, podemos sobreviver."

Foi o suficiente para manter a linha em movimento, e Sebastian correu ao longo dela para a entrada do povoado. Quando Cora e Emeline chegaram com Violet, ele se atreveu a dar um suspiro de alívio.

"Nós a levaremos para nossa casa," Emeline disse. "Ela estará segura lá, e você é bem-vindo para ficar."

"Obrigado," Sebastian respondeu. "Vocês dois."

Sebastian os observou partir, e continuou observando as pessoas entrarem nos limites do assentamento. Eles ficaram ali, sem saber mais o que fazer, à medida que mais e mais vinham. Seus soldados restantes os seguiram, recuando com o olhar exausto de homens que lutaram por muito tempo. Vários foram feridos, ajudados por seus companheiros.

"Isso é todo mundo?" Sebastian perguntou um dos últimos. Ele assentiu em silêncio.

"Não importa se há mais," Asha disse, chegando ao perímetro. "Não há mais tempo. Veja."

Ela apontou, e Sebastian viu a massa avançando do exército seguindo eles, cavalos velozes primeiro, mas com um corpo maior atrás dele que prometia quase toda a força que tinha vindo em Ashton. Comparado a isso, Stonehome parecia minúsculo.

"Tem **certeza** que este lugar pode aguentar?" Sebastião perguntou.

Asha riu, gesticulando para um círculo de pedra no coração do assentamento, onde um punhado de pessoas estava, concentrando-se. "Eles têm que nos encontrar

antes que eles possam lutar contra nós.”

Um segundo depois, a névoa começou a subir do chão novamente.

Em questão de momentos, era tão denso que era impossível ver o exército além dele, e Sebastian adivinhou que do lado de fora Stonehome estaria completamente perdido de vista.

“Se eles enviarem homens para nos encontrar, esses homens se perderão”, disse Asha. Ela puxou uma espada. “E então eles vão morrer. Vamos pegá-los alguns de cada vez. Mesmo que **ele** venha, há muitos de nós aqui.”

Ela parecia tão certa disso que era difícil não ficar tranquilizada, e Sebastian estava, pelo menos até ver os corvos descendo.

Eles vieram em um bando que escureceu a névoa, suas asas batendo um tambor padrão no ar, perfeitamente sincronizado, estranhamente poderoso. O ar que aquelas asas moviam soprou e soprou, transformando-se em algo mais forte, empurrando a névoa.

Sebastian não precisava ver o rosto pálido de Asha para saber que não era bom.

Um grito veio do círculo de pedra, e Sebastian viu um jovem cair, sangue saindo de seu nariz. Mesmo quando ele caiu, a névoa cintilou e desapareceu, soprada pelos corvos.

“O poder que deve ter custado a ele...” Asha disse em óbvia descrença.

“Ele acabou de massacrar o país”, disse Sebastian. “Ele tem poder de sobra.”

O Novo Exército estava espalhado diante deles agora, fileira após fileira pronta para um ataque. Mesmo enquanto Sebastian observava, as empresas mais próximas a eles começaram a avançar.

“E agora?” Sebastian disse, como as pessoas que ele pensou que ele trouxe para segurança começou a gritar de terror.

“Agora estamos de pé”, disse Asha. Ela parecia sombria, mas determinada. “Nós temos preparado para isso. Mais para o círculo!”

“A névoa não vai impedi-los de marchar”, disse Sebastian. “Agora não.”

Asha balançou a cabeça. “Nós podemos gerenciar mais do que a névoa.”

Homens e mulheres correram para o círculo de pedra, aumentando o cansaço pessoas já estão lá. Enquanto faziam isso, o Novo Exército continuou avançando, suas fileiras marchando ao som de tambores, seus soldados avançando com a certeza da matança que estava por vir.

Então o ar ao longo da borda da parede começou a estalar, e Sebastian vi-o brilhar dourado, cantarolando em paredes efêmeras entre os

pedras colocadas na borda de Stonehome. No entanto, não havia nada de fantasmagórico sobre eles quando o exército avançando derramou sobre a vala. Eles colidiram com o poder e caíram para trás, homens caindo em seus companheiros, alguns esmagados pelo peso dos homens atrás deles. O Novo Exército parou, olhando para aquelas paredes, e ao lado de Sebastian, Asha sorriu.

“Vamos ver alguns corvos explodirem *isso*.”

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Henry d'Angelica caminhou pelos terrenos das propriedades do duque de Axshire, dirigindo-se aos enterros que a família mantinha à beira. Era um local surpreendentemente tranquilo para os mortos, dado como a casa nobre média gostava de gritar sobre seus ancestrais: cercada por sorvas e freixos, protegida do resto da propriedade por um riacho murmurante que parecia ter sido colocado pelo mesmo paisagista que derrubara as árvores antes da casa propriamente dita.

Quanto ao cemitério, era um local de mausoléus e monumentos em mármore trabalhado e granito preto, variando do elegantemente simples ao desnecessariamente dourado e ornamentado. Uma estátua da Deusa Mascarada em seu papel de tomadora dos mortos estava em seu coração. Era o tipo de lugar que deveria deixar Henry inquieto, ou pelo menos desaprovar a falta de gosto das gerações anteriores, mas para ele, parecia pacífico.

"E é claro," ele disse em silêncio, "ele contém mais do que apenas os mortos."

"Henrique? Henrique, você está aí?"

A voz de Imogen, tão adorável quanto ela, apenas o som dela fazendo o coração de Henry dançar. Ele achava fácil deixar de lado velhos sentimentos, mas lá estavam eles, toda vez que ele ouvia a voz dela. Quanto a quando ele a viu...

"Você é uma visão hoje, Lady Axshire," ele disse enquanto ela se aproximava. Ela era, vestida de creme e ouro, sua escolha de vestido muito mais simples do que qualquer coisa que a maioria das damas da corte teria escolhido, mas Imogen poderia ter usado trapos e ainda parecia radiante.

"Lady Axshire?" disse Imogen. "Isso soa muito sério, Henry. Você vai me fazer chamar você de Vossa Majestade em seguida."

"Desculpe, Imi." Agora **que** era um apelido antigo. Um que ele provavelmente não deveria ter usado.

"Você não me chama assim desde a noite do festival da colheita antes de eu me casar", disse Imogen.

Henry conseguia se lembrar de cada detalhe daquela noite, desde o brilho do luar na pele de Imogen, até... não, ele tinha que pensar em outra coisa.

"O que você está me encontrando até aqui?" ele perguntou. "Eu pensei que você estaria na sala de estar, entretendo as senhoras da cidade local."

Era para isso que o vestido servia, provavelmente. Lembrando as esposas dos burgueses que a verdadeira nobreza não precisava das despesas que seus maridos faziam para alcançar a perfeição, ou talvez fosse apenas assim que o vestido...

"É sobre isso que estou aqui para falar com você", disse Imogen. "Temos mais visitantes."

Isso foi o suficiente para desviar a atenção de Henry. "Who?"

"Quase todos no reino", disse Imogen. "A cidade está enchendo com pessoas que fugiram de Ashton, enquanto todos os **nossos** quartos estão se enchendo de nobres. Earl Jalland está de volta, e Lord Quinsby, e... bem, você terá que ver por si mesmo. Loris está entretendo-os, e ele teria enviado um criado para buscá-lo, mas eu me ofereci. Eu disse a ele que provavelmente poderia encontrá-lo mais rápido do que qualquer servo.

"Você podia quando éramos crianças", disse Henry, pensando nos jogos que eles faziam quando eram pequenos. Eles estavam tão perto. Loris sabia o que estava fazendo quando enviou Imogen assim? "Espere, se todo mundo está vindo aqui..."

"Isso significa que você estava **certo**, Henry", disse Imogen. "Ashton caiu e as pessoas estão vindo **aqui** para apoiá-**lo!**"

Henry podia sentir o sorriso se espalhando em seu rosto. Ele sabia que Loris e Imogen não tinha compartilhado sua certeza de que isso aconteceria. Até ele teve seus momentos de dúvida, quando ficou sem nada para fazer a não ser dar uma olhada na biblioteca da propriedade e percorrer seus corredores. Agora, porém, ele sentiu a alegria que veio com a vindicação.

Henry recostou-se no memorial de algum duque de Axshire morto há muito tempo, respirando lentamente enquanto tentava entender o fato de que isso estava realmente acontecendo.

Imogen se aproximou dele. "Sinto muito por ter duvidado de você, Henry."

"Você duvidou de mim?" Henry disse com uma breve risada. Ele conhecia essa parte muito bem.

Imogen colocou a mão em seu braço. "Loris e eu pensamos... bem, nós não estávamos certo o que pensar, mas isso... se isso está realmente acontecendo..."

"É," Henry assegurou a ela. Ele havia trabalhado as possibilidades com o máximo de cuidado possível e sabia o que significaria a presença de tantas pessoas.

— Então o que ainda estamos fazendo aqui? Imogen perguntou, apenas um pouco timidamente. "Não deveríamos estar voltando para a casa? A menos que haja uma razão para você querer me manter sozinho aqui fora?"

Henry engoliu em seco, incapaz de evitar que sua mente seguisse o caminho que O tom de Imogen sugeriu.

"Estou aqui fazendo os preparativos", disse Henry. "Se Ashton caiu, então está acabado. Eu quero declarar **esta** a nova sede do governo do reino."

"Nossa pequena propriedade?" Imogen perguntou, levantando uma sobrancelha perfeita.

Henry riu disso. "Pouco? É uma das maiores propriedades do reino. Você tem uma casa que está a apenas um passo de ser um castelo e uma cidade próxima que poderia alojar um exército sem problemas."

"Será necessário?" Imogen perguntou, de repente séria.

Henrique assentiu. "Não consigo ver outra maneira de fazer justiça."

"Ainda tão motivado", disse Imogen. Sua mão subiu para acariciar sua bochecha. "Sabe, quando descobri que você estava perto dos túmulos da família, pensei que poderia ter feito isso por mim. Você se lembra da vez em que entramos furtivamente na cripta de sua família enquanto minha família visitava a sua?"

Henry conseguia se lembrar de cada momento de tirar o fôlego e de bater o coração. Deusa, mas ele queria Imogen naquele momento. Ele se aproximou dela, o sorriso de quem sabia dizer que ela sabia exatamente o que ele tinha em mente enquanto eles se encostavam na lateral de um mausoléu...

"Eu não posso," Henry disse, se afastando. "**Não** podemos. Loris é seu marido, e um dos meus amigos mais próximos."

"Eu não tenho certeza se ele se importaria," Imogen disse. "Eu juro que ele passa tanto tempo com as mãos do estábulo quanto comigo. Ele deve pensar que eu não sei, e a reviravolta é um jogo limpo."

Henry conhecia Loris o suficiente para saber que havia todas as chances de Imogen estar dizendo a verdade. Mesmo assim...

"Não é a mesma coisa", disse ele. "Não quando é você e eu. E não posso permitir que nada atrapalhe o que tenho que fazer. E isso... não seria **certo**. Você entende, Imogen?"

Seu suspiro dizia que ela entendia muito bem. "Henry d'Angelica, o único membro de sua família amaldiçoado para realmente **fazer a coisa certa**. Não sei se isso o torna cansativo ou galante. Ainda assim, a última coisa que quero é que você e Loris acabem travando algum tipo de duelo por mim. Mas... você não pode negar o que quer para sempre, Henry."

"O que eu quero agora é justiça para meu primo", disse Henry.

"E como estar aqui consegue isso?" Imogen perguntou, alisando o vestido. "Se você não está aqui para me lembrar dos velhos tempos, presumo que

você veio aqui por uma razão? Uma **boa** razão, se você não estiver correndo de volta para ajudar Loris a cumprimentar os senhores e senhoras que podem oferecer apoio.

"Há algo aqui", disse Henry. "Algo que faz parte do razão pela qual vim à sua propriedade."

"Você quer dizer além do tamanho, da cidade e das muralhas defensáveis?" disse Imogen. "Não fique tão surpreso. Eu **estava** ouvindo."

"Além disso", disse Henry.

Imogen deu de ombros. "Eu assumi que era porque Loris e eu éramos seus amigos mais próximos, e você precisava de um lugar para ir. Eu **esperava** que pudesse ter algo a ver com o fato de eu estar aqui.

"Tudo isso", disse Henry, não querendo ferir os sentimentos de Imogen mais do que ele provavelmente já tinha feito. "Mas há algo mais. Algo que estou procurando e que acho que pode nos ajudar a vencer isso."

— E você não mencionou isso antes? disse Imogen. "Eu teria pensado que em algum lugar na época em que você estava se declarando o rei legítimo teria feito isso."

"Eu queria ter certeza", disse Henry. "Eu tenho lido livros antigos, olhando pinturas antigas e, bem, cerca de uma dúzia de outras coisas além disso. Eu queria ter certeza de que tinha encontrado antes de fazer qualquer coisa."

"Que você encontrou **o quê?**" perguntou Imogen.

Henry sorriu e foi até um mausoléu que parecia mais antigo e mais simples que o resto. Uma placa ao lado declarava o local de descanso final de Lord Thomasin, primo do Terceiro Duque de Axshire. Sem esperar para ver a reação de Imogen, Henry levantou um pé e bateu na porta.

"Henrique! Você não pode simplesmente—"

Henry continuou chutando até ouvir um estalo na porta. Ele o rasgou, abrindo-o.

"Henrique!"

"Vou explicar em um minuto, Imogen", disse Henry, jogando a tumba aberta à luz. O interior do mausoléu estava praticamente vazio, exceto por uma figura em uma laje, armadura há muito enferrujada, carne reduzida a ossos. Apenas uma lança ao seu lado brilhava intensamente, tão imaculada agora como no dia em que foi forjada. Henry estendeu a mão para levantá-lo.

"Coloque isso de volta," Imogen insistiu, parecendo horrorizada. "Henry, você realmente foi longe demais. Se Loris estivesse aqui..."

"Então ele pode reconhecer o nome de um ancestral tão famoso", disse Henry, levantando a lança. O equilíbrio era perfeito, a cabeça ampla. "Embora eu

devo dizer que o nome me tirou um pouco do cheiro. Lord Thomasin, o primo em terceiro grau do duque? Essa é uma maneira educada de dizer que a família estava tão envergonhada por ele que nem usaria o nome que todos conheciam."

Imogen fez uma pausa. "Tudo bem, eu vou morder, mas é melhor que seja bom. Quem em o nome da Deusa Mascarada é Lord Thomasin?

"Ele era mais conhecido como Thom Witchbane", disse Henry.

Ele viu os olhos de Imogen se arregalarem.

"Mas isso significa que é..."

"Witchsnare," Henry disse. "Meus pais obviamente nunca me contaram as histórias, mas um dos servos costumava contar até ser dispensado. Uma lança que poderia proteger o portador dos poderes usados contra ele e retardar uma bruxa próxima à velocidade humana. Com isso, uma luta com um se torna um duelo contra um igual."

Imogen olhou para a lança como se não pudesse acreditar que estava lá. "Eu pensei que eram apenas contos infantis", ela respirou. "Mas se isso for real, podemos matar o Mestre dos Corvos."

Henry assentiu, embora não fosse o que ele estava pensando. Com uma lança assim, ele poderia fazer muito mais. Seria seu instrumento de justiça. Seria a lança que matou Sophia Danse.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

O Mestre dos Corvos se levantou, furioso com a impotência de seus exércitos. Ao redor dele, canhões rugiam, mosquetes latiam e homens atacavam Stonehome. Nada disso parecia fazer a menor moça nas paredes de poder que o lugar havia conjurado.

Um corvo voou para baixo de seu vôo circular, pousando em seu braço estendido. Ele grasnou seu desagrado em um tom que era muito fácil de entender, mesmo sem a conexão mental que ele tinha com seus pássaros.

"Eu sei", disse ele, mudando para uma língua com idade suficiente para que a maioria de seus soldados não entendesse, mesmo que ouvissem sobre os sons da batalha. "Eu **sei** que você está com fome."

O corvo grasnou novamente, e a necessidade estava lá mais uma vez.

"Eu sei", disse o Mestre dos Corvos. "O que mais você **quer** de mim?"

Em resposta, o corvo voltou-se para o povoado. Inesperadamente, o pássaro disparou em direção ao Mestre dos Corvos enquanto ele estava ali olhando, bicando sua bochecha, reacendendo a agonia da queimadura ali.

"Você **se atreve!**" ele disse, arremessando o pássaro dele e sacando uma pistola.

O pássaro recuperou o equilíbrio e pulou para longe sem sequer olhar para ele. O Mestre dos Corvos pensou em enfiar uma bola de chumbo em seu coração, mas isso não faria nada com a grande e faminta massa de outros corvídeos ali; não iria parar a necessidade constante que eles tinham de mais poder.

"Eles me chamam de seu mestre", ele sussurrou. "Eu não dominei você mais do que outro homem dominou a necessidade de beber."

Os pássaros deram tanto, mas a demanda deles era constante, urgente, nunca esmorecendo. Aqui e agora, ele podia sentir isso o atormentando, a presença da criança tão perto como deixar um banquete perto de lobos. Ele se virou para um ajudante.

"Convoque meus capitães," ele exigiu.

Demorou mais do que deveria, porque ele não queria correr o risco de enviar a mensagem através de suas criaturas.

"Diga-me por que um exército que acabou de esmagar uma cidade com facilidade não pode tomar uma **vila** glorificada ", ele exigiu.

"Meu senhor, nós poderíamos fazê-lo", disse um capitão do cavalo; o Mestre dos Corvos pensou que seu nome era Armand. "Mas parece não haver maneira de atravessar essa... barreira."

"As paredes podem ser quebradas, não podem?" ele insistiu.

"Não por qualquer método que tentamos", disse Charlin, seu comandante de engenheiros. "O tiro de canhão ricocheteia. Os morteiros poderiam disparar, mas não o derrubariam. Poderíamos tentar minar o muro, mas não há garantia de que ele não desça até o leito rochoso e, em uma charneca como esta, as condições de mineração são ruins de qualquer maneira."

"Desculpas", disse o Mestre dos Corvos.

"Com todo o respeito, meu senhor", disse o capitão Nars, que viu que as bruxas foram trazidas até ele. "Isso parece ser uma questão de magia. **Você** poderia fazer alguma coisa?"

"Se fosse tão fácil, você não acha que eu teria feito isso?" ele retrucou. Como ele poderia explicar a dificuldade de empurrar contra o poder de toda uma comunidade daqueles com magia? Ele foi capaz de derrubar a névoa, mas apenas forçando seu poder contra o mais fraco daqueles que o seguravam. Até isso parecia que custava muito caro.

Tudo isso estava custando muito caro.

"Voltem para suas unidades," ele comandou. "Vou pensar no que fazer a seguir."

Os homens foram, e o Mestre dos Corvos foi até o local onde sua auxiliares estavam erguendo sua tenda de comando. Ele entrou nele, sentado em uma cadeira de acampamento e tentando pensar. Isso foi mais difícil de fazer do que deveria ter sido, com sua bochecha latejando como estava.

Tanta coisa deu errado desde o início do ataque a Ashton. Houve este muro, e os ataques constantes e angustiantes em suas forças antes disso. Houve a explosão do canhão que o forçou a se esconder, e isso o fez pegar estilhaços de sua carne mesmo então.

Antes disso, houve a fuga de muitas das pessoas que seriam suas presas, porque ele estava ansioso demais em sua necessidade de chegar à criança.

Então havia a própria criança, e aquele toque ardente e agonizante...

"Você", ele retrucou, apontando para um assessor. "Traga-me um espelho."

"Meu Senhor?" o homem disse.

"Um espelho, agora!"

O ajudante apressou-se a obedecer, voltando com um espelho de mão de cabo de prata que ele poderia ter usado para se barbear. O Mestre dos Corvos olhou em suas profundezas, ignorando a maior parte do que viu lá, porque **isso** nunca mudou. Seu rosto era o mesmo agora que tinha sido quando isso começou, tantos anos antes.

Exceto por uma coisa.

A marca de queimadura se destacava em um vermelho raivoso contra sua pele, quase arroxeadada contra sua palidez normal. Era pequeno, mas doía como uma coisa uma dúzia de vezes seu tamanho. Um pequeno ponto de sangue estava no centro onde seu corvo o bicou, enquanto a forma geral dele era inconfundível: uma impressão de palma. O filho de Sophia

Danse o marcou com seu próprio **toque**, marcou-o como um **criminoso comum**, deixou o tipo de marca que outra criança poderia deixar com tinta, papel e dedos, apenas com poder, carne e **dor**.

O Mestre dos Corvos rugiu, pegando o espelho e arremessando-o para quebrar do outro lado da barraca.

"Meu senhor, está tudo bem?" perguntou o assessor.

"Está tudo bem?" o Mestre dos Corvos imitou, como um mynah pássaro zombando de alguém. "Está tudo **bem?**"

Ele se levantou, puxando uma lâmina e esfaqueando o homem, uma, duas, uma terceira tempo, a faca deslizando para dentro e para fora da carne com a mesma facilidade com que cortaria o papel. O homem caiu, e o Mestre dos Corvos estalou os dedos, convocando pássaros para cair sobre sua carne moribunda. Enquanto eles se alimentavam, ele sentiu o gotejamento de poder dele, e ele jogou esse poder na ferida, desejando que ela cicatrizasse.

Ele poderia dizer sem pedir outro espelho que não fazia diferença.

"Ninguém me feriu assim", ele murmurou. "E ainda uma **criança** faz?"

Ele havia sobrevivido a batalhas com inimigos que poderiam ter matado qualquer ser inferior. Ele havia sobrevivido à bruxa da fonte no longo jogo. Seus pássaros haviam devorado exércitos. Ele havia cortado um dos filhos de Lars Skyddar em pedaços com a espada e visto mais dois mortos antes dele.

Não foi o suficiente.

"Vá para os oficiais", ele ordenou. "Dê a ordem de que vamos recuar para Ashton."

Nenhum dos homens se atreveu a expressar surpresa, embora provavelmente tinha todos os motivos. Era uma decisão que parecia louca, mas a verdade era que a loucura teria ficado aqui, desperdiçando seu exército e seu poder em uma parede que não poderia ser rompida.

"Já perdi tempo e energia suficientes para uma criança", disse ele.

Uma criança muito especial. Uma criança que até agora brilhava como um farol em os olhos de seus corvos. Se pudesse, o Mestre dos Corvos devoraria

o poder daquela criança e espero que tenha sido suficiente para finalmente saciar o apetite de seus pássaros. Ele não podia, entretanto, então a coisa sensata era se retirar, governar em Ashton e comandar seu poder até que pudesse pensar em uma maneira de conseguir o que queria. Ele governaria um fantasma de uma cidade, até que chegasse o momento em que pudesse levar a criança.

Então ele faria um banquete, e nada o deteria.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

"Um de vocês deve morrer", disse a voz, "ou a porta permanecerá fechada, e as paredes permanecerão no lugar. Vocês todos morrerão juntos."

Sophia se jogou mentalmente, reunindo o poder que ela tinha, tentando alcançar além das paredes. Nada aconteceu.

"Você tem muito poder", disse a voz. "O suficiente para remodelar o mundo para melhor. Você quer morrer junto com seus irmãos? Você quer nunca mais ver sua filha?"

Sophia odiava esse pensamento, mas não saía de sua cabeça, e a voz não a deixaria sozinha.

"Você viria aqui, encontraria seus pais e voltaria para seu filho", dizia. "Você **quer** vê-la novamente? E Sebastião? Imagine como seria ver Sebastian de novo, abraçá-lo..."

Era tudo muito fácil de imaginar.

"Então escolha, Sophia," a voz disse. "Não deveria ser tão difícil. Você já enviou pessoas para a morte antes."

"Na batalha", disse Sophia. "E eles tiveram uma chance."

"Eles fizeram?" a voz perguntou. "Você sabia o quão perigoso era, mas você fez isso de qualquer maneira. Quantas pessoas morreram em Ashton só para que você pudesse ver Sebastian de novo? O que é mais um?"

"Eles são minha família!" disse Sofia.

"Violet é sua filha," a voz respondeu. "Você acha que Kate ou Lucas não se sacrificariam **alegremente** para que você pudesse vê-la novamente? Se algum inimigo imbatível corresse para você agora, um deles não daria a vida para que você pudesse voltar para sua filha?"

"Isso não é o mesmo", disse Sophia, sentindo a agonia enquanto ela estava lá.

"É **exatamente** o mesmo", disse a voz. "Você tem tantas pessoas esperando por você, dependendo de você. Lucas não tem nada. Kate nunca pode ser o que você é. Escolha, Sofia. Escolha, escolha, **escolha...**"

"Eu!" Sophia disse, chorando mesmo enquanto fazia a escolha. "Eu escolho a mim! Mate-me e deixe-os passar!"

O silêncio se seguiu, estendendo-se. Sophia ficou ali, imaginando o que estava acontecendo e **como** aconteceria. Doeria?

Ela piscou, e a parede do arco-íris se foi. Ela, Kate e Lucas foram ali de pé, todos vivos, todos saudáveis. Sophia correu até eles e os abraçou.

"Isso me fez escolher", ela conseguiu superar os soluços de alegria que eles estavam continua vivo. "Isso me fez escolher, e eu escolhi..."

"Eu mesma," Kate disse suavemente.

"Eu mesmo," Lucas concordou. "Acho que esse foi o ponto. Acho que esse foi o **teste**."

Sophia pode ter respondido a isso, pode ter dito a eles o quão cansada ela estava de testes e obstáculos, mas um som de raspagem chamou sua atenção.

Ela se virou para a porta dourada, onde a luz do sol parecia estar refletindo agora em um deslumbrante arco-íris de cores que a lembravam muito das paredes que a cercavam.

Lenta e pesadamente, ela começou a se abrir.

JÁ DISPONÍVEL PARA PRÉ-VENDA!



UM FECHO PARA HERDEIROS

(Um Trono para Irmãs—Livro Oito)

“A imaginação de Morgan Rice é ilimitada. Numa outra série que promete ser tão divertida como as anteriores, A THRONE OF SISTERS apresenta-nos a história de duas irmãs (Sophia e Kate), órfãs, que lutam para sobreviver no mundo cruel e exigente de um orfanato. Um sucesso instantâneo.”

--Resenhas de livros e filmes (Roberto Mattos)

A nova série de fantasia épica mais vendida nº 1 de Morgan Rice!

Em UM CLASP FOR HEIRS (Um Trono para Irmãs – Livro Oito), Sophia, Kate e Lucas finalmente conhecem seus pais. Quem são eles? Por que estavam no exílio?

E que mensagem secreta eles podem guardar para eles sobre suas identidades?

Enquanto isso, o Mestre dos Corvos devasta Ashton, Stonehome está em perigo e Sebastian deve encontrar uma maneira de levar Violet para um lugar seguro.

Será que Sophie, Kate e Lucas voltarão a tempo de salvá-los?

Eles vão voltar em tudo?

UM CLASP FOR HEIRS (A Throne for Sisters—Book Seven) é o livro 7 de uma deslumbrante nova série de fantasia repleta de amor, desgosto, tragédia, ação, aventura, magia, espadas, feitiçaria, dragões, destino e suspense de tirar o fôlego. Um virador de páginas, está repleto de personagens que farão você se apaixonar e um mundo que você nunca esquecerá.

O livro nº 9 da série será lançado em breve.

“[A Throne for Sisters] é uma abertura poderosa para uma série [que] produzirá uma combinação de protagonistas mal-humorados e circunstâncias desafiadoras para envolver completamente não apenas jovens adultos, mas fãs de fantasia adultos que buscam histórias épicas alimentadas por poderosas amizades e adversários. ”

--Midwest Book Review (Diane Donovan)



UM FECHO PARA HERDEIROS

(Um Trono para Irmãs—Livro Oito)

AGORA DISPONÍVEL!

Uma nova série!



TRANSMISSÃO

(As Crônicas da Invasão—Livro Um)

Do autor de fantasia mais vendido do mundo, Morgan Rice, vem a tão esperada estreia de uma série de ficção científica. Quando o SETI finalmente receber um sinal de uma civilização alienígena, o que acontecerá a seguir?

“Um ótimo enredo, o tipo de livro que você terá dificuldade em largar à noite. O final foi um cliffhanger tão espetacular que você vai querer comprar o próximo livro imediatamente só para ver o que acontece.”

—The Dallas Examiner (em relação a Amada)

“Mais uma série brilhante, nos imergindo em uma fantasia de honra, coragem, magia e fé em seu destino... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que amam uma fantasia bem escrita.”

—Resenhas de livros e filmes, Roberto Mattos, re Rise of the Dragons

“Uma leitura rápida e fácil... você tem que ler o que acontece a seguir e não quer largar.”

—FantasyOnline.net, re A Quest of Heroes

Um menino de 13 anos, morrendo de uma doença cerebral rara, é o único capaz de ouvir e decodificar sinais do espaço sideral. SETI confirma que é um sinal real.

Qual é a mensagem? Como o mundo vai reagir?

E acima de tudo: os alienígenas estão chegando?

“Recheado de ação.... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

– Publishers Weekly, re A Quest of Heroes

“Uma fantasia superior... Um vencedor recomendado para quem gosta de escrever fantasia épica alimentada por protagonistas jovens adultos poderosos e críveis.”

–Midwest Book Review, re Rise of the Dragons

“Uma fantasia repleta de ação que certamente agradará aos fãs dos romances anteriores de Morgan Rice, junto com os fãs de obras como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini.... Os fãs de ficção para jovens adultos vão devorar este último trabalho de Rice e implorar por mais.”

–The Wanderer, A Literary Journal (sobre Rise of the Dragons)

O livro nº 2 da série – ARRIVAL – também está disponível para pré-venda!

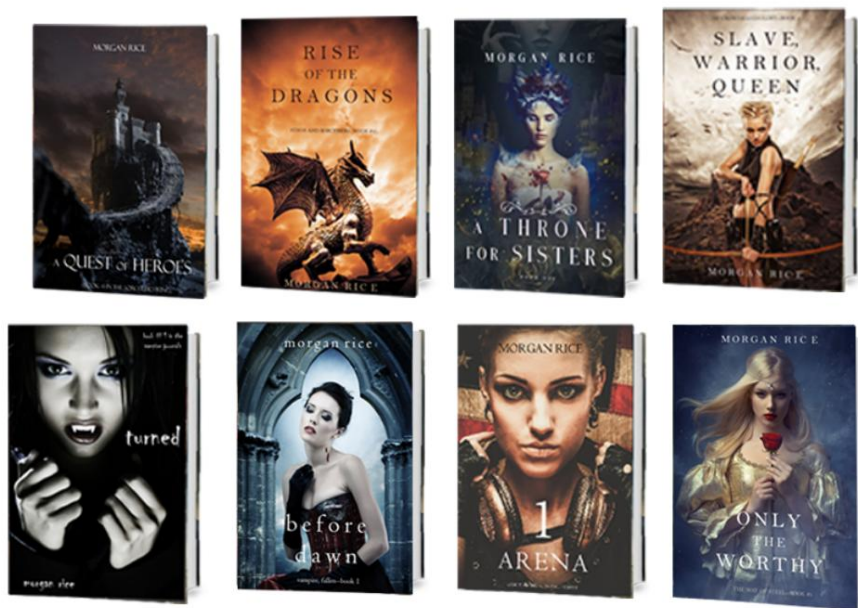
Também estão disponíveis muitas séries de Morgan Rice no gênero de fantasia, incluindo A QUEST OF HEROES (BOOK #1 IN THE SORCERER'S RING), um download gratuito com mais de 1.300 avaliações de cinco estrelas!



TRANSMISSÃO

(As Crônicas da Invasão—Livro Um)

Você sabia que eu escrevi várias séries? Se você ainda não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download de uma série inicial!



Livros de Morgan Rice

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro #1)

CHEGADA (Livro #2)

O CAMINHO DO AÇO

SÓ OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UM TRIBUNAL PARA LADRÕES (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃOS (Livro #3)

UMA LENDÁRIA PARA PRÍNCIPES (Livro #4)

UMA JÓIA PARA A REALIDADE (Livro #5)

UM BEIJO PARA RAINHAS (Livro #6)

UMA COROA PARA ASSASSINO (Livro #7)

UM FECHO PARA HERDEIROS (Livro #8)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVO, GUERREIRO, RAINHA (Livro #1)

LADRÃO, PRISIONEIRO, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HERÓI, TRAIADOR, FILHA (Livro #6)

REGENTE, RIVAL, EXÍLIO (Livro #7)

VICTOR, VENCEDO, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS VALENTES (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALOR (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS OUSADOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DOS REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro nº 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UMA CONCESSÃO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
O REGRA DAS RAINHAS (Livro #13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)
O PRESENTE DA BATALHA (Livro #17)

A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: SLAVERSUNNERS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)
ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, CAÍDO

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

OS DIÁRIOS DO VAMPIRO

TRANSFORMADO (Livro #1)
AMEI (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
DESTINADO (Livro #4)
DESEJADO (Livro #5)
NOIVOS (Livro #6)
PROMETIDO (Livro #7)
ENCONTRADO (Livro #8)
RESSURREITO (Livro nº 9)

DESEJO (Livro #10)

DESTINADO (Livro #11)

OBSSESSED (Livro #12)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é o autor best-seller nº 1 e best-seller do USA Today de a série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série de best-sellers #1 THE VAMPIRE JOURNALS, composta por doze livros; da série best-seller nº 1, A TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série épica de fantasia REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por 8 livros; da nova série épica de fantasia A TRONO PARA IRMÃS, composta por oito livros (e contando); e da nova série de ficção científica AS CRÔNICAS DA INVASÃO. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições impressas e em áudio, e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADO](#) (Livro #1 nos Diários de Vampiros) [ARENA ONE](#) (Livro #1 da Trilogia Sobrevivência) e [UMA BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 no Anel do Feiticeiro) e [A ASCENSÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros—Livro #1) estão disponíveis para download gratuito na Kobo!

Morgan adora ouvir de você, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de e-mail, receber um livro gratuito, receber brindes gratuitos, baixar o aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, conectar-se no Facebook e Twitter e manter contato!